

1938 = XI e XII  
3.000

1938 - 11 / 12  
21

Revista

da

ACADEMIA MATTOGROSSENSE  
DE LETRAS

Anno  
VI  
—  
1938



Tomos  
XI  
e  
XII

CUIABÁ  
Escolas Profissionais Salesianas  
1938

SUMMARIO

Mensagem aos Homens de Letras — *D. Aquino Corrêa.*  
Influencia de Matto-Grosso na Literatura brasileira — *V. Corrêa Filho.*  
O primeiro Natal — poesia — *D. Aquino Corrêa.*  
Deslumbramento — Luar nas "Tres Pedras" — As cigarras da Aldeia — Pi-  
co do Amor — Velha Chacara — Duas Edades — sonetos — *José de Mesquita*  
Triptico camoneano — sonetos — *Allyrio de Figueiredo*  
Da "Imitação de Christo" — poesia — *Augusto Cavalcante*  
Ao Soldado Mattogrossense — poesia — *Lamartine Mendes*  
10 de Novembro — poesia — *Augusto Cavalcante.*

**CENTENARIO DE COUTO DE MAGALHÃES:**

Discursos dos Academicos *José de Mesquita, Philogonio Corrêa* e do  
Governador *Julio Müller*  
Conferencia do academico *Severino de Queiroz*  
Paginas da minha infancia — *Arnaldo Serra.*  
Sinos de Cuiabá — *Rosario Congro.*  
O poeta das Illusões — *Ullysses Cuiabano.*  
Joaquim Mendes Malheiros — *Francisco Mendes.*

**A FESTA DA AMIZADE:**

Discursos dos academicos *Oscarino Ramos* e *José de Mesquita*  
Uma temporada no quartel — *Philogonio Corrêa.*  
Instrucção Publica em Matto-Grosso — *Franklin Cassiano.*  
Cidades Marinhas — poesia — *D. Martins de Oliveira.*  
Destinos — poesia — *Lobivar Mattos.*  
No fim do caminho — soneto — *A. Costa.*  
Senda — poesia — *Aureo Contreiras.*  
A Rosa tem virtude — poesia — *J. Bonifacio de Albuquerque.*

**PAGINAS DOS MESTRES:**

Classicos Brasileiros — *Laudelino Freire.*  
Sol das almas — *Martins Fontes.*

**PAGINAS FEMININAS:**

Fundação de Cuiabá — Conferencia — *Maria A. Müller*  
Dôr — soneto — *Glorinha Novis.*

**PAGINAS DOS NOVOS:**

Aspectos da Literatura mattogrossense — *Rubens de Mendonça.*  
Cartas abertas — *J. B. Martins de Mello*  
Poêma a Cuiabá — *J. Hamilton*  
Paisagem carioca — *Caraciolo de Oliveira.*  
Poêma carioca — *Guy de Mesquita*  
Minha terra — *Nadir Lodolf.*  
Letras mattogrossenses — *Didio de Figueiredo.*  
II Congresso das Academias de Letras.  
Actas da Academia Mattogrossense de Letras

**Mensagem**  
**AOS HOMENS DE LETRAS**

**LIDA POR D. AQUINO CORRÊA AO MI-  
CROPHONE, NA ACADEMIA BRASILEIRA,  
EM SESSÃO DE 14 DE DE JANEIRO  
DE 1937**



### Senhores Academicos!

Ao falar desta tribuna da Academia Brasileira, tenho a impressão de que, fechado embora neste breve recinto, ouve-me toda a intellectualidade da nossa Patria. Nem cuideis se deva tanto o milagre ao poder mysterioso e magico do radio, quanto ao prestigio dos vossos nomes, que não somente representaes a flôr do pensamento nacional, senão tambem, á semelhança dos grandes mastros, accumulando os fluidos electricos, attrahir todas as atenções do nosso mundo bem pensante, que em meio á tempestade das paixões e criticas desencontradas, accende em vossas frentes, os santelmos luminosos da admiração e da gloria.

Bem de imaginar é, pois, a responsabilidade, que em tal circumstancia ha de sentir um arcebispo, unico, ademais, pertencente ao Cléro em vossa douta companhia, e para quem toda e qualquer tribuna, mesmo sem a eminencia, a distincção e a aristocracia desta, que ora occupo, deve de ser sempre sagrada. Assim é que recearia profanar estas alturas, que têm para mim algo da montanha, e onde, portanto, a palavra ha de elevar-se tambem, a exemplo do serrão do monte, recearia profanal-as,

repito, se em hora tão grave qual a que vivemos, para aqui trouxesse assumptos, por mais importantes que fossem, mas que não passassem dessas questões, que vão apenas da orthographia á syntaxe, ou da philologia á estylistica.

De outro lado, porém, tenho medo de entrar aqui em theses, que entendam com a vida, e por isso mesmo, com a moral e a religião, persuadido como estou, de que não é facil tratalas em assembléas como esta, que não sois apenas vós, como já disse, mas todos os intellectuaes do Brasil, alguns dos quaes sorriem ante a convicção dogmatica, com que sóem os catholicos versar materias de fé e costumes.

## MITRAS ACADEMICAS

E aqui me occorrem os amenos conceitos, com que ao discurso de posse do segundo arcebispo nesta Academia, se referiu o saudoso confrade Humberto de Campos, que os atirou jovialmente á batina academica, como se fôra uma satyra amavel á maneira de Horacio, de quem já se disse que usava para chibatear uma vergasta de rosas: *usa sferzando uno staffil de rose*. E uma vez que se me dá o ensejo, delle quero valer-me para dizer toda a minha gratidão á memoria do brilhante escriptor, porquanto devo confessar-vos que não levei em conta a chibata florida, mais colhi maravilhado as lindas rosas, que apezar dos espinhos velados da censura, considero, em toda a verdade, um dos mais bellos florões da minha pobre carreira literaria.

Ahi, entre outras coisas mais serias, dizia elle que o arcebispo "não tergiversára sequer, no discurso de pos-

se, que proferira na Academia, em condemnar, perante um publico de peccadores elegantes, a belleza literaria inspirada pelo peccado". Humberto exaggerava. E mais se lhe nota o exaggero, quando, desde o inicio do artigo, alludindo aos dois arcebispos academicos, classificava do seguinte modo, o illustre quadro da nossa Academia: "São, assim, na lista academica, os unicos filhos legitimos de Deus e da sua Egreja. Alguns outros são filhos naturaes da Egreja ou de Deus. O resto, alli, pertence ao Diabo."

Como quer que seja, Senhores, o certo é que, ainda ha pouco se nos deparou aqui, nesse terreno, a proposito dos P. E. N. Clubes, uma discussão, em que me senti solicitado a depor, tendo-me, porém, abstido, por se me afigurar pouco opportuno e propicio o momento. Peço vénia, pois, para fazer agora o que então não fiz, tecendo algumas ponderações, na esphera alta e serena das idéas, e naturalmente, sem nenhuns intuitos de sermão ou parenese, mas com o só desejo de esclarecer a posição dos catholicos, que póde, ás vezes, tornar-se desagradavel a elles proprios, não menos que aos outros. E a razão é que, em occasiões que taes, avulta, desde logo, a nota classica de intolerancia, a estigmatizar-lhes, como um ferrete, a extranha attitude. Vejamos, pois, se um "filho legitimo" da Egreja logra, de alguma fórma, elucidar este ponto.

## INTOLERANCIA DE PESSOAS

Senhores! Apprendicom os velhos mestres escolasticos, que um dos recursos mais frequentes nas justas cavalleirescas do espirito, ha de ser a distincção logica dos termos: assim aconselhavam elles no final dum conheci-

do hexametro didactico: *distingue frequenter*. Onde quer que se insinue a confusão, ali se impõe ella. E não raro, nos dá, de véras, a sensação dum raio de sol em plena treva. Ora, um dos vocabulos mais confusos da linguagem polemica, é precisamente a intolerancia, em se applicando ao catholicismo. Tanto assim que podemos distinguil-a não em duas, mas em tres especies, que para maior clareza ou effeito graphico e mnemonico, designarei por tres pês: intolerancia de pessoas, de palavras e de pensamentos.

Nada mais antichristão do que a intolerancia de pessoas. Basta abrir os Evangelhos: Jesus levou nesse terreno a tolerancia a tal auge, que scandalizou os phariseus, mas affrontando-lhes embora a indignação e o desprezo, achegou-se aos publicanos e peccadores. Por isso muita razão teve o nosso amavel confrade o Sr. Felinto de Almeida, quando, ao ser condecorado nesta casa pelo Sr. Claudio de Souza, com as insignias de livre-pensador, aparteou dizendo que nem por isso deixa de ser amigo de muitos catholicos. E eu posso acrescentar, que não somente S. Ex. é amigo de muitos catholicos, mas tambem, reciprocamente, são seus amigos muitos catholicos, entre os quaes timbra de não se ter em ultimo, quem fala neste momento. Não é, pois, essa a intolerancia, de que se possa accusar o catholicismo, porque ninguém menos catholico nem mais intoleravel, do que um catholico intolerante para com as pessoas.

### ...DE PALAVRAS

Em segundo logar vem a intolerancia de palavras comprehendendo-se nesta expressão, toda a intolerancia no modo de expôr ou defender a doutrina. E esta egu-

mente, longe de a praticar, hade condemnal-a quem quer que se preze de verdadeiro catholico. Mestre das controversias catholicas, investido officialmente nesse titulo pelo Papa reinante, é São Francisco de Sales. E é elle proprio quem nos diz que o polemista, que se enfada, torna suspeita a sua causa. A luz da verdade, ensina ainda elle, não se dardeja aos olhos do adversario, com perigo de cegal-o; faz-se-lhe alvorecer de mansinho. E tamanho era o seu cavalheirismo, que desejava tratar os contendores, não somente com luvas, mas luvas perfumadas. E aqui vêm a proposito aquellas duas palavras, com que os livros santos definem a acção da Providencia no governo do mundo: *fortiter* e *suaviter*, as quaes bem se podem applicar ao floreio elegante da dialectica, na mão dos paladinos da causa catholica: firmeza na verdade, gentileza no defendel-a. *Fortiter in re, suaviter in modo.*

### ...DE PENSAMENTO

Esta firmeza na verdade nos leva naturalmente a considerar a terceira classe de intolerancia, que é a do pensamento. E esta, sim, meus Senhores, devo confessar-vos que o catholicismo, não somente a professa, mas della faz timbre nas armas heraldicas do seu apostolado, outra coisa não sendo ella, senão a intolerancia do erro. E não ha condescendencias nem amizades, que valham a justificar a admissão do erro, um só que seja. Já dizia Aristoteles que, com ser amigo e admirador de Platão, não deixava de o ser, e anida mais da verdade: *Amicus Plato, sed magis amica veritas.*

Muitos, todavia, nem com essa intolerancia se conformam, e a razão se me antolha obvia: é que não admittem a verdade integral dos dogmas do christianismo, Diante destes, a situação dos catholicos continúa a ser

aquella mesma de Jesus em presença de Pilatos: ante a convicção, com que o Christo falava da verdade, que viéra revelar ao mundo, pergunta-lhe o procurador da Judéa, com um sorriso de humorismo, que bem se lhe advinha nos labios: “E que vem a ser verdade?” *Quid est veritas?*

E, effectivamente, para os que vêem na doutrina catholica, a par de algumas verdades, não poucas superstições e crendices, nada mais insupportavel que a presumpção, com que a proclamamos e defendemos contra tudo que lhe repugne. Mas, por outro lado, se o catholico convencido como deve estar, dessas verdades, a ponto de, no dizer de Pascal, deixar-se degolar por ella, não praticasse essa intolerancia, daria bem triste prova da sua convicção, ou melhor, documentaria o sua incoherencia. Tolerar idéas contradictorias, é proprio só de espiritos, que ainda não se firmaram na verdade. Ha-de se, pois, fazer justiça aos catholicos, reconhecendo, ao menos, a coherencia da sua attitude: verdade e erro não se toleram entre si, repellent-se: *hurlent de se trouver ensemble.*

## FORMULAS CLASSICAS

O que vos eu acabo de expôr, não é meu, nem novo: acha-se já admiravelmente crystallizado, ha 16 seculos, naquella formula classica de Santo Agostinho, que assim reza: *Amae aos homens, destrui os erros, certos, mas não soberbos de possuir a verdade, e luctando, mas sem paixões, por ella!* — *Diligite homines, interficite errores: sine superbia de veritate praesumentes, sine saevitia pro veritate certantes.*

Não se pense, entretanto, que tudo no christianismo sejam dogmas: existem ahi tambem não poucas theses incertas e duvidosas. A intolerancia, de que fala-

mos, circumscreve-se aos dominios do dogma: fóra dahi, ha liberdade de pensamento. E' o que lapidarmente, como costumava, fixou o mesmo Santo Agostinho neste brocardo, que tão de molde vem ao nosso assumpto: *in certis unitas, in dubiis libertas, in omnibus caritas.*

Nem será por demais, Senhores, frisar aqui melhor esta liberdade de pensamento, para que se não cuide que, em se tratando de dogmas, desapareça ella, de todo em todo, o que seria falso. Basta para isso, distinguir na fé o seu acto e o seu objecto. O acto de fé é sempre livre, essencialmente livre, tão livre que sem liberdade não pode existir a fé: ou se crê livremente, ou não se crê. Daqui a estulticia da fabula do "crê ou morre"! O objecto da fé, este, sim, é que exclue a livre escolha, não podendo ser outro que a verdade.

Do que ahi fica dito, uma conclusão resalta de grande alcance pratico, ou seja a differença que vae entre as varias associações, no tocante á liberdade de pensamento. E é que umas arvoram em principio essa liberdade, ao passo que outras, como felizmente a nossa Academia, della prescindem. Muito menos que aquellas, divergem estas do ideal catholico. E muito melhor, portanto, se comprehende possa um catholico fazer parte das segundas, que não das primeiras.

## NEO—HUMANISMO

Não era, porém, isto, Senhores, que trazia em mente dizer-vos: levou-me demasiado longe a digressão, e della vos peço mil excusas.

O de que vos quero falar, é thema que muito mais de perto nos interessa, assumpto vivo e fresco de actua-

lidade, movimento eminentemente literario, que se me afigura hoje uma dessas correntes do pensamento universal, que por vezes orientam a alta mentalidade de toda uma época da historia, da mesma fórma que os ventos das alturas voltam para o mesmo quadrante do céo, todas as frondes das palmeiras erguidas no pincaro da serra.

Refiro me ao moderno humanismo, assim chamado pelas suas afinidades com a escola dos humanistas, que no seculo XV fizeram a Renascença. Como todos sabem, outra coisa não foi a Renascença senão um retorno á cultura classica, onde o espirito daquelle seculo, fatigado, talvez, pelas altissimas lucubrações philosophicas da idade média, fôra buscar nas inspirações maviosas das musas gregas e latinas, o repouso e o prazer duma belleza menos abstracta nas letras e nas artes.

E como entre os latinos esses estudos literarios se chamavam humanos, *humaniores literae*, dahi foi que derivou o nome de humanistas aos próceres do Renascimento. Os velhos humanistas, comtudo, não accentuaram bem o character humano da cultura literaria, a que justamente se déra a denominação bellissima de "humanidades", por isso mesmo que devem tornar o homem mais humano, mais homem, desenvolvendo e aperfeiçoando nelle, tudo aquillo que o distingue das brutas alimarias. Nisto é que vae a grande differença entre o antigo e novo humanismo, revelando, desde logo, a excellencia incomparavel deste sobre aquelle. O humanismo contemporaneo, de facto, quer se caracterizar pela finalidade suprema, a que visa, da perfeição humana, e comquanto nem todos convenham no mesmo conceito dessa perfeição, não deixa ella de ser o ideal mais digno de inspirar toda e qualquer escola literaria ou artistica.

E posto que floresça já sobre a matéria uma farta literatura, baste-nos lembrar dois livros, que parecem resumir toda a tendencia humanistica do actual momento.

O primeiro é *L'humanisme et l'humain*, de Charmot, em que tão bem se lançam os principios da nova escola, mostrando ao mesmo passo as suas attinencias com o humanismo de antanho; o segundo é o *Humanisme intégral*, de Tiago Maritain, em que se diria que o autor tirou as ultimas consequencias do moderno humanismo, na sua fecundidade integral a bem da humanidade. Poder-se-ia tambem citar aqui a recente obra, não menos interessante no seu genero, de Aleixo Carrel, *L'homme, cet inconnu*, em que se sente não sei que repercussão do humanismo nas vastas e maravilhosas provincias da sciencia medica, apesar de que nem todas se lhe possa subscrever as opiniões e alvitres.

## O MEU HUMANISMO

Pondo, porém, á margem quaesquer outras modalidades do moderno humanismo, é meu intento esboçar-lhe apenas o aspecto literario, que mais directamente diz respeito á Academia, humanismo, aliás, que não sei se corresponda bem á realidade, mas é como o eu entendo e prezo, e estaria quasi a chamar-lhe, por isso, "meu humanismo."

Tres elementos apraz nelle distinguir, que designarei com os nomes de principio, meios e fim. Principio essencial de todo e qualquer humanismo, quer-me parecer que seja o culto da belleza. De nada se preocupavam tanto os humanistas, como da fórmula e elegancia do estylo. O que os encantava nos prosadores e poetas classicos da antiguidade greco-latina, não eram tan-

to as idéas, quanto a arte de exprimi-las com belleza. O verdadeiro humanista sempre foi, nem pode deixar de ser, antes de tudo, um estheta da palavra. Assim, pois, tenho para mim que prescindir da belleza literaria na definição do humanismo, o mesmo fôra que desnaturá-lo.

E se inquirirmos agora os meios, a que se deve socorrer o candidato ao humanismo para adquirir essa arte da palavra, não será talvez despropositado lembrar o que do poeta já dissera Horacio: nem cultura sem talento, nem talento sem cultura. Da mesma maneira, penso eu, nem todos, mas só os dotados dessa "rica veia", *divite vena*, de que fala ahí o poeta, podem aspirar á perfeição literaria propria dum humanista. E a este não ha outra recommendação geral a fazer, senão aquella do mesmo cantor da *Arte Poetica*, que deixou escripto: *Scrībendi recte sapere est et principium et fons*, ou seja, pouco mais ou menos, em linguagem,

Não ha bem escrever,  
sem estudo e saber.

Mais digno de nota, porém, é o que em seguida accrescenta o velho mestre, aconselhando aos discipulos, nada menos que a doutrina de Socrates e dos philosophos: *Rem tibi Socraticae poterunt ostendere chartae*. Que de mais util se poderá inculcar ainda hoje aos novos humanistas, hoje sobretudo, que á mingua de formação philosophica, vae perdendo tanto em clareza e profundidade, a palavra dos pensadores?

Finalmente, descendo mais ao particular da elocução e do estylo, manda Horacio os seus alumnos manusearem noite e dia os grandes modelos gregos:

*Vos exemplaria graeca  
Nocturna versate manu, versate diurna.*

## HUMANIDADE CLASSICA

E aqui se nos offerece, como de per si mesma, a famosa questão do ensino das letras gregas e latinas, tão intimamente ligadas á historia do humanismo. Pergunta-se: dever-se-á, ainda hoje, seguindo a orientação do Venusino, prescrever aos humanistas o meneio das literaturas da Grecia e do Lacio? Ou por outra, serão esses estudos essenciaes ao humanismo? E respondo: no sentido historico do humanismo, não ha duvidar, por quanto foi essa precisamente a sua razão de ser; mesmo, porém, falando em absoluto, estou que o humanista não possa abstrahir desses estudos, e tanto mais tal será elle, quanto mais nelles se aprofundar. Por isso é, talvez, que se vae notando um bello refflorir das humanidades classicas, a coincidir auspiciosamente com a florescencia do neo-humanismo, que embora norteadado por ideaes superiores, tem as raizes no humanismo da Renascença.

Propagandista ardoroso e culto desta reabilitação das humanidades, acaba de surgir nos meios pedagogicos do Paíz, a figura moça de um jesuita, o Padre Arlindo Vieira, que nisso, alías, bem representa as tradições gloriosas da Companhia de Jesus, em cujos collegios o programma de ensino, a celebre *ratio studiorum*, sempre reservou logar de honra aos classicos de Roma e da Hellade.

Propugnando especialmente o restabelecimento do latim e do grego entre as materias do curso secundario, publicou já o douto sacerdote tres valiosos volumes, num total complexivo de 963 paginas, de cada um dos quaes tenho hoje a satisfação de entregar á Academia um exemplar, pelo proprio autor a ella dedicado em homenagem.

O que mais conforta, porém, é sentir o éco sym-

pathico, que vae despertando essa campanha em nossas altas camadas literarias, tendo-se já pronunciado francamente a favor da mesma, varios dentre os mais illustrados academicos desta casa, os Srs. Amoroso Lima, Celso Vieira, e como era de esperar, o Barão de Ramiz Galvão, que foi no Brasil, como sabeis, o continuador de Totphaeus e Schiffler no ensino das bellas letras hellenicis, por elle cultivadas a ponto de nos dar em versos vernaculos uma preciosa traducção do original do "Prometheu acorrentado" de Eschylo.

A este côro magnifico, que já hoje se alarga por todas as nações mais civilizadas, é que tambem quero ter a honra de juntar, inexpressiva embora, a minha voz, pugnando em nossas escolas secundarias, por um ensino efficiente do latim e do grego, que tenho em conta de utilissimos, senão indispensaveis, á formação humanistica do homem de letras. E isto por motivos que reduzirei a tres, conforme passo a expôr.

## TRES ARGUMENTOS

Primeiro, estou convencido, como é, aliás, opinião geral dos entendidos, constituirem os estudos classicos uma especie de gymnastica intellectual, que prepara o espirito jovem para toda a sua actividade futura, do mesmo modo que a gymnastica physica, praticada na adolescência, produz durante a vida inteira, os seus beneficos effeitos. Formar assim a intelligencia para que possa melhor funcionar, é bem mais importante que embutir-lhe desde logo muitos conhecimentos, ou como dizia Montaigne, mais vale uma cabeça bem feita que bem cheia.

E' o que já fazia notar a certos paes utilitaristas o Professor Arnold: "A questão, ponderava elle, não é saber

o que vosso filho vae fazer do latim, mas o que o latim vae fazer de vosso filho." *The question is not what your boy will do with latin, but what latin will do for your boy.*

Segundo, só ignorancia ou má fé póde negar que o trato intimo com os grandes luminares das duas linguas classicas, seja, por si só, uma escola de belleza literaria, insubstituivel pelae versões, porquanto, além de que *traduttore traditore*, traducções são sempre traducções, e não passam de copias, que por melhores que sejam, nunca suppreem originaes dum Phidias, dum Miguelaugelo, dum Raphael ou dum Rembrandt.

Terceiro, finalmente, e é a razão principal, *last, not least*, ninguem ousa contestar a utilidade maxima, ou digamol-o mesmo, a necessidade do latim e do grego para o conhecimento perfeito da lingua portugueza. Ponto é este, sobre que se poderia adduzir legião de testemunhas; mas valha por todas uma, cuja autoridade e cuja expressão hyperbolica bem mostram a importancia da verdade, que affirma. Foi o Visconde de Castilho quem disse não acreditar que "sem muito latim, possa haver nem um pouco de portugûês". Ora a lingua vernacula é para o humanista, o que era a panoplia sagrada para os cavalleiros andantes.

## IDEAL SUPREMO

Para os néo-humanistas, porém, ha de ser ella ainda mais, porquanto não é apenas a philologia, a grammatica ou a estylistica, senão tambem um dos mais importantes factores sociologicos, cujo valor me apraz firmar aqui numa sentença duplamente veneravel, por isso que não só vem dum dos maiores genios da humanidade, qual foi Santo Agostinho, mas della fez ainda Mar-

tius o distico desse monumento da nossa linguistica, que é o seu *Glossaria linguarum Brasiliensium*. Eis o que da linguagem pensava o magno hipponense: "A unidade e semelhança da lingua, diz elle, é o mais forte vinculo da religião e da sociedade humana." *Linguae unitas et similitudo firmissimum est vinculum societatis humanae et religionis.*

Este pensamento nos eleva ás mais excelsas regiões desse idealismo, a que aspira a nova literatura humanistica, e que é, como já dissemos, concorrer com todos os attractivos da arte literaria, para que atinjam os homens, quanto possivel, a sua perfeição e felicidade. Ora, Senhores, o homem não é homem pela sua animalidade, nem pelos seus instinctos, mas sim pelo espirito, pela racionalidade, pela moral, pela honra, pelo sacrificio no cumprimento dos deveres sociaes, civicos e religiosos.

O novo humanismo, portanto, longe de insistir em frivolidades, mais ou menos elegantes, e sensualidades, mais ou menos pornographicas, procura, por todos os meios, accender nos corações o enthusiasmo, fogo divino, pelo ideal, ideal este, que ha de ser para cada homem, acima de tudo, o proprio aperfeiçoamento espiritual, o character, que o torne sempre mais homem, isto é, feito á imagem e semelhança Deus. E o character, como sabeis, é a melhor defesa das patrias, a maior barreira, que oppôr se possa á anarchia e á barbarie.

## PERORAÇÃO

Melhor, porém, do que as minhas palavras dir-vos-á um exemplo, o que penso e espero da missão sublime do novo humanismo. Não vou busca-lo aos folios hieraticos dos Santos Padres, mas aos versos dum poeta

profano, recitados, aliás, com grande emoção, numa das nossas ultimas tertulias, a proposito da musa popular e patriotica de Juvenal Galeno, pelo nosso confrade o Sr. Gustavo Barroso, em quem folgo de reconhecer um dos nossos humanistas, não só pela formosura do estylo, como ainda pela inspiração nobremente humana de não poucas das suas obras. É uma pagina do *Cyrano de Bergerac*, que pelo seu claro e poetico symbolismo, reputo a mais bella, talvez, de toda a comedia heroica de Rostand.

Foi durante o cerco de Arras, em madrugada côr de rosa, no bivaque dos cadetes da Gasconha. Ao longe, no horizonte, dourava-se aos raios do sol nascente, a cidade. Rompêra a alvorada: estrondo de canhão e rufos de tambores pelo campo.

Levantam-se os cadetes, mas todos tão pallidos, tão magros, que parecem morrer da fome, que impera no acampamento. Um só era o grito de todos: tenho fome! Este pede pão, aquelle ameaça de retirar-se como Achilles na sua tenda, todos, enfim, exclamam: Basta! revoltemo-nos!

A esta voz o commandante Carbon de Castel-Jaloux, chama em soccorro o prestigio de Cyrano de Bergerac; mas nem este, com todo o seu espirito, a scintillar em remoques e trocadilhos, consegue reerguer o animo aos jovens soldados. Que faz elle então?

*Approche, Bertrandou, le fifre, ancien berger!*

Vem cá, Bertrandou, velho pastor, tocador eximio da flauta dos nossos bosques: vem modular para este rancho de famintos e glotões, as arias antigas do Languedoc distante.

E o ancião se põe a tocar: aos sons da flauta, sentem todos passar em visão nostalgica, o paiz saudoso da Gasconha: são os valles, são as planuras, são as florestas, é o pastorzinho moreno com o seu gorro verme-

lho, é a doçura verde das tardes sobre as aguas do Dordonha...

E Bergerac conclue:

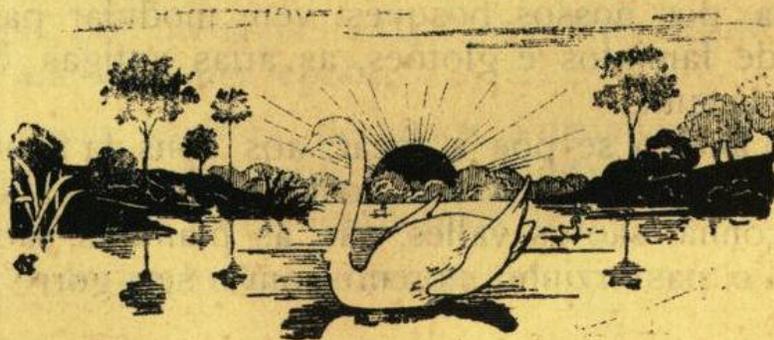
*E'contez, les Gascons: c'est toute la Gascogne!*

E os cadetes, debruçadas as fronte sobre o peito, sonham as bellezas da terra natal, por quem se batem, e enxugam furtivamente, na manga dos capotes, as lagrimas da saudade.

Mais eis que no mesmo instante, a um signal de alarme, erguem-se todos transfigurados, esquecidos já da fome e dos soffrimentos, promptos como heroes, a encontrarem a morte na defensão da patria.

Tal é, Senhores, o milagre, que ha de operar tambem o novo humanismo. A humanidade, mormente a juventude, sente-se não raro abatida por essa fome, tome de illusões e vaidades, fome de bens terrenos, que lhe agita, para alludir ainda a uma expressão de Bergerac, as visceras inferiores. E o papel mais brilhante do neo-humanismo ha de ser exactamente, como a flauta do zagal da Gasconha, elevar os sentimentos humanos, dando-lhes por séde órgãos mais nobres, o cerebro e o coração, ou seja a razão e a vontade, onde reside o caracter e fulguram os heroismos.

Senhores! é o appello, que vos dirijo. Seja esse o vosso ideal! Esse o vosso programma! Esses o vossos louros! Essa a gloria das vossas letras, que se alumiem assim aos reflexos divinos do apostolado!



**INFLUENCIA DE  
MATO-GROSSO NA  
LITERATURA  
BRASILEIRA**

Conferência realizada na Federação das Aca-  
demias de Letras, em sessão consagrada a  
Matto Grosso, a 22 de outubro de 1937, pelo  
Delegado da Academia Mattogrossense  
Dr. Virgílio Corrêa Filho.

A pretensão do título, acaso excessiva, quando considerado em sua ampla significação, esbate-se, de prompto, com a attenuante justificativa da sua escolha.

Não se lhe apontará o influxo das letras regionaes na evolução do pensamento brasileiro, presumpção que transbordaria os limites da tolerancia, mas simplesmente o reflexo literario dos céus e scenarios de Matto-Grosso, onde medrou o mais genuino rebento dos povoadores bandeirantes setecentistas.

Quando elles penetraram no territorio opulento, que abrazou, com o fascínio do ouro cuiabano, as ambições aventureiras, já o descreviam, enlevados, os escriptores castelhanos, que lobrigaram em uma das ilhas do Paraguay matogrossense, emergindo na formosa Lagoa dos Xarayés, o maravilhoso Eldorado, onde cabiam todos os sonhos de riquezas deslumbrantes.

A fantasia, liberta de restricções, deformava a realidade para melhormente estimular o entusiasmo dos conquistadores, cujas miragens se traduziam em lendas estonteantes, propagadas até S. Vicente.

Empolgados, embora, pelo que lhes promettiam as

narrativas maravilhosas, os mamelucos de Piratininga evidenciariam, na arrancada epica, atravez do planalto maracajuano, o mesmo pendor objectivista, que lhes permittia varar os sertões impervios, como si estivessem palmilhando os rincões da sua querencia.

Observadores argutos, sabiam adivinhar os segredos da Natureza bruta, de que tomavam os recursos que lhes pudessem valer, ao mesmo tempo que lhe evitavam as hostilidades.

A conquista dos dominios assenhoreados pelos coxiponés e cuiabás, e ulterior povoamento, estimulado pela exploração do cascalho aurifero de suas lavras, excitaria a mente dos contemporaneos que soubessem manifestar por escripto as suas impressões e conceitos.

Ainda na primeira decada, é o Capitão João Antonio Cabral Camello, que desabafa as suas decepções nas "Noticias praticas das minas do Cuiabá e Goyaz", endereçadas ao Padre Diogo Soares.

Aventureiro, que sacava contra o futuro, na compra de escravos a credito, para indemnização com o resultado das minas, não encontrou em Cuiabá o metal que o levara a empreender a travessia perigosa, atravez dos pantanaes infestados de payaguás temiveis.

Desilludido, gravam-se-lhe na retentiva, de preferencia, os aspectos mais sombrios, que lhe suggerem comentarios desanimadores.

Regressou, como quem não mais queria tentar a fortuna varia nos garimpos, ao contrario de Barboza de Sá, arguto licenciado, que deitou raizes na villa sertaneja, onde succumbiria a 30 de Maio de 1779, menos de um anno depois de ter ultimado a sua pormenorizada "Relação das povoações do Cuiabá e Mato-Grosso de seus princípios thé os presentes tempos".

É o iniciador da historiographia cuiabana, cujo ensaio mereceu as honras de ser adoptado como a verda-

deira narrativa dos successos contemporaneos.

Quando a Provisão regia de 20 de Julho de 1782 ordenou aos camaristas registrassem nos "Annaes do Senado" os factos mais notaveis da localidade, bastou-lhes trasladar para as paginas officiaes, rubricadas pelas autoridades, o manuscrito de Barboza de Sá, em que se espalhava o dramatico viver daquella gente espicada pela cubiça do enriquecimento repentino.

É o depoimento pontual de quem assistiu ás lutas com os indigenas, implacaveis na vingança contra o invasor de seus dominios, e padeceu, como os demais, as consequencias da fome, doenças, e irrefreavel prepotencia de governantes desabusados.

Narrava singelamente, de tal maneira, porém, que os sabedores lhe acatariam as affirmativas, a começar de Toledo de Lara, a mais alta autoridade judicial, que endossou, com a propria assignatura, a transcripção, valorizada com as suas annotaçõs marginaes. A sua chronica, além de officializada, no limiar do livro, que deveria, anno por anno, receber os accrescentamentos de futuros vereadores, ainda naturalmente andaria em mãos dos estudiosos, que lhe multiplicaram as copias, uma das quaes veiu a lume nos Annaes da Bibliotheca Nacional.

Desde então, indispensavel se tornou a sua consulta a quem pretendesse conhecer as peripecias do povoamento de Cuiabá, e, portanto, de Mato-Grosso.

Assim, Capistrano de Abreu, autoridade insigne, especialmente na historia do periodo colonial, refere pormenores, que lhe denunciavam a leitura meticolosa de Barboza de Sá.

Outros lhe seguiriam o exemplo, embora nem sempre declarassem a fonte informativa, que se franqueou, ao uso dos doutos.

Ao continuador da chronica barbozeana, Joaquim da

Costa Siqueira, diverso ambiente se deparou, mais equilibrado em sua economia e trato social, que permitiria a quinzena festiva de Agosto de 90 em homenagem ao Ouvidor bemquisto.

Cavalhadas e contradanças, de que participaram galans “vestidos á maruja”, alternaram-se com representações de comedias, operas e tragedias, em que o elemento feminino, tradicionalmente mantido na reclusão do lar, era substituído por figurantes masculinos.

Aspasia na Syria—Irene—Saloio cidadão—Zenobia no Oriente—D. Ignez de Castro—Amor e Obrigação—Zaira—O Tutor enamorado—Esio em Roma, entre varias peças theatraes, evidenciaram a vocação artistica dos admiradores do magistrado, transfigurados em lances tragicos ou comicos.

E tambem a convivencia de individualidades inclinadas ao cultivo das letras, que em breve prazo logravam improvisar apreciavel espectaculo de amadores, gabado por Lara, depois que, transferido para São Paulo, já não necessitava dissimular as verdadeiras impressões causadas pelos seus jurisdiccionados da ouvidoria mattogrossense.

Exaltou, a proposito, a “habilidade dos filhos de Cuiabá, o gosto com que se empenham e a efficacia dos seus ensaiadores”.

A villa sertaneja diligenciava compensar o primado administrativo, em que fôra preterida pela finalidade politica de Villa-Bella, por maior dedicacão aos problemas culturaes, que lhe constituiria a mais interessante caracteristica em qualquer epoca.

Escassa, embora, de meios, á distancia dos centros civilizados, jamais deixaria de cuidar da sua elevação intellectual, que maravilharia mais de um visitante illustre.

Um destes, bretão de nascimento, companheiro de Bar-

roso nas lutas platinas, tanto se enamorou de Cuiabá, aonde o levaram os seus affazeres de official da marinha imperial, que por lá se aprazia ancorar, chumbado ao seu destino, antes que a barreira, opposta pelo seu nome á invasão triumphante, lhe galardoasse a abnegação de sexagenario brioso com as honras de Barão de Melgaço.

Na epoca, ninguem o igualou em devotamento á Provincia adoptiva, a que serviu com a penna e a espada.

Contemporaneo de Victor Hugo, seguiu-lhe, de longe, a trajectoria maravilhosa, bem como a de Lamartine, cujas obras lhe delectavam as horas de leitura naquelle desterro voluntario, em que se creditou á benemerencia, não já de Mato-Grosso, como do Brasil inteiro.

Si não compoz nenhum poema, na prosa magestosa do seu conterraneo Chateaubriand, deslumbrado diante dos panoramas americanos, que se lhe deparassem, soube transmittir as suas observações em monographias, que se tornaram fundamentaes para o conhecimento da terra matogrossense.

Quem não as tenha manuseado, não poderá avaliar a contribuição scientifica de Leverger, feito hydrographo abalisado e historiador, para corrigir a descripção do territorio immenso, que palmilharia em grande extensão.

Tanto fizera, e com tamanho senso de precisão, que despertaria a admiração do mais notavel dos seus biographos, nada menos que o Visconde de Taunay, que lhe começou a descrever os feitos, em dramaticas circumstancias.

Era ainda simplesmente Alfredo de Escragnolle Taunay, sem brazão, além do paterno, e tenente do corpo de engenheiros, quando, em Coxim, entra no conhecimento das decisões de Leverger, que, Presidente da Provincia, diligenciava, a todo seu poder, minorar os soffrimentos dos desventurados expedicionarios da columna Camisão.

Percebeu-lhe a fama, de sabedor minucioso dos fastos

regionaes, que tambem haviam de seduzir o jovem militar, predestinado a ser o mais vibratil chronista dos successos que tinham por inegalavel palco as paragens encantadoras onde não lhe minguariam motivos de angustioso enfado.

Simultaneamente solicitado por impressões antagonicas, do bucolismo envolvente, que lhe acariciava a apurada sensibilidade, ás contingencias brutaes da guerra desencadeada insensatamente pelo vaidoso enamorado de Madame Linch, Taunay, pujante de mocidade, não atravessaria impunemente aquella quadra de experiencia da vida.

Entre a contemplação das paisagens empolgantes, animadas pela gente simples que ali vivia, e a luta contra a agua inundante, contra o fogo, ateado pelo inimigo, e os aguerridos cavallarianos lopesinos, alternavam-se-lhe os dias, que seriam de soffrimento e de gloria.

Tanto se lhe impregnára a imaginação creadora do que via e sentia, naquelle ambiente suggestivo, que, ao regressar, trazia, delineadas no subconsciente, as duas obras primas, que lhe grangeariam repentina fama de escriptor eximio.

Si, em verdade, a "Retirada da Laguna", pela sua feição dominante de epopéa militar, que narra as peripicias de uma arrancada imprudente, salva do anniquilamento completo, pelo heroismo de lutadores destemerosos, escassa margem abriria ao contemplativo, para expandir as suas impressões, a «Innocencia» que se lhe seguiu, a breve trecho, permittia-lhe desferrar-se á larga das constrictões que por ventura lhe impuzesse á penna o assumpto do poema bellico.

Na rusticidade amena daquelles rincões, que o narrador se compraz em photographar, sem lhes tirar os tons reaes, desenrola-se o idyllio campesino, que a Natureza tece com a força dos seus impulsos.

Em qualquer parte, ao escriptor poderia, sem duvida, deparar-se analogo ensejo de patentear sua vocação literaria, mal suffocada pela farda, que lhe restringia de certa maneira a liberdade de acção.

Mato-Grosso, entretanto, com o poder suggestivo dos seus scenarios singulares, differentes de tudo quanto vira até então, avivou-lhe a fantasia, acaso ainda contida pelos regulamentos militares, com tamanha intensidade, que o fez conquistar, de golpe, surprehendente nomeada.

Associaram-se indissolavelmente, desde o primeiro lance, o talento descriptivo de Taunay, habil no manejar a sua palheta opulenta de tons, e a Natureza matogrossense, que jamais deixaria de actuar-lhe na mente creadora.

E, por isso, a gloria do Visconde de Taunay, Mato-Grosso inclue em seu patrimonio intellectual, por força do quinhão que lhe cabe.

Só a “Retirada da Laguna”, difficilmente realizavel em outro meio, com iguaes episodios, e “Innocencia”, caracteristicamente matogrossense, pelo scenario e pelas personagens e enredo, bastam para justificar a glorificação do auctor.

Esqueci essas duas obras primas, cada qual no seu genero, e toda bagagem restante, apezar de numerosa, não alcançará a mesma valia.

E interessante é que toda ella, com raras excepções, ainda reflecte impressões gravadas em Mato-Grosso.

Em “Visões do Sertão”, “Mato-Grosso invadido”, “Cidade do Ouro e das Ruinas”, “Viagens de outr’ora”, “Entre os nossos indios”, predomina a mesma fonte inspiradora, que transbordaria até para escriptos desenvolvidos em outras paragens.

Ainda quando, enlevado, debuxa “Céus e terras do Brasil” é quasi exclusivamente Mato-Grosso que lhe

fornece os melhores quadros.

Ahi encontrareis o instantaneo de uma tempestade sertaneja, que vale a pena lembrar, em cotejo com a contribuição de outros ensaistas.

“Descamba o sol: são as horas da tarde.

Armada a trovoadá, não tarda que desabe.

A's vezes, quando menos se espera, sem causa aparente, some-se, dissipa-se; outras vezes vem de subito, precedida apenas de gottas de chuva, destacadas e grossas que, ainda sol fóra, caem pesadas e largas, batem com força no chão resequido, nelle abrem manchas salientes e negras e, de envolta com tenue poeira, levantam um cheiro particular, ora perfumado como se fóra de olorosas pétalas, era desagradavel e acre de hervas selvaticas e terras asperas.

Cerra-se depois o céu; enfusca-se a atmospherá, impregnando-se de vapores azulados que cambiam para o vermelho; zune sibilante o vento; amudam se os roncós do trovão cada vez mais proximo; fuzila a cada instante; relampejam coriscos; serpeiam os raios em deslumtres ziguezagues, igneos como ferro em braza, abalando os ares com o estrepido de enormes pilhas de porcelanas finas que se desmoronem por escadas abaixo, e despejam-se violentos aguaceiros com intervallos em que, não raro, reapparece a luz solar, dourando os bojudos contornos das nuvens, e acordando em seu sombrio recessó um mundo das mais extraordinarias e fantasticas scintilações” (Céus e terras do Brasil — 51).

..... Arvores, batidas pelas refregas, arfam, curvando-se e vibram; mas, ao mesmo tempo, sugam do chão estillante, com o renascimento da vida, a força de resistencia!.....

Limpa-se, dahi a nada, o firmamanto de um ponto a outro, carregado em anil.

De todos os lados fogem nuvenzinhas flocosas com mil delicados matizes, que o sol a capricho lhes vae imprimindo; rumoreja aragem branda, subtil. amena, verda-

deiro halito de primavera: esplende a vegetação com renovado viço e vem se desdobrando a flebil tarde dos sertões” (pag. 55).

O mesmo aspecto dramático das convulsões meteorológicas nos sertões matogrossenses incitaria a penna de João Severiano da Fonseca, de heroica estirpe militar.

Não será individualidade assaz lembrada pelas suas boas letras, como sem duvida merecia, pelas provas que deixou dos seus pendores literarios.

Ainda quando somente houvesse elaborado a “Viagem ao redor do Brasil”, sobejar-lhe-iam credenciaes para ingressar na galeria dos escriptores bem conceituados.

Medico erudito, participou dos trabalhos da Comissão Demarcadora de Limites entre o Brasil e a Bolivia, mercê da qual percorreu extensos rincões extremos, dilatados do Paraguay ao Guaporé, ao som de cujas aguas rodou, em busca do Madeira, do Amozanas, e, afinal, do Atlantico, para completar o circuito immenso, que lhe daria assumpto para o livro magnifico.

Em suas paginas, tudo se espelha — a medicina, pelas referencias a endemias, a botanica de suas preferencias, a historia e ethnographia, a poesia, na composição consagrada á memoria dos irmãos, que baquearam na guerra, e principalmente a chorographia de Mato-Grosso, que lhe toma a porção maior do volumoso livro.

Attento ao que lhe tocasse a compleição vibratil, que se maravilhava diante dos quadros naturaes verdadeiramente arrebatadores, não deixaria de registrar o que se lhe afigurava manifestação habitual das forças cosmicas.

“A aproximação das tempestades é de ordinario presentida. A temperatura se eleva, ar parece fogo: não sopra a menor aragem.

A natureza como que se abate, extatica e assustada.

Os animaes perdem o animo, murcham as orelhas, abatem as caudas; si selvagens, embrenham-se nas florestas, si amphibios precipitam-se nas aguas, Os domesticos approximam-se do homem como que confiados na protecção delle.

Nem as grinpas das arvores baloiçam; as matas, numa quietude medonha, parecem solidos inteiriços.

As aves achegam-se aos ninhos, suspendem os vôos, e se escondem; algumas, como as gaivotas, enchem os ares de suas vozes assustadas e quasi que lamentosas, prenunciando a tormenta: mas, logo se calam.

O ambiente cada vez se achamba mais, e a respiração se torna mais difficil. Ha uma especie de dureza em tudo o que nos cerca; um torpor gradativo; um silencio especial, só quebrado pelo rumor das correntezas que augmentam de estrepito e fazem ainda maior a ansiedade do homem.

Entretanto, nem uma nuvem no céu; — sómente o sol havia amortecido seus raios, occultos sob um véu espesso e achumbado.

Dahi a pouco denso nimbús surgia do horizonte, elevando-se de Sul ou Sudoeste, fazendo-se já ouvir o longinquo e surdo reboar do trovão. Em breve, scintillam os relampagos, amiuda-se o trovão, já com estridor medonho.

O ambiente modifica-se extraordinariamente e a temperatura decresce com rapidez. Sopra uma brisa, de ordinario do quadrante austral, que em breve se converte em violento tufão. Um grosso pingo de agua, outro e outros, isolados, cáem a grandes espaços no chão. São as avançadas de um aguaceiro diluvial que traz, por atiradores, um chuveiro de granizos e açoita a natureza por alguns minutos.

Meia hora depois, o sol resplende fulgurante.

O céu está limpido e sereno; a brisa murmura suave; as arvores curvam-se levemente ao sopro fagueiro; a natureza sorri; os passaros sacodem das azas as go-

tas de agua que tiveram força de embeber-lhe as plumas, e cantam; os animaes mostram-se contentes, e o homem sente-se reanimado e feliz.

Tudo respira com mais vida, sómente guardam por algum tempo o signal do cataclysmo a relva abatida dos campos, as folhas despidas e os galhos lascados das arvores da floresta e as correntes que, mais tumidas e tumultuosas, vão, comtudo, pouco a pouco perdendo a sua soberbia e entrando de novo nos limites que a natureza lhes demarcou.

Poucas horas depois só saberia do acontecido quem o houvesse presenciado. "(pag. 199).

Tanto o engenheiro militar e paizagista admiravel, como o cirurgião imperial e geographo acatado, contribuíram para excitar com o seu enthusiasmo contagioso, a admiração de quem estrearia na literatura com o tragico poema *Os Sertões*, graças ao qual empolgou, de subito, a supremacia no genero.

Nada observaria pessoalmente, a oeste das raias paulistas, ao contrario dos seus predecessores, que presenciaram mais de uma vez os phenomenos descriptos.

Mas, dotado de possante imaginação, que se ajustava ás maravilhas á firme cultura scientifica, Euclides, da Cunha, ao definir as peculiaridades regionaes, que differenciam o territorio brasileiro, generalizou os quadros desenhados por João Severiano, nos quacs lobrigou a exacta caracteristica do ambiente matogrossense, synthetizada em pagina immortal.

"Com effeito, a natureza em Matto-Grosso balança os exaggeros de Buckle. É excepcional e nitidamente destacada.

Nenhuma se lhe assemelha. Toda a imponencia selvagem, toda a exuberancia inconceptivel, alliadas á brutalidade maxima dos elementos, que o proeminente pensador, em precipitada generalização, ideou no Brasil, ali estão francas, rompentes em scenarios portentosos. Contemplando-as, mesmo atraves da frieza das observações

de naturalistas pouco vesados a effeitos descriptivos, vê-se que aquelle regimen climatologico anomalo é o mais fundo traço da nossa variabilidade mesologica.

Nenhum se lhe equipara, no jogar das antitheses.

A sua feição apparente é a de benignidade extrema: — a terra afeiçoada á vida; a natureza fecunda alteada na apothese triumphal dos dias deslumbrantes e calmos (74) e o solo abrolhando em vegetação fantástica — farto, irrigado de rios que irradiam pelos quatro pontos cardeaes. Mas esta placidez opulenta esconde, paradoxalmente, germens de cataclysmo, que, irrompendo, sempre com um rhythmo inquebravel no estio, rodeado dos mesmos prenuncios infalliveis, ali tombam com a finalidade irresistivel de uma lei.

Mal poderemos traçal-os. Esbocemol-os.

Depois de soprarem por alguns dias as rajadas quentes e humidas do Nordeste, os ares immobilizam-se por alguns tempo, estagnados. Então a “ natureza como se abate extatica, assustada ” ( J. Severiano ).

Mas, volvendo o olhar para os céus nem uma nuvem!

O firmamento limpido arqueia-se alumiado por um sol obscurecido, de eclipse.

A pressão, entretanto, decai vagarosamente, numa descensão continua, afogando a vida.

Por momentos, um cumulus compacto, de bordas acobreado-escuras, negreja no horizonte, ao sul. Deste ponto sopra, logo depois, uma viração, cuja velocidade cresce rapida em lufadas fortes. A temperatura cai em minutos, e momentos depois, os tufões sacodem violentamente a terra.

Fulguram relampagos; estrugem trovoadas nos céus, us, já de todo nublados e um aguaceiro torrencial desce logo sobre aquellas vastas superficies, apagando, numa inundação unica, o *divortium aquarum* indeciso que as atravessa, adunando as nascente dos rios e embaralhando-lhes os leitos em alagados indefinidos. E' um as-

salto subitaneo.

O cataclysmo irrompe, arrebatado na espiral vibrante de um cyclone. Descolmam-se as casas; dobram-se, rangendo, e partem-se, estalando, os carandás seculares; ilham-se os morros; alagam-se os plainos...

E uma hora depois o sol irradia triumphalmente no céu purissimo!

A passarada irrequieta descanta pelas frondes gotejantes; sulcam os ares virações suaves — e o homem deixando os refugios a que se acolhera, contempla os estragos entre a revivescencia universal da vida.

Os troncos e galhos das arvores rachadas pelos raios, lascadas pelos ventos; as choupanas estruidas, colmos por terra; as ultimas ondas barrentas dos ribeirões transbordantes; a herva acamada pelos campos, como se sobre elles passassem bufalos ás manadas mal relembram a investida fulminante do flagello." (Euclýdes da Cunha. Os sectões.)

Tanto fascínio exerce a prosa epica de Euclýdes da Cunha, que a gente não se anima a contestar-lhe os conceitos luminosos, de que se causa a generalização descabida.

O mesmo exaggero, que se lhe deparou em Buckle, apressado em generalizar, repete-se-lhe no quadro magistralmente colorido, que é pena, pela sua pomposa pintura, não constituir, de facto, a feição individualizadora do clima de Matto-Grosso, immenso demais para comportar uma unica distribuição de componentes metereologicos.

Não é, todavia, o momento de restringir o alcance da these euclýdiana, mas de lembrar a contribuição de Matto-Grosso para o seu livro admiravel, ao qual proporcionou assumptos para algumas paginas formosissimas.

Além da descripção dos cataclysmos, inspirada pela leitura de João Severiano e ampliada pela sua imaginação trágica, o "estouro da boiada", tão impressionantemente descripto, não teria, por ventura, diversa origem.

Contm os seus amigos que não lhe fôra ainda possível observar nenhuma destas explosões de medo em meio de tranquilos bovinos arrebanhados pelos vaqueiros. Mas ouvira a narrativa de pessôas conhecedoras do episodio perturbador da marcha cadenciada de centenas de rezes, e milhares, não raro, que se deixam conduzir ordeiramente, até que de improviso, deflagra o pânico e sossobra a disciplina, na confusão fatal, em que perecem animaes, pisoteados pelos mais expertos, que loucadamente forcejam por fugir do perigo imaginario ou real.

Os boiadeiros, que transitam entre Mato-Grosso, Minas e São Paulo, incumbiram-se de espalhar pelos centros urbanos mais proximos ao litoral as lendas e episodios, em que se espelhava a propria vida sertaneja, com as suas alegrias e penares.

E tambem os seus socios de aventuras, os tropeiros, cuja actividade sagaz assegurou o intercambio entre os portos atlanticos e as extremas occidentaes.

Uns dirigiam a mercadoria viva, que se transportava a si propria, enquanto os outros atestavam os seus cargueiros do volume, em que iam artigos de toda especie.

Mas todos encarnavam o espirito aventureiro do sertanista, que se impregnava das particularidades mattogrossenses, para propagal-as ao ouvinte curioso.

Assim foi que Affonso Arinos, enlevado pelo que de continuo lhe narravam, em Paracatú, aos enfeixar em "Pelo Sertão", as suas historias e paysagens reservou o primeiro lugar ao «Assombramento, formosa evocação da vida do tropeiro, com que abre o volume encantador.

Evitada pelo viajantes, que lhe temiam a fama assustadora, a tapera outrora imponente em sua vasta construcção esboroava-se aos pedaços.

"Arrieiro atrevido", o cuiabano Manoel Alves "não estava por essas abusões, e quiz tirar a scisma da casa malassombrada".

"Tinha corrido todo este mundão sem topar coisa

alguma, em dias de sua vida, que lhe fizesse o coração bater apressadamente, de medo”.

Em desafio ás furias do ermo, escolheu para pouso o proprio sitio condemnado pela voz popular.

Ordenou que no velho salão de entrada, já esquecido de passos humanos, lhe armassem a “rêde cuiabana bem tecida, bem rematada por longas franjas pendentes”.

(Si Arinos tivesse conhecido Cuiabá, em vez de franja diria varanda, mais accorde com a terminologia local, designadora do complemento decorativo das redes, em cuja confecção as tecelãs anonymas, realizavam, não raro, impressionantes obras de arte).

Mas o admiravel escriptor mineiro não conheceu de perto a gente dalem Paraná, a quem não faltaria, entretanto, a sua sympathia, de amistosa generosidade para com os patricios sertanejos,

Diversamente occorreu com o seu conterraneo, tambem amante de viagens, que frequentes vezes o levariam dos mais cultos centros europeus ao recesso das florestas araguayanas.

Era, em verdade, José Vieira Couto de Magalhães, digno emulo de Arinos na destreza com que sabia harmonizar as duas tendencias antagonicas da sua personalidade.

Tanto se movia galhardamente em qualquer salão de requintada etiqueta, como se nivelava, no trato, com o mais rude caipira, cuja estima não tardava a empolgar.

Arinos, porém, confinou-se no jornalismo e boas letras por meio dos quaes ingressou na immortalidade.

Couto de Magalhaes, mais aventureiro e curioso, iniciou-se na literatura, para actuar, em seguida e com desembaraço, na alta administração provincial, na militança, donde lhe resultaram as honras de brigadeiro, e nas sciencias cooperadoras da geographia.

Lembre-se, a proposito, de que os seus estudos de ethnographia, de que foi um dos pioneiros do Brasil, com o SELVAGEM, obra que aflorou com a marca de perennidade, só foram elaborados depois de sua estada em Mato-

Grosso, onde se revelou a audacia das suas concepções.

Em meio de injunções bellicosas, que transmontavam dos dominios lopesinos, no quinquennio tragico, decidiu nada menos que transportar um navio a vapor do rio Cuiabá ao Araguaya.

Para o administrador andejo, que tanto se comprazia nas reuniões de selecto club londrino, como em devassar as paragens remotas, onde se lhe deparasse, ainda hostile ao contacto da civilização, o indio bravo, não havia obstaculo que lhe não estimulasse a vaidade de superal-o.

Tomar uma embarcação utilizada no trafego fluvial da rede paraguaya, desmontal-a quanto possivel, e transportar-lhe as peças componentes para cem leguas de sertões vigiados pelo indio intratavel, afigurou-se-lhe perfeitamente exequivel em Cuiabá, onde não lhe faltaram colaboradores para a empresa ousada que tamanha gloria outorgara a Garibaldi, quando conduziu, por dez leguas, em carretas, os seus lanchões de guerra, Rio Pardo e Seival, da Lagôa dos Patos para o Tramandaby, atravez do arenoso albardão litoraneo.

Mas ali, não era sómente o percurso horizontal que se dilatava em proporções desanimadoras, engravecidas pelo perfil do terreno desconhecido. Entre as aguas do Piquiry, alcançadas pelo casco do navio rebocado, e as do Araguaya, intercalam-se as elevações do macisso central brasileiro, nivelado em chapadão sem fim, ora encrespado de morrarias perturbadoras da marcha, ou fendido em vales variamente amplos.

O mesmo arrojo, que o impelliu a concretizar a sua estonteante obsessão industrial, leval-o-ia a empreender eficaz plano de campanha contra o invasor, ideado igualmente em Cuiabá, como, ainda mais tarde, a applicar o seu talento de improvisação ao estudo da ethnographia brasileira, revelado na obra que lhe consolidou a reputação de escriptor, cujos meritos Aureliano Leite não ha muito lembrou em formosa conferencia, da serie em bôa hora promovida pelo Ministerio da Educação.

Empreendedor de rija tempera, tanto em assumptos materiaes, como em cogitações de ordem scientifica, somente seria o seu esforço ultrapassado pelo General Rondon, cuiabano do Mimoso, que, ao internar-se pelos sertões patricios, de sextante em punho, para se cartear com as estrellas, obteve o concurso de naturalistas de nomeada, cuja vista perspicaz devassou intimos segredos da natureza matogrossense.

Dahi resultaram monographias de fino quilate que auxiliam a decifração dos problemas brasileiros, referentes á terra, e á sua flora e fauna.

Acostumado a investigar os phenomenos da biologia, elaborou, então, Roquete Pinto, a Rondonia, que lhe satisfaria as aspirações scientificas.

A vocação do escriptor, porem, que a sua profissão não suffocou, inspirar-lhe-ia SAMAMBAIA, obra constituida quasi toda de motivos regionaes.

“O rio Sipotuba morre no Alto Paraguay em Mato-Grosso, depois de um curso accidentado e bonito”. Assim abre o conto denominado A CANOA, em que prosegue:

«Não é muito largo, mas cavou um leito fundo nas terras baixas de valle e corre apressado, na maior parte do seu trajecto, apertando-se nos sulcos que traçou na diabase dos primeiros andaimes da serra dos Parecis. Nenhum rio as adorna de mattas mais viçosas. E como é quasi sem praias, quasi occulto pelo arvoredado, parece um immenso igapé numa clareira de florestas”. (pag. 52)

A historia do caboclo Genesio, sugere-lhe a MATA DEVORADORA, entremeiada de reflexões a proposito.

“Olhe, neste mundo as coisas todas vão passando como as folhinhas que o rio carrega. De vez em quando uma enalhada no barranco, parece que vae ficar ali mesmo. A agua, logo depois, ás vezes no dia seguinte, ou quando muito na primeira chuva, mexe com a folha... e ella vae seguindo de novo — tudo, na vida, é como as folhas que caem no rio. (pag 114).

Ultrapassaria os limites desta palestra qualquer referencia ás inspirações de que se embeberam doutos viajantes, em suas excursões rapidas, ou mais demoradas, atravez de Mato-Grosso.

De um, Karl von den Steinen, sabe-se, porque assim referem os annaes mais afamados de sciencia especializada, que lá colheu elementos, com que fundamentou a sua doutrina ethnographica.

A outro, botanico da fria Suecia, Carl Axes Magnus Lindman, o sol cuiabano abrasou-lhe a sympathia amistosa de tal maneira, que jamais se esqueceria da terra promissora, lembrada em sua correspondencia, redigida em francez, e nas cartas de uma das filhas do casal constituido mais tarde em Stokolmo, e a quem mandou ensinar o idioma camoneano para melhormente escrever aos padrinhos cuiabanos, a palavra que lhe é peculiar: - saudade.

Facilmente se alongaria o rol por dezenas de nomes conspicios, mais ou menos arrevezados, si não minguisse o tempo, que a simples enumeração dos seus trabalhos reclamaria.

A terra matogrossense, que tão fortemente se impregnou na retentiva de forasteiros emotivos, não deixaria de inspirar aos seus proprios filhos o amor ás letras, por meio da quaes a glorificassem, evidenciado logo progressivamente, á medida que a instrucção, lhes proporcionasse os meios adequados á expressão.

Assim, na era colonial, não obstante minguada de estabelecimentos de ensino, avulta entre os seus parceiros o Padre José Manoel de Siqueira, que, filho de sertanista, transpõe o Atlantico, em busca de illustração, e, de regresso, traz credenciaes que o habilitavam a ser professor de philosophia, e escriptor, alem de naturalista, socio da Academia Real de Sciencias de Lisbôa, a que enviou as suas memorias acompanhadas de aquarellas desenhadas a primor.

Quando succumbe na Provincia, em que se transfi-

gurára a capitania, com a Independencia, já seria maior o numero de tonsurados de apreciavel cultura, entre os quaes sobresahia o padre Alves de Arruda, gabado pelos contemporaneos, como depõe Hercules Florence, que attesta em outra passagem, ao descrever Cuiabá e sua gente: “conheci um padre de côr parda, muito eloquente na pulpito e na conversação; outro quasi negro era um desses raros talentos modestos, cuja ambição unica é instruir-se”.

Por essa epoca, honrava-se o clero de contar em seu meio o padre José da Silva Guimarães, Commissario da Bulla, que o representaria, emparceirado com o vigario geral, e o bispo D. Luiz, na junta Governativa Provisoria, que succedeu ao ultimo Capitão General, deposto do governo.

Desde então, não se afasta duradouramente do tablado publico, apesar das agitações contemporaneas.

Elevado á Presidencia da Provincia, patentearia a sua orientação em dois conceitos accordes com as ideas romanticas do tempo.

Ao pleitear a verba para organizar a typographia official, affirma: “A imprensa é nos paizes constitucionaes favoravel aos homens de bem e funesta aos maus; é o terror dos tyrannos e a salvaguarda dos opprimidos”.

E em assumpto correlato, quando patrocina o projecto da fundação de uma Escola Normal em Cuiabá:

«A educação é uma verdadeira natureza: ella obriga o homem a deixar as inclinações perversas, e prepara desde a infancia o cidadão, que deve um dia servir a sua patria”.

A actividade politica não o privou de elaborar memorias que lhe dariam ingresso no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, como autor do ensaio a respeito dos Apiacás, por elle enviado áquella sociedade de cultura.

Provou José de Mesquita, baseado em documentos descobertos por Barbosa de Faria, que o estudo interessan-

te dos indios dos Arinos, em vez do nome do conego, deveria trazer o de seu irmão, Capitão-Mor João José Guimarães e Silva, que o compoz por ordem de Magesi, derradeiro Capitão-General de Mato-Grosso.

Descontado, embora, esse titulo, ainda sobejarão provas intellectuaes, que justifiquem a admissão de Silva Guimarães, no sodalicio dos sabedores da historia brasileira e sciencias correlatas, onde teria por collega, além do bispo D. José dos Reis, sagrado santo pela gratidão dos seus diocesanos, jovem cuiabano de mais recente geração.

Graduado em leis por São Paulo, em 35, Antonio Navarro de Abreu seria por ventura o primeiro da lista dos que honraram o nome de sua gente na incipiente Escola de Direito.

Eleito deputado, antes de findo o mesmo anno, impoz-se, pela fogosa eloquencia, á admiração dos pares, que o viram, no crepusculo da regencia, participar dos maiores debates da epoca.

Decorridos dois annos, completa o seu curso juridico José da Costa Leite Falcão, que adquiriu renome de doutor e advogado sagaz, figura representativa em Cuiabá, onde fez de sua casa um centro de cultura.

Quando já ia em meio o seculo, conheceu a Academia paulistana Joaquim Mendes Malheiros, que sabia distribuir o seu tempo em serenatas, tentativas de pintura, torneios de esgrima, estudo de linguas e das disciplinas escolares, que o habilitaram a exercer o magisterio na Escola Militar e no Collegio Pedro II, onde manteve a sua fama de orador consumado.

Alias, não seria Malheiros o unico representante da sua terra entre os cathedricos do ensino superior, aos mais eminentes dos quaes se emparceiraram Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral, lente de direito civil e administrativo em São Paulo, desde 29, em torno de quem a lenda teceu episodios singulares, rememorados na biographia que lhe consagrou Palmyro Pimenta, em confe-

rencia primorosa. Joaquin Murtinho, que, mais tarde, egres-  
so da cadeira de biologia na Escola Polytechnica, iria il-  
luminar a politica administrativa da Republica brasileira  
com suas doutrinas financeiras, esteadas em firmes con-  
vicções philosophicas, Manoel Corsino de Amarante, con-  
temporaneo de Benjamin Constant, que lhe respeitava  
o saber mathematico, embora orientado por principios op-  
postos aos que professava, abrazando o enthusiasmo da  
mocidade, Souza Lima, que soube dignificar o ensino da  
medicina legal na Faculdade da praia de Santa Luzia.

Não haverá escola superior que não tenha premiado,  
algum dia, o saber dos matogrossenses, propagado pela  
palavra, com o qual manifestavam os seus pendores li-  
terarios, por maneira diversa dos conterraneos, frequen-  
dores da imprensa, a que tambem confiaram as suas fan-  
tasia os românticos, fieis imitadores de Casemiro de A-  
breu, que punham em versos as suas maguas, antes de  
se extinguirem em plena mocidade.

Com 20 annos apenas, baqueia Francisco Cathari-  
no, cujas produções denunciavam formoso talento, mais  
tres annos viveria José Thomaz de Almeida Serra o seu  
grande sonho poetico, a que sobreviveram Amancio Pul-  
cherio, João Marciano, José Delfino, Pedro Trouy, cujo  
legado literario cuida a Academia Matogrossense de reu-  
nir para trazer á publicidade.

E' o jornalismo, todavia, que empolga as mais vi-  
vas intelligencias, tanto as forasteiras, cultivadas alhures,  
da tempera do Padre Ernesto Camillo Barreto, capaz de  
promover a demissão do Presidente da Provincia, com  
os seus editoriaes, de J. J. Rodrigues Calháo, fundador  
do famoso jornal, que lhe cultuaria a memoria, como os  
que não arredaram pé de Cuiabá, e os nativos que an-  
daram pelos centros litoraneos á cata de ensinamentos.

Aos bachareis em direito da valia de Corrêa do  
Couto, Caetano Xavier, Fleury, Aquilino do Amaral, Ar-  
naldo Novis, Ferreira Mendes, J. M. Metello, Costa Ribeiro,

parceiravam-se os engenheiros do naipe de Manoel Esperidião, Antonio Corrêa, Caetano de Albuquerque, militar, doutrinário de preferencia. Entre os demais, sobrelevou Pedro Celestino, cuja improvisação jornalística, alicerçada em firme cultura geral e bom senso atilado, lhe valeu mais de uma victoria contra abusos governativos.

Maior avulta a serie dos auto-didactas, que, desprovidos de diplomas, além do secundario, lograram acolhimento na imprensa, a que serviram com desvelo.

Ramiro de Carvalho, temido pela sua mordacidade, J. Barnabé de Mesquita (senior), que, ainda na monarchia, propugnava a educação da mulher, por meio da qual lhe previa a emancipação, e pregava ideias sadias, José Magno da Silva Pereira, Generoso Ponce, na phase aurea d'“O Republicano”, Francisco Agostinho, Vital de Araujo, José Estevão, constituiram a phalange mais conhecida de polemistas ardorosos, a que se reuniram, em periodo ulterior, individualidades expressivas, Vieira de Almeida, temperamento literario, que andou por Santos e lá se distinguiu pelas suas chronicas, polvilhadas de poesia e allocuções inflammadas, ao tempo de fortes agitações populares, Frederico Prado de Oliveira, que — Bé-ranger cuiabano, — preparou, com as suas canções ao gosto do povo, o ambiente propicio á deflagração de triumphante movimento revolucionario, de que seria, depois, um dos mais efficientes collaboradores, João Cunha, a modestia personificada, que só agia atravez dos seus escriptos opulentos de seiva e bôas letras.

A enumeração ainda que sómente dos emmudecidos pela morte, pois que os vivos constituem legião incontavel, poderia sebremaneira alongar-se, caso se abranger todos quantos revelaram, pela penna, a capacidade clara de expressar os seus pensamentos ou emoção, em verso ou prosa.

Em geral, porém, escasseia a documentação a respeito. Não enfeixaram em volumes as suas producções ephé-

meras. E as gazetas sumiram-se, com limitadas exceções.

Só neste seculo, firma-se a orientação propiciadora da divulgação dos trabalhos literarios, que a revista "Mato-Grosso" acolhe em suas paginas duradouras, onde afloram prosadores e poetas, á sombra do parnasianismo, então dominante, apesar da reacção symbolista.

Succede-lhe, com breve interrupção, á sombra do prestigio de D. Aquino Corrêa, que a ampara, feito Principe das letras matogrossenses, a associação primitivamente denominada "Centro" hoje "Academia", cuja revista, de 22 tomos com aquelle titulo, e 10 na phase actual, constitue nitido espelho da cultura regional, consoante evidenciou a palavra conceituosa de José de Mesquita, perante o Congresso das Academias.

Dispensavel repetir-lhe as apreciações, que synthetizaram a preceito as actividades mentaes dos mais expressivos representantes da sua geração, a cujos anseios intellectuaes deve o Estado a fundação do Instituto Historico de Mato-Grosso, mantenedor de uma revista semestral, já em seu 38º numero, da referida Academia Mattogrossense de Letras, de comprovado devotamente aos seus propositos fundamentaes de expansão cultural, e do Gremio Julia Lopes, de iniciativa feminina, tambem destinado a analogos objectivos.

Já nas letras despontou outra, que lhe herdará os encargos de accrescer as conquistas assignaladas, não obstante orientada ainda por imperativos antagonicos.

Traz, como toda geração nova, que sente, em si propria, energia bastante para avançar, velleidades de reformas, que vão, das cogitações sociaes repassadas de significativo sopro de revolta, as expressões literarias libertas de contrições parnasianas.

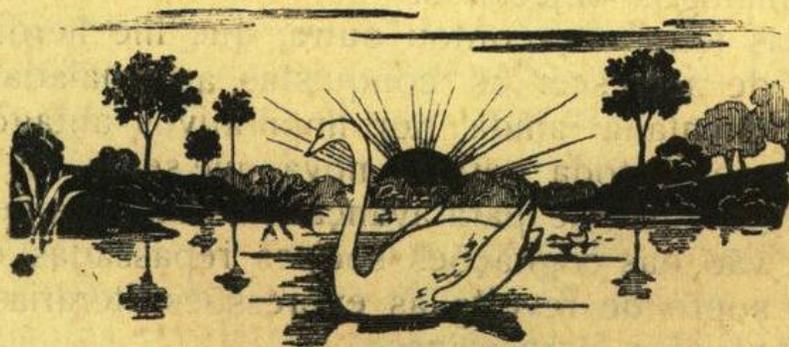
As suas idéas e illusões espelham-se ás maravilhas no resumo elaborado para o Anuario Brasileiro de Literatura, por Lobivar Mattos, poeta modernista, que já se tornou conhecido nos meios intellectuaes cariocas, aos

quaes apresentou os seus parceiros, tocados da mesma inquietação irreverente, e aspirações innovadoras, que os encaminharão sem demora para as actividades politicas.

Ao passo que os veteranos de preferencia concentram-se em Cuiabá, capital de tradições biseculares, ensaiam os jovens os seus vôos em Campo-Grande, cidade de hontem, gerada por assim dizer pela E. F. Noroeste do Brasil, que ali inaugurou o seu trafego em 1914.

Emquanto a primeira mergulha as suas raizes na era do bandeirismo afoito, a outra surge na actualidade, para viver a hora que passa, despreocupada dos tempos idos e vividos.

Da conjugação dessas duas componentes, certo, romperá formidavel resultante, capaz de imprimir ao destino de Mato Grosso as directrizes intellectuaes, que lhe glorificarão a fama de terra inspiradora desabios, de heróes e santos, já algum dia denominada acertadamente "Coração do Brasil", que ali nabita em reservas portentosas do mais vivo brasileirismo.





# O primeiro Natal

D. Aquino Corrêa

Naquelle tempo, estes gentis e ledos  
Sítios do Cuiabá eram cobertos  
Só de altos e “grandiosos arvoredos”.

E eram de vêr então, em flôr abertos,  
Estes sertões, onde a Painha cava  
Os seus meandros tímidos e incertos.

Ambos os morros, inda em sua brava  
Belleza antiga, ao retornar das chuvas,  
Riam ao grande sol, que os redourava.

E ostentavam as flóridas piuvas,  
Umas vestidas de ouro, outras de rosa,  
Entre a esmeralda clara das chimbuvas.

E em toda a parte, na amplidão radiosa,  
Viam-se as palmas e esses lindos troncos,  
A que, bem alto, a orchídea em flôr se esposa.

Mas não raro também, medonhos roncoss,  
Entre o gorgear do passaredo ufano,  
Echoavam perto, nos algares broncos.

Tal era o Cuiabá, quando nesse anno  
De vinte e dois do seculo dezoito,  
Aqui chegou o audaz sorocabano:

Miguel Sutil! o que feliz e afoito,  
Lançou as bases de uma grã cidade,  
Neste de feras verde valhacoito.

Mas lhe pagou a terra, na verdade,  
Com a maior "mancha de ouro" brasileiro,  
De que havia menção naquella idade.

Pois no "Tanque do Ernesto" sobre o outeiro,  
Tiraram-se "melhor de quatrocentas  
Arroubas de ouro", nesse mez primeiro.

Assim, entre bonanças e tormentas,  
Foi crescendo o arraial que hoje floreja  
Em tão vastas conquistas opulentas.

Naquelle anno, com pompa sertaneja,  
Erguera já o capitão-mór Jacintho  
Barbosa Lopes a primeira igreja.

Mais não era que um rustico recinto,  
Onde, nas festas, uma columnata  
De flôr suppria os capiteis e o plintho.

E foi ahi, sob um luar de prata,  
Que se cantou com célica alegria,  
O primeiro Natal nesta ampla matta.

Coberta só de palha, parecia  
Toda a igreja um presepio, illuminado  
Pelo olhar de Jesus e de Maria.

Nem faltam os pastores, lado a lado:  
São bandeirantes, que nas rudes vestes,  
Formam um bello grupo ajoelhado.

E são, além dos nomes, que já lêstes,  
Garcia, Antunes, Coimbra e uma fieira  
Luminosissima de heróes agrestes.

Mas dentre todos, eis Paschoal Moreira  
Cabral, o guarda-mór das novas minas,  
Cuja figura emerge, hirta e fragueira,  
Ao tremulo clarão das lamparinas.

Cuiabá, 1937

## Sonetos de José de Mesquita

# Deslumbramento

Ha, na vida, por mais áspera, rude e escura,  
horas que valem tudo e compensam as dôres,  
que affligem, dia e noite, a pobre creatura,  
neste valle em que ha mais espinhos do que flôres.

Quem não sentiu jamais essa hora de ventura,  
vaga entre-luz do céu, do averno entre os horrores,  
subtil emanção do Amor, que, eterno, dura,  
do qual são simples sombra os mais bellos amores?

Essa Visão de Deus, Graça, Paz, Euphoria,  
ou nos vem, pela Fé, ao cerebro cansado,  
ou, pelo Amor, nos desce á alma tediosa e fria,

E ficamos, assim, de olhar turvo e tremente,  
sentindo esse fulgor do Ser illuminado,  
tal como quem fitou o sol de frente a frente!

( Março, MCMXXXVIII )

Do "Escada de Jacob".



# Luar nas "Tres Pedras"

Clareando, a pouco e pouco, a ribeirinha matta,  
a lua se ergue, branca, acima das collinas,  
e envolve como um veu que, lento, se desata,  
o ermo povôado de palhoças pequeninas.

Ouve-se apenas a tristonha serenata  
das rans, com seu tan-tan, nos brejos das campinas.  
Não se sabe si é o luar que embebe a agua de prata  
ou si a agua é que enche o céu todo de tremulinas...

Ao sabor da corrente uma canôa desce...  
Vem da *Pedra encantada*. E' o negro d'agua que, ora,  
vai pescar com a linha azul que a lua tece...

E vem do céu immenso ou vem do rio fundo  
esta extranha impressão, que enleva e que apavora,  
de paisagens irreaes, nunca vistas no mundo?



# As cigarras de Aldeia

Noite calma de Outubro, após a lúa cheia.  
Doce luar que raia em vindo a madrugada.  
Insomne, a me embalar na ampla rêde lavrada,  
vejo as horas correr, na solidão da Aldeia.

E vem-me, sem cessar, a constante toada  
das cigarras cantando, enquanto o luar prateia  
a agua do rio, a terra quieta e a verde teia  
do mattagal, que cerca a villa socegada.

Desse canto alto e longo embala-me a doçura,  
e, esquecido de mim. ali me quedo ouvindo,  
e é como si o passado, em ondas de ternura,

me envolvesse e empolgasse ao seu influxo forte,  
nesse canto tão doce e nesse luar tão lindo,  
dolente, como a vida, e augusto, como a morte.



# PICO DO AMOR

Quem vem do leste, demandando a minha terra,  
poucos antes de a attingir, galga um ponto elevado,  
donde abrange dum lado o hemicyclo da serra,  
e a cidade, virente e meiga, doutro lado.

É elle o Pico do Amor, que aos olhares descerra  
um lindo panorama ao viajor cansado,  
numa doce visão que, ao mesmo tempo, encerra  
o trecho ainda a vencer e o trecho palmilhado.

Pico do Amor... Tambem da vida em meio vemos  
uma eminencia em que, com a mesma claridade,  
nos apparece o tempo, em seus longes extremos:

—a pureza da infancia, o ardor da mocidade,  
o suave fulgor dos momentos supremos,  
sol e luar, dia e noite, esperanza e saudade...



# VELHA CHACARA

Revejo-a agora como a vi, ridente,  
numa outra idade meiga e alviçareira,  
cheia de sombra ou á rispida soalheira,  
do rio ao soluçar doce e plangente.

Da varzea, ao longe, enxerga-se a porteira.  
A casa-grande, com o oitão ao poente.  
E além a praia e uma ilha bem em frente,  
e a rêde armada á sombra da mangueira.

Uma varanda aberta, que emoldura  
a rustica vivenda ribeirinha,  
e o galpão, lá no fundo da planura.

E o campo, que era ha pouco um rapadouro,  
quando o "tempo das aguas" se avizinha,  
enchem-no todo os lindos "botões de ouro".



# Duas Edades

(No album de Mary)

Quando se tem, assim, menos de vinte annos,  
vê-se a vida correr tão doce e devagar,  
que ha pressa de attingir o que ella, em seus arcanos,  
como uma bôa fada anda a nos reservar.

A deusa da Illusão seus mil encantos dá-nos  
e enche-nos de prazer, fazendo-nos sonhar:  
como um piiltro subtil de goses sobrehumanos  
a Mocidade em flôr nos sabe propinar!

Quando se tem assim já mais de quarenta annos,  
e começam a vir os rudes desenganos,  
como o tempo é veloz, como corre a vôar!

E sentimos então a amargura e a revolta  
de ver que a vida passa e o que se foi não volta,  
e que ai de nos! com ella havemos de passar!



# TRIPTICO CAMONEANO

Quinhentistas sejais, campai de o serdes

*Filinto Elysio*

*A José de Mesquita*

I

Aqui, nesta soidão da natureza,  
Vivi, per muyto tempo, abandonado;  
Mais cheio de alegria que tristeza,  
Cuydando do meu campo e do meu gado;

Mas eis que hum certo dia, inesperado,  
Passou, perto de mi, vossa belleza;  
E o viver, desde muy, tão descuidado,  
Mudou-se nesta dor, nesta aspereza.

E á beira deste riacho amor me veio;  
Veio e foi-se; e deixou-me, assi, ferido,  
Suas setas deixando no meu seio.

E vos quero, indaque isso vos nom dôa,  
Que o amor, senhora, quando assi nutrido,  
Quanto mais renegado mais perdôa.

A primavera passa; e passa, o outono;  
Passa o inverno e o verão, que tudo passa;  
E á luz do luar, que nos convida ao somno,  
Vem a do sol, que as trevas adelgaça;

Ao abandono succede outro abandono;  
E, ás vezes, ao amargor, succede a graça;  
Transforma-se em possuido o que era dono,  
E, os castellos das nuvens, em fumaça;

O rio vay passando; e passa, o vento;  
Passa, das proprias cousas, o lamento;  
Passa o raio; socega a natureza;

E vendo em tudo assi tanta mudança  
— O pranto em rizo, a colera em bonança —  
Só não vejo mudar minhatristeza.

III

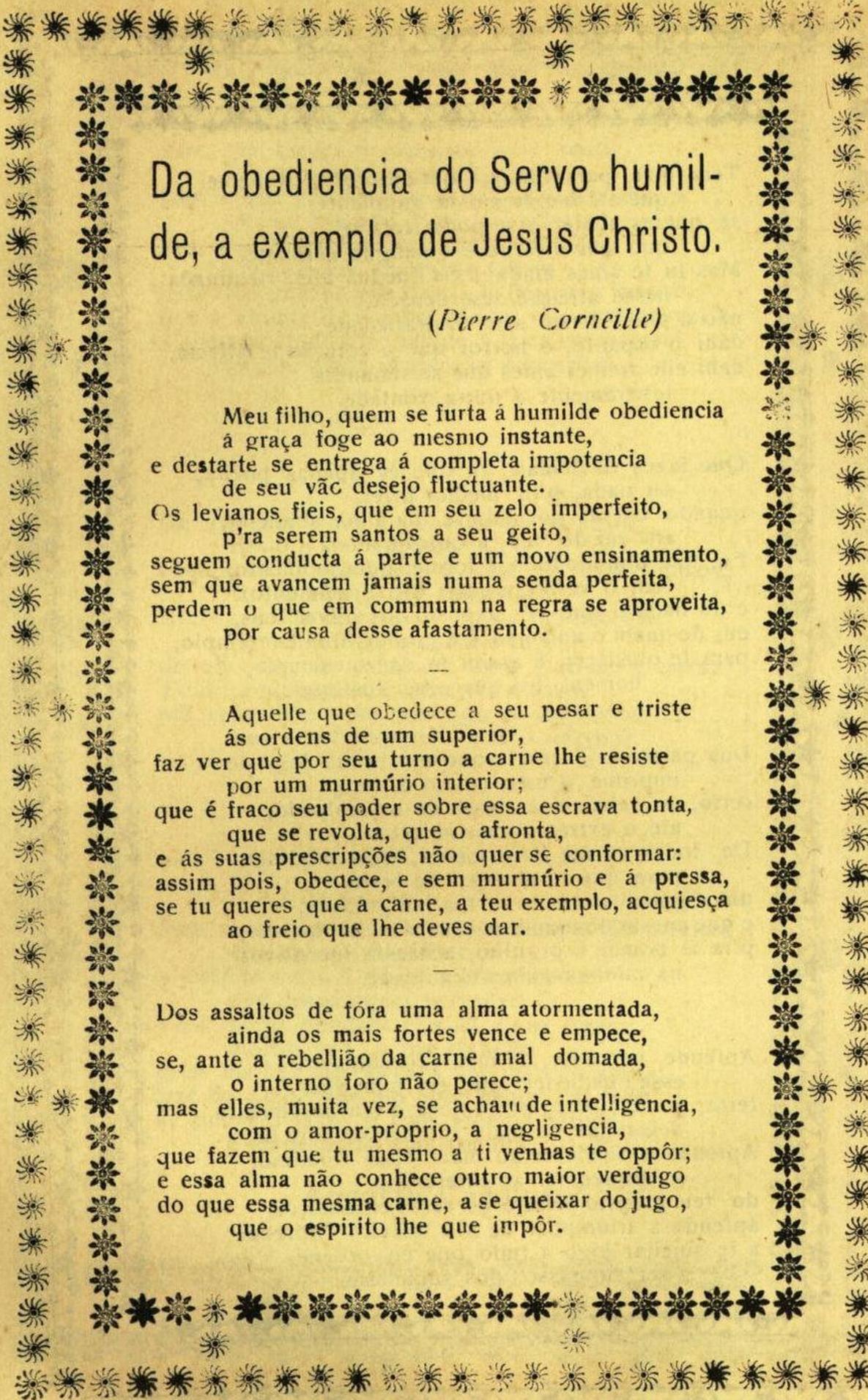
Longe de vós, senhora, que alegria  
Me pode dar o amor que de vós veio?  
Pois si, vos tendo ao lado, he sempre dia,  
He noute, em eu vos vendo em braço alheio.

Tornai a mi, senhora, Augusta e esguia,  
Si me he dado alcançar tam doce enleio;  
Dai me a palma da mão, esquiva e fria,  
Si me nom podeis dar a gloria e o seio.

Assi, senhora, dai-me esse remedio,  
Que he a presença de vossa fermosura,  
Affastando de mi a magua e o tedio;

E, si impossivel he quanto vos rogo,  
Ide, e fique eu na mesma noute escura,  
Mas levai deste amor a chama e o fogo.

*Allyrio de Figueiredo*



## Da obediencia do Servo humilde, a exemplo de Jesus Christo.

(*Pierre Corneille*)

Meu filho, quem se furta á humilde obediencia  
á graça foge ao mesmo instante,  
e destarte se entrega á completa impotencia  
de seu vãc desejo fluctuante.  
Os levianos fieis, que em seu zelo imperfecto,  
p'ra serem santos a seu geito,  
seguem conducta á parte e um novo ensinamento,  
sem que avancem jamais numa senda perfeita,  
perdem o que em commum na regra se aproveita,  
por causa desse afastamento.

Aquelle que obedece a seu pesar e triste  
ás ordens de um superior,  
faz ver que por seu turno a carne lhe resiste  
por um murmúrio interior;  
que é fraco seu poder sobre essa escrava tonta,  
que se revolta, que o afronta,  
e ás suas prescrições não quer se conformar:  
assim pois, obedece, e sem murmúrio e á pressa,  
se tu queres que a carne, a teu exemplo, acquiesça  
ao freio que lhe deves dar.

Dos assaltos de fóra uma alma atormentada,  
ainda os mais fortes vence e empece,  
se, ante a rebellião da carne mal domada,  
o interno foro não perece;  
mas elles, muita vez, se acham de intelligencia,  
com o amor-proprio, a negligencia,  
que fazem que tu mesmo a ti venhas te oppôr;  
e essa alma não conhece outro maior verdugo  
do que essa mesma carne, a se queixar do jugo,  
que o espirito lhe que impôr.

Tem, pois, para contigo um desprezo invencível  
que até o extremo te suplante,  
se queres abater esse poder terrível  
que tem a carne e o sangue estuante.  
Mas tu te amas ainda; e eis que tua alma obstinada  
nessa afeição desordenada,  
não a pode deixar sem contrariedade:  
dahi o espanto, o horror que o coração te affecta,  
dahi elle tremer antes que se submetta  
inteiramente a outra vontade.

Que fazes tu demais, tu que és apenas poeira,  
ou nada, p'ra melhor dizer,  
quando curvas por mim a tua alma altaneira,  
em vez do teu, a outro querer?  
Eu, que domino tudo e formei num momento,  
com o verbo, a terra e o firmamento,  
e do nada o que vês exposto aos olhos teus,  
eu, de quem o universo é a grande obra e o templo,  
para te obedecer, e assim te dar o exemplo,  
homem, foi que desci dos ceos.

Dos palacios ideaes, a que um brilho sagrado  
imprime o meu cunho dilecto,  
certo, me rebaixei á classe de um culpado,  
até o extremo mais abjecto.  
De todos eu me fiz o menor, mais modesto,  
para que tu desses, de resto,  
um digno abatimento a tua indignidade;  
e que apesar do mundo e seus vãos attractivos,  
p'ra te domar o orgulho, achasses incentivos  
na minha maxima humildade.

Aprende, peccador, do meu procedimento  
essa obediencia que em mim vês;  
terra, que és, lama, pó; lembra o teu nascimento,  
deixa que os mais calquem-te aos pé,  
Aprende a obedecer ao mais rude dominio;  
a condemnar ao exterminio  
do teu proprio desejo os estos enfermiços;  
aprende a triumphar de seu assalto infrene,  
a te sujeitar logo a tudo que eu ordene,  
a ser submisso dos submissos.

Faze que contra ti um santo zelo nasça  
de uma bem justa indignação,  
para abafar de prompto o que tua alma abraça  
de vil soberba e de ambição;  
faze que ella tão bem se desensoberbeça  
que até lhe pisem na cabeça  
para imprimir os pés, por um desprezo incrível;  
que a afronta mais cruel não te seja estranhavel,  
e quando alguem te julgue á lama comparavel,  
põe-te ainda abaixo, se é possível.

De que murmuras tu, mesquinha criatura,  
como poder replicar  
quando se te attribue a ti, que és lama impura,  
o que não podes contestar?  
Não sejas um ingrato, á graça indifferente,  
por teres tido a audacia ingente  
de offender, de trahir teu Deus glorioso e eterno?  
Tuas predilecções e cobardia e vicios  
mil vezes não terão merecido os supplicios,  
que a me vingarem cria o inferno?

Mas, como aos olhos meus tua alma é tão preciosa  
aprouve-me te perdoar,  
e estendo sobre ti minha mão amorosa  
que apenas quer te corôar.  
Vê a minha bondade e qual a sua acção;  
mostra que a tua gratidão  
pelas minhas mercês cada vez mais se apura;  
faze da humildade um doce habito em tudo,  
de tua submissão o mais ardente estudo,  
e do desprezo uma ventura.

Augusto Cavalcanti

# Ao soldado matogrossense

*Lamartine Mendes*

Soldados, contemplai-os!  
A fronte aberta, o braço hercúleo, o gesto forte,  
no riso uma apoteóse de franqueza,  
têm qualquer cousa de sublime, dentro  
da armadura crua de couro.

Pascoal Moreira! Bartolomeu Bueno! Raposo!

Descem da praia de Ararituaba,  
no dorso escuro do Tietê lendário,  
para os mistérios insondáveis da mata bruta.

— Para trás! — É a avalanche da cachoeira,  
que estronda, com ribombos de bombarda,  
barrando-lhes os passos de cem léguas.  
Acolá, tocaiando, é o bugre surrateiro.  
--Alto!--, sugere o olhar morto, parado,  
da água parada e morta.  
Resmunga, em toda parte, a hostilidade, o espanto,  
na insolência indomável das montanhas,  
na crespidão pungente das taquaras,  
no assobio das cobras, no urro trágico  
dos cangussús famintos.  
Não ha detê-los na caminhada de legenda!

Vêde-lhe, agora, os frutos:

Vêde: êste é o martir filho do norte.  
Cinge-lhe o torso airoso a farda invicta,  
que vos queima e entusiasmo a carne moça.  
É o heroi de Dourados,  
retraçando, com a luz do próprio sangue,  
a epopeia mais linda de protesto  
contra a invasão da Pátria.

Vêde: êste é o Pirajá  
— o clarim Pirajá — de larga fama.  
Ruge, espouca a batalha, em ferro e fogo.  
Sob a carga tremenda paraguaia,  
eis já rôto o quadrado entre pampeiros  
de guais e imprecações de dor e sanha,  
e relinchos de potros lacerados,  
e mugidos crueis de bois em pânico.

O desespero, a confusão, o assombro — a morte!

O capitão, intemorato, mas prudente,  
comanda recuar. Era a derrota!

E o clarim de Luiz Lopes, terebrante,  
como um golpe canoro  
de baioneta, fere, fundo, o ventre  
fumarento do céu cheirando a sangue.

— O toque de avançar!

Tem-se, então, esta cousa extraordinária:  
a vitória, a sorrir, loura, suspensa  
de um clangor claro de clarim.

Vêde: êste é marinheiro.  
Vem das calmas regiões das águas diamantinas,  
que a baunilha perfuma e a seringueira ensombra.  
Montro marinho de aço, em plena Guanabara,  
sua nau, em revólta, é um covil. Dentro della,  
a maruja, assanhada como vespas,  
aguarda-lhe a presença temerária,  
para o massacre rude.

— Salta, ou morre! — E não treme, e não recua,  
Sobe! E num voo luminoso de pernalta  
dos nossos pantanais de maravilhas,  
sobe mais alto — para a glória.

Ora, eu vos falo cheio de orgulho,  
soldados de Matto-Grosso!  
Porque, como lateja em vossas veias,  
ferendo, em minha boca,  
fala sangue paulista!

# Dez de Novembro

À Pátria

Era mister essa mudança,  
esse momento era fatal,  
pr'a que surgisse a confiança,  
Pátria, ao bafejo do ideal,

Depois do cháos, da noite espessa,  
a te nublarem a existencia,  
é o novo sol feliz promessa  
de uma mais ampla independencia!

De todo então assim banida  
a offensa á tua liberdade,  
vemos-te agora grande e unida,  
em tua plena integridade!

Segue teu rumo sobranceiro,  
livre de farsas e empecilhos,  
rindo da insidia do estrangeiro,  
como da ameaça dos caudilhos.

Elles emigram (triste fado!)  
emquanto o povo é sorridente,  
sem sequer terem desfraldado  
o pavilhão impenitente.

Despreza a raiva que nutrirem  
contra o que activa tens disposto;  
elles se vão; mas, se reagirem,  
estarás sempre no teu posto!

Emquanto o mundo ora se agita,  
vê que protesto no orbe inteiro  
desperta o monstro moscovita,  
tão audaz quando sorrateiro!

A implantar o seu dominio,  
vê que na Hespanha elle se entona,  
ateia a guerra, o exterminio,  
desde Madrid a Barcelona!

Vê que entre nós elle, á surdina,  
se manifesta ainda hostile;  
combate-o, esmaga essa doutrina  
contraria ás crenças do Brazil!

Mantem-te cauta, austera, activa;  
tens por ti todo o teu passado  
e a cruz austral, brilhante e viva,  
deste hemispherio constellado!

Augusto Cavalcanti

# CENTENARIO de Couto de Magalhães

Coincidiu a commemoração do centenário de Couto de Magalhães, patrono de cadeira nº 4 da Academia com a visita official feita á Casa Barão do Melgaço pelo então Governador de Estado Bel. Julio Müller.

Propublicamos, a seguir, os discursos proferidos nessa occasião, pelo presidente de A. M. L. e occupante da referida cadeira, des. José de Mesquita, pelo Governador Bel. Julio Müller e pelo academico Prof. Philogonio Corrêa, que falou em nome do Instituto Historico, de que é Vice-presidente.

# Discurso do presidente da Academia Mattogrossense de Letras, des. José de Mesquita

Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo

Illustres autoridades

Minhas Senhoras

Senhores

Exmo. Sr. Governador Julio Muller:

A Academia Mattogrossense de Letras e o Instituto Historico de Matto-Grosso recebem, com a mais grata e cordial satisfação, a sua honrosa visita a esta Casa, que é o centro irradiador da Cultura intellectual de nossa terra.

Proseguindo na sua tarefa de glorificação dos nossos próceres da intelligencia e do saber, inaugura a Academia, aproveitando este feliz ensejo, mais dois retratos da "galeria dos patronos", que são João Severiano da Fonseca e Antonio Augusto Ramiro de Carvalho, das cadeiras na 8 e 20, occupadas, respectivamente, pelos academicos Carlos Gomes Borralho e Franklin Cassiano da Silva.

A circumstancia feliz de coincidir a sua visita com a commemoração que, hoje, fazemos do centenario do nascimento do grande brasileiro José Vieira Couto de Magalhães, tão ligado, por impereciveis serviços, ao nosso

Matto-Grosso, propicia-nos uma serie de felizes e opportunas reflexões.

Couto de Magalhães, patrono de uma das cadeiras da Academia Mattogrossense, justamente aquella que tenho a honra de occupar, póde ser encarado sob multiplos aspectos, tal a projecção multiforme de sua nobre individualidade, illuminada sempre por uma alta e sadia comprehensão do verdadeiro nacionalismo. Prefiro, porém, no ensejo que se nos offerece, apreciar nesse extraordinario vulto da nossa Historia, o administrador, a quem coube, em phase critica e delicada, dirigir os destinos da provincia de Mato Grosso.

Pônho assim em relêvo a figura desse inclito varão, sob os aspectos que mais de perto nos dizem respeito e que nos offerecem lições praticas, á luz da actualidade.

Ao assumir o Governo de Matto-Grosso, em 1866, Couto de Magalhães não tinha ainda 30 annos de idade, sendo de notar que, com 23, já era nomeado Presidente de Goyaz.

Cáe-lhe nas mãos o bastão de commando quando justamente parecia tocado de tragica fatalidade.

Carneiro de Campos, preso a bordo do "Marquez de Olinda" determinando o deflagrar da guerra tremenda; o Visconde de Camamú e o general Galvão, mortos antes de chegar á séde do Governo; o general Drago, ficando no Triangulo Mineiro, annuviavam de negras perspectivas o advento do novo presidente - menino, como, sarcastica, o apodara a opposição.

E Couto de Magalhães, em menos de dois annos de administração, sorprehende os seus proprios adversarios, revelando-se o homem talhado para o momento.

Conhecedor perfeito das necessidades da provincia, na hora aziaga e má em que lhe coube gerir-lhe os destinos, ataca, de frente e resolutamente, dois problemas primaciaes, que resolve dum golpe - a defesa contra o inimigo externo e as vias de comunicação.

A retomada de Corumbá e a navegação do Aragua-

ya marcam, para todo o sempre, a passagem do jovem administrador pelo palacio de Cuyabá.

O primeiro é um feito epico, que se incorpora gloriosamente ás mais bellas gestas da nossa Historia militar, levado a effeito num lance de audacia e de denodo civico, a 13 de junho de 1867.

O segundo, não menos arrojado commetimento, verdadeiro "sonho do homem accordado", conseguindo transportar, através de mais de cem légoas de sertão, o *Araguaya-meri-ason*, que fez sulcar as aguas do grande rio lestino, foi, por sem duvida, uma dessas realizações heroicas, bastantes a immortalizar o seu auctor.

Não quero, nem devo alongar-me, esmerilhando, á luz da critica historica, os actos do Governo de Couto de Magalhães. Não é esta a occasião, nem o momento o permite. Quero, sim, tirar dos factos apontados, as conclusões que se impõe.

V. Excia. Sr Governador, assume a direcção dos publicos negocios, após um periodo agitado de nossa vida politica e em hora sombreada por densas apprehensões.

E encontra, como Couto de Magalhães, dois grandes problemas, dois maximos problemas a resolver a defesa contra o inimigo externo e as vias de communicação.

O inimigo externo, mil vezes peor que os lopiztas de 1866, é o torpe communismo russo, que tenta infiltrar-se em nosso país, fazendo do Brasil independente que nos legaram, com o preço do seu sangue, os nossos ancestraes, uma colonia de Moscou.

Felizmente que, tocada de um grande sentimento de brasilidade, toda a Nação desperta, pelos seus órgãos mais representativos, na reacção salutar contra os seus inimigos.

E V. Excia. Sr. Governador, saberá, no momento azado, oppôr-lhes a barreira inexpugnavel que o seu sentimento de patriota lhe inspira, na defesa do Brasil.

O problema das communicações e transportes —

que constitue outro aspecto primordial da defesa interna do Estado --ahi está a exigir do seu amor á nossa terra um proseguinto efficiente e á altura dos nossos imperativos economicos.

O relativamente curto periodo da sua administração não deverá servir de impedimento á realização dos planos de Governo, que a experiencia lhe dictar.

Tambem o glorioso diamantinense, que hoje festejamos, teve a sua gestão limitada no tempo e premida por angustiantes preocupações.

Que Deus lhe dê as suas luzes, a energia e a serenidade necessarias para defrontar, com exito, os grandes problemas que se lhe deparam, são os votos que, em nome do Instituto e da Academia, em agradecendo a distincção desta visita, sinceramente formulamos.

Na sua mocidade, no seu ardor civico e no seu conhecimento de nossas necessidades prementes, encontrará V. Excia. outros tantos incentivos a corôar de sucesso os seus empreendimentos.

E o espirito de Couto de Magalhães, nobre e puro padrão de brasilidade, seja o guia de seus actos, inspirados no mesmo intuito do grande brasileiro -- servir, com amor e desinteresse, á nossa terra e á nossa gente!



# Discurso do professor Philogonio Corrêa, pelo Instituto Histórico de Matto-Grosso

Exmo. Sr Governador

Exmo. Sr Presidente do Instituto e da Academia.

Minhas senhoras.

Senhores.

Esse surto de nacionalismo, esse desejo immenso de ordem e de progresso que agita neste momento o Brasil inteiro, neste raio de energias novas, neste prurido de sadias iniciativas que tanto nos dignificam e orgulham é bem o attestado eloquente de que continuamos dignos do nome de brasileiros neste paiz abençoado, de magnificas possibilidades, de tão gloriosas tradições.

Agora, mais do que nunca, o amor á Patria, o sagrado sentimento de patriotismo, deve preoccupar, acima de tudo, o nosso pensamento.

Neste importante momento da vida nacional, quando ideologias exóticas e absurdas tentam estender as suas raizes por este vasto patrimonio territorial, cuja grandeza e cujo futuro nos cumpre defender e incentivar, quando o culto da mais legitima brasilidade empolga o pensamento dos lidimos pioneiros da nossa evolução, devemos, to-

dos, assumir o compromisso solenne de alistar-nos nas fileiras dos defensores da nossa ordem e do nosso progresso.

Mais do que nunca é opportuno lembrar as belas e ponderadas palavras de Joaquim Manoel de Macedo: — “Ha nesse santo amor (o da Patria) uma escala ascendente que vai do lar domestico à parochia e ao municipio, do municipio á provincia, da provincia ao imperio: ama-se o todo porque se ama cada uma de suas partes”.

E não ha Patria mais digna de ser querida do que o nosso amado Brasil.

Que estejam sempre em nossa memoria as bellas affirmações de Affonso Celso, no seu livro “Porque me ufano de meu paiz”, verdadeiro hymno ás grandezas da nossa terra. O Brasil é grande pela sua grandeza territorial, pela sua pujança nos tres reinos da natureza, pela sua salubridade, pela variedade e pela amenidade do seu clima, sem excessos de rigores, pela belleza da sua historia e da sua literatura, pelos seus exemplos civicos. Nunca foi humilhado e realizou sem sangue todas as suas conquistas na senda da civilização.

A sua bella lingua, apesar da magestade da sua vastidão territorial, da pouca densidade de sua população e da variedade dos factores raciaes que têm contribuido para a formação do typo nacional, é a mesma, apenas com uns leves tons de zonas que dão graça á sua pronuncia, em todas as partes onde é falada. Não ha dialectos que nos separem.

Que se não venha allegar preferencias de credos politicos ou religiosos para diminuir o nosso amor pelo Brasil

Elle é a patria de todos nós e em todas as etapas da sua vida manifestou-se firmemente orientado para um constante progredir.

A chamada republica velha tão diminuida por demolidores da ultima hora, só pode orgulhar-se do seus homens e do seu trabalho.

Ella é a republica de Deodoro, o “Proclamador” o patriota de escol, que soube sacrificar-se pelo bem commum.

E’ a republica de Floriano, “o Consolidador”, o “Marechal de Ferro”, que soube garantir a estabilidade da nova ordem de cousas.

E’ a republica de Prudente de Moraes, o grande civilista, ex-presidente da nossa gloriosa Primeira Constituinte, que traçou os rumos constitucionaes ao novo regime de governo.

E’ a republica de Campos Salles que, ouvindo os sabios conselhos do seu Ministro da Fazenda, Joaquim Murtinho, salvou as finanças e o bom nome da nossa terra, sabendo mesmo que sacrificava ao seu proprio prestigio e a sua propria popularidade.

E’ a republica de Rodrigues Alves, o grande remodelador e saneador do Rio de Janeiro, auxiliado superiormente, no seu trabalho herculeo, pela energia intelligente de Lauro Muller e de Pereira Passos e pelo talento desinteressado do sabio Osvaldo Cruz.

E’ a republica de Affonso Penna, o patriota puro, o character sem jaça, cujo nome está immorredouramente ligado a esse trabalho de titans, que é a Noroeste do Brasil, despertadora de novos horizontes para Mato Grosso; de Affonso Penna que, no memento supremo da sua morte, levava a consciencia tranquilla do dever cumprido, resumindo o seu programma de vida nas suas derradeiras palavras:— ” Deus! Patria! Liberdade! e Familia!

E’ a republica de Rio Branco e de Ruy Barbosa, dois nome que bastam, com as suas iniciaes iguais ás da — Republica Brasileira — a dignificar um regime e glorificar uma Patria.

Eu não quero referir-me agora ao ultimos dirigentes da velha republica, cujos annos, envoltos ainda pelos fumos carregados da critica apaixonada, precisam da luz clara do juizo seguro da Historia, para o seu defi-

nitivo julgamento.

Para justificativa e realce da chamada Republica Nova, bastam-lhe os criteriosos e oportunos artigos da ordem social introduzidos em nossa nova Carta Constitucional, e a entrega da fiscalisação do trabalho eleitoral á serenidade de representantes do nosso Poder Judiciario, garantia da expressão, genuinamente democratica, da verdade do voto. Brasil Reino, Brasil Imperio, Brasil Republica Velha e Nova é sempre o Brasil das grandes reservas para o futuro. Brasil de desenvolvimento assombroso, attestado, em nossas verbas orçamentarias, pelo grande e incessante crescimento das producções, que os dados frios das estatisticas, proclamam com eloquente verdade.

Tenhamos fé em nossa propria grandeza e em nossos propios recursos e dêixemos a mania inferior da copia de alheias normas.

Nem jaquetas rubras e nem camisas verdes.

As primeiras são manifestações de desespero, gritando, com imprecações de protesto, contra os desmandos de uma autocracia sanguinaria, mas praticando, em sua substituição, crimes muito mais monstruosos do que os de todos os Kzares reunidos. Dellas já se descreê na propria Russia.

As segundas são imitações inferiores, improprias do meio brasileiro, remedio não receitado para os nossos males, reconhecido de efficacia, pelo proprio Mussolini, exclusivamente para as crises do seu paiz.

Não precisamos de ideologias exóticas.

Que nos baste o uniforme do nosso glorioso exercito e o da sua brilhante reserva.

Que o nosso lábaro seja só o auriverde pendão dos nossos bravos, com o seu lemma a resumir o programma dos nossos anseios, sem sigmas estravagantes que não constam do nosso alfabeto.

A saudação em nossas milicias, deve ser só a sóbria e elegante continencia militar, que não precisa e não

deve ser substituída pelas saudações a romana.

Que de nós se não possa dizer que esquecemos o culto do nosso passado e dos nossos heróis modelos, nesse esquecimento só próprio das patrias que caminham para o suicídio da descrença.

A homenagem que o Brasil rende á memoria de Couto de Magalhães, commemorando o primeiro centenario do nascimento de tão illustre filho, diz, com eloquencia, da nossa cultura civica, do nosso amor ás nossas glorias e aos nossos valores dignos de imitação.

Mato Grosso, mais do que qualquer outro Estado da federação brasileira, deve ao grande filho da cidade mineira cuja nome é derivado do diamante puro, a esse ouro de lei, producto genuino das nossas minas, a esse monumento incorruptivel de brasilidade de tão opportuno estudo, um culto especial de reconhida justiça a esse grande amigo d'esta terra, "que os tem tão poucos, no abandono da sua remota distancia e da sua desconhecida grandeza."

Entre as provincias brasileiras administradas pelo grande bandeirante do seculo 19, nenhuma lhe mereceu, como a nossa, mais cuidadoso carinho e nem mais entusiasticos gabos; carinhos e gabos que se encontram espalhados, com a franqueza que lhe era propria, nas obras que escreveu nos seus sonhos de admiracão pelo Brasil.

E se mais por nós não tivesse feito, bastar-lhe-ia para tornal-o credor da nossa veneração, essa titanica iniciativa da navegacão de Araguaia, desse mesmo Araguaia cuja posse agora nos querem contestar, apesar de Couto de Magalhães ter collocado á sua margem, como uma sentinela eloquente de protesto, a antiga Itacaiú, marco eloquente da nossa fronteira com o vizinho Estado de Goiaz.

D'ahi a primazia que tem sobre as suas outras producções, as suas obras "O Selvagem" e a "Viagem ao Araguaia", nas quaes o seu espirito de nacionalista, o motivo principal d'estas consagrações centenarias, mais

accentuadamente se reflecte.

Gloria pois a esse nacionalismo que não entibia e não enfeia, a esse nacionalismo—que é fé nos destinos da Patria, esperança no seu futuro e amôr ás suas tradições gloriosas”. Gloria a Couto de Magalhães—’ de um dos progonos d’essa reação feliz e oportuna que ora sacode as consciencias, abrindo novos horizontes ao Brasil”, promovendo” a restauração da brasilidade deturpada pelos feios exotismos”, a Couto de Magalhães que já aos 23 annos de idade, administrava superiormente uma das maiores e mais ricas dentre as Provincias do Brasil.

Que no meio d’estas consagrações com que são esculpidas no bronze da memoria as lições do passado, tenham logar tambem as nossas destacadas felicitações á Academia Matogrossense de Letras, a pioneira na consagração do merito do auctor do “O Selvagem”, patrono escolhido pelo nosso illustre Presidente José de Mesquita, distinto occupante da cadeira n. 4, que já nos soube dizer nos estudos, apurados, elegantes e judiciosos com que elogiou o seu patrono, do quanto de justiça existe nas consagrações promovidas para o grande “paladino do nacionalismo” a caminho da immortalidade.

E nem melhor oportunidade podia encontrar esta Academia, Sr. Governador Julio Muller, para receber-vos e agradecer-vos a honrosa visita do que esta na qual homenageamos a excelsa pessoa de Couto de Magalhães; pois estamos certos de que sois ambos superiormente norteados por duas qualidades mestras do homem publico: pelo grande amor que ambos votais à terra matogrossense e pela robusta fé que ambos nutris, pelo futuro brilhante da nossa terra commum.

# Discurso pronunciado pelo exmo. snr. Governador Julio Müller

«Exmos Snrs Presidentes do Instituto Historico e da  
Academia Mattogrossense de Letras.

Exmos Membros da Mesa.

Exmas Senhoras e Senhoritas.

Meus Senhores.

Retribuindo a visita que recebi do Instituto Historico e Academia de Letras, logo após minha posse no Governo do Estado, declaro-me sinceramente grato e penhorado pela gentileza daquella cortezia, como pela distincção com que me recebeis, hoje, neste Syllogeu, testemunho exacto do vosso esforço, vosso amor á terra mattogrossense, e da dedicação ás cogitações elevadas no campo das sciencias e das letras.

Erguendo a minha voz desautorizada, neste cenaculo do espirito, onde acabam de fulgir tantas joias literarias, sinto que é grande a temeridade, mas, embora ligeiras e sem brilhos, minhas palavras despretenciosas e singelas, tem, qual pequenina e modesta violeta, cujo perfume a revela, os traços suggestivos da sinceridade e da gratidão.

Gratidão, pelas provas de amisade e consideração com que me cercaes; pelo conforto da vossa solidarie-

dade ao meu Governo, sentindo como bom mattogrossense vibrar meu coração de entusiasmo e admiração, pelo vosso esforço continuado e tenaz, á prol do desenvolvimento cultural dos filhos deste rincão abençoado.

Esse esforço, aliás, sem compensação immediata, terá um dia o seu reactivo, gravando em letras fulgurantes de patriotismo e abnegação, os vossos nomes nas paginas da nossa historia contemporanea.

Ides trilhando, com desassombro e perseverança nunca jamais desmentidos, a trilha áspera que conduz á immortalidade, erigindo em cada etapa vencida o marco granitico da grandeza e da prosperidade de Matto Grosso.

Proseguí nessa jornada e fareis á nosa terra o bem que outros procuram fazer, embora seguindo rota differente!

Meus Senhores.

Estou cançando os vossos espiritos, após tão encantadora festa, mas acho que não devo ultimar este modesto discurso de agradecimentos, sem fazer sentir a todos os componentes destas notaveis e uteis associações culturaes, que, no Governo, como fóra delle, serei sempre um entusiasta pelo desenvolvimento intellectual e formação moral de nossos concidadãos.

No cargo que ora occupo trago a disposição de vos prestigiar e auxiliar em tudo que se afigurar possível—para maior grandeza do nosso Estado e do Brasil.

Cultivando a intelligencia e aprimorando conhecimentos, estamos prestando á Patria inestimaveis serviços, asphixiaremos, dessa forma indirecta, os assomos degenerescentes das doutrinas extremistas que só medram e vicejam onde a ignorancia campêa.

E, por uma associação de idéas, relembro, como já o fizeram os brilhantes e autorizados oradores que me precederam, a figura gigantesca de patriota e administrador, industrial e escriptor brasileiro—José Vieira Couto de Magalhães.

Com esta lição de civismo e gratidão, demonstra-

mos aos inimigos da Patria, que, neste rincão do Brasil, palmilhado, prezado e defendido heroicamente por vultos da estatura de Couto de Magalhães—cujo primeiro centenario o Brasil inteiro commemora—não vicejam, não tem habitat, aquellas doutrinas que pregam a dissolução da Familia, da Sociedade, o esquecimento do nome de Deus, que parece-nos escutar ainda dos labios amorosos e sempre queridos de nossas Mães.

Terminando, quero mais uma vez, agradecer a todos os presentes, o brilho que vieram dar a esta festa com o seu comparecimento, e em particular, muito pehoradamente, a todos os Membros da Academia e Instituto Historico Mattogrossenses, como ás gentis senhorinhas e intelligentes e esperançosos representantes de outras associações litterarias, o goso espiritual que nos proporcionaram.



## Couto de Magalhães

Conferencia de Severino de Queiroz, pronunciada a 1 de novembro, centenario de nascimento do grande brasileiro general Couto de Magalhães, no grêmio literário "Padre José Anchieta" (Ginásio Dom Bosco), em Campo Grande.

A existência, neste educandário, de u'a associação com o nome do grande jesuíta, Padre José Anchieta, o incansável amigo do Brasil e dos nossos índios, — revela alta dose de justiça dos mestres e alunos para com os grandes vultos da Pátria Brasileira, para com aqueles que tudo fizeram em benefício do Brasil e de seu povo, e em prol da geração hodierna, a que pertencemos.

Concordam todos na utilidade destas nossas tertúlias, em que, ora se sobressai a feição, puramente literária, para que se vá despertando o gôsto dos alunos pela arte do bom dizer e pela forma tersa da linguagem, ora se relembram ilustrados e beneméritos patrícios,

ou ainda vultos de outras nações e cuja vida de labor, cuja honra e alta cultura os tornaram veneráveis em todas as nações civilizadas.

Esquecê-los seria crime de leso-patriotismo; seria desprimor à justiça e à civilização. Se isso acontecesse, muitas coisas deixaria o homem de executar, pois teria a triste e desanimadora certeza de que sua obra se sepultaria com o corpo e, com êste, se transformaria em pó.

É, por isso, necessário e pedagógico que se contem a adolescentes os esforços, os feitos dos que nos ensinaram a lutar e a produzir, dos que, com os exemplos constantes, nos mostraram que não devemos plantar apenas couves, mas, também, carvalhos. Logo, devem ser gravados e cultuados os nomes desses nossos mestres. Do contrário, seríamos todos presas do desânimo, gerado pelo desestímulo póstumo.

Assim, não nos abata a canseira, não nos petrifique qualquer eiva de egoísmo ou despeito, e prossigamos, impávidos, na marcha iniciada!

\* \* \*

O sr. ministro da Educação tomou a seu cargo as comemorações, em todos os estabelecimentos de ensino do Brasil, do centenário de nascimento do brigadeiro Couto de Magalhães.

Apoiando tão justa iniciativa, o sr. presidente da República sancionou a lei nº 509, de 22 de setembro deste ano de 1937.

Aderiram às comemorações os senhores governadores do Estados.

Sendo hoje, 1º de novembro de 1937, o centenário de nascimento do grande cientista pátrio, a êle é dedicada esta sessão.

Trata-se do dr. José Vieira Couto de Magalhães, a quem tanto devem o Brasil e muitas das suas circuns-

crições territoriais.

Nasceu Couto de Magalhães a 1º de novembro de 1837, em Diamantina, Minas Gerais.

Era filho do Capitão Antônio Carlos de Magalhães e de d. Teresa do Prado Vieira do Couto e neto do grande naturalista José Vieira do Couto.

Era doutor em direito, de borla e capelo, pela faculdade de S. Paulo.

Monarquista convicto, político do antigo partido liberal, foi Couto de Magalhães uma das mais notáveis figuras do segundo império. Foi conselheiro de Estado e administrou as províncias do Pará, Goiaz, Mato-Grosso e S. Paulo. Na administração desta ultima, veio encontrá-lo a proclamação da República, — afirma-o Estêvão Cruz, in *Antologia da Língua Potuguesa*, pág. 415.

Quando govêrno de Mato Grosso, coube-lhe a tarefa de expulsar de Corumbá u'a coluna do exército paraguaio, sob o comando do coronel Bárrios que mantinha em cativeiro a população da linda cidade patricia.

Reuniu elementos, formou batalhões de voluntários, que acudiam ao chamamento do novo presidente da província, para livrar a família corumbaense da opressão e do vexame de obedecer aos inimigos da Pátria, ufanos da presa.

Gozando de grande prestígio do govêrno imperial, Couto de Magalhães, ainda moço e de valor, sacudido pela indignação que lhe deixou nalma a invasão dos legionários do tirano Lopes, preparou três colunas, que, sob o comando do então capitão Antônio Maria Coelho, comissionado no posto de major, tomaram de assalto a dita cidade, surpreendendo os inimigos a dormir a sés-ta. Deu-se isso a 13 de junho de 1867, - efeméride inolvidável, não só para os corumbaenses, mas, também, para todos os brasileiros.

Nos preparativos para a arrancada salvadora, foi Couto de Magalhães eficazmente auxiliado pelo chefe de esquadra Augusto Leverger, depois barão do Melgaço.

Se outros serviços não houvesse prestado ao Brasil o grande cientista mineiro, a epopéia da retomada de Corumbá, da qual, retirada, fôra o inspirador máximo, o supremo organizador, — bastaria para recomendá-lo aos encômios da posteridade.

Foram tão relevantes os serviços de Couto de Magalhães na guerra contra o tirano Francisco Solano Lopes, ditador do Paraguai, que o govêrno de Pedro II o comissionou no posto de brigadeiro. Honras dessa natureza muito difficilmente se davam a civís.

Mato-Grosso deve mais a Couto de Magalhães o desbravamento e a navegação do rio Araguaia, que estudou, como se pode ver do seu livro — “Viagem ao Araguaia”, ora em 3a. edição. Esse livro contém importantes estudos geográficos, etnológicos e linguísticos, como sejam: descrição do rio Araguaia; notícias sôbre o Caiapó Grande, Caiapozinho, rios Claro e Vermelho; roteiro para a região dos índios Araés e para as famosas Minas dos Martírios; estudos sôbre o rio das Mortes e sôbre a navegação do rio Araguaia; descrição de viagem a Leopoldina e aos Araés; importante glossário dos dialetos dos ferozes Chavantes, dos Charentes e Caiapós.

Esses estudos de Couto de Magalhães firmaram o direito mato-grossense à posse de toda a margem esquerda da Araguaia. As povoações que hoje progridem alí foram fundadas por Couto de Magalhães ou por sua ordem.

Parte dessa região foi objeto de u'a pendência de limites entre Goiaz e Mato-Grosso.

Apesar de estar judicialmente firmado o direito deste Estado às terras aludidas, foi há pouco assinado um acôrdo entre os dois govêrnos. Por êsse pacto, perde Mato-Grosso o secular domínio sôbre aquelas riquíssimas terras diamantíferas por excelencia, pastais e lavradas, numa extensão quasi igual à do Estado do Espirito Santo. Mas o dito acôrdo depende de homologação das Assembléias Legislativas dos referidos Estados, e a Assem-

bléia mato-grossense ainda não decidiu a respeito. Consta que a maioria da Assembléia é contrária à aprovação dêsse acôrdo, e que também o atual governador, cidadão Júlio Muller, não deseja que Mato-Grosso perca as supradistas terras. De maneira que é bem possível que continue inalterada a obra do grande etnólogo Couto de Magalhães, (1).

\* \* \*

Couto de Magalhães prestou ainda valiosos serviços à literatura, à história, e especialmente à etnografia do Brasil.

Estudou a fundo as raças aborígenes, seus costumes, suas tribos, coligindo numerosas lendas dos mesmos índios. Foi prosador e poeta.

O livro — “O Selvagem” já em 3a. edição, obra de fôlego e prestantíssima, é, por sem dúvida, ótima contribuição e guia seguro para os conhecimentos dos costumes e das línguas dos selvícolas goianos, paulistas, mato-grossenses e de todo o Pindorama. Traz ainda “O Selvagem” a gramática da língua tupí, obra útil aos estudiosos da língua portuguesa, do português falado no Brasil, português enriquecido com a terminologia tupí. Encontram-se nesse magnífico repositório de informações, que é “O Selvagem” oportunas considerações sôbre o nheengatú ou língua dos tupís e guaranis, também chamada — língua geral.

Do folclore indígena, interessantíssimo, copio ou interpreto algumas lendas, coligidas por Couto de Magalhães, traduzidas em várias línguas e reproduzidas por Sílvio Romero, algumas por Estêvão Cruz, êste na obra atrás citada, página 418 e mais.

Consoante o sentir de Estêvão Cruz, muitos dos nossos anexins ou brocardos vieram do tupí.

Observou o autor do “O Selvagem” que as lendas tupís têm fundas relações com as do fabulista grego Esopo.

Eis as lendas:

### A raposa e o homem.

A raposa foi deitar-se no caminho por onde o homem tinha de passar e fingiu-se morta.

Veio o homem e disse:— Coitada da raposa!

Fez um buraco, enterrou-a e foi-se embora.

A raposa correu pelo mato, passou adiante do homem, deitou-se no caminho e fingiu-se morta.

Quando o homem chegou, disse:— Outra raposa morta! Coitada! Arredou-a do caminho, cobriu-a com folhas e seguiu adiante.

A raposa correu outra vez pelo cerrado, deitou-se adiante no caminho e fingiu-se morta.

O homem chegou e disse:— Quem teria morto tanta raposa? Arredou-a para fora do caminho e foi-se.

A raposa correu e foi fingir-se outra vez de morta no caminho.

O homem chegou e disse:— Que leve o diabo tanta raposa morta!

Agarrou-a pela ponta da cauda e sacudiu-a no meio do cerrado.

A raposa então disse:— Não se deve cansar a quem nos faz bem.

Nós, civilizados do século das luzes, concordamos plenamente com a lição do indígena:— Não fatiguemos a quem nos faz uma ou duas vezes o bem.

### A raposa e a onça

A onça saiu do buraco (para o que pedira o auxílio da raposa) e disse:— Agora eu vou agarrar a raposa. Andou certa vez e passando pelo mato, ouviu um

barulho: xau,xau,xau! Era a raposa que estava tirando cipó.

A raposa, quando viu a onça, disse: — Estou perdida; a onça agora — quem sabe? — me vai comer!

A raposa disse à onça: — Aí vem um vento muito forte, ajude-me a tirar cipó para me amarrar numa árvore, senão o vento me carrega.

A onça ajudou a tirar cipó e disse à raposa: — Amarra-me primeiro, eu sou maior, o vento pode levar-me antes.

A raposa disse à onça que se abraçasse com um pau grosso, feito isso, a raposa amarrou-lhe os pés e as mãos e disse: — Agora fique aí, seu diabo, que eu cá me vou,

Moralidade: — “Quem é precavido não cai às mãos do inimigo.”

Tal lição, tomâmo-la, sempre que pudemos.

\* \* \*

A raposa tinha muito medo da onça. Por isso, só andava de noite. A onça armou um laço, limpou o caminho e quando a raposa chegou a onça disse: limpei o nosso caminho por causa dos espinhos. Mas a raposa desconfiou e disse à onça. — passa adiante. Quando a onça passou, desarmou o laço. A raposa pulou para fora e fugiu.

Moralidade: — “Quando o inimigo nos fizer alguma coisa e disser que a fez em nosso benefício, não acreditemos, sem examinar.”

\* \* \*

A raposa tinha que beber água. Que fazer? Já se havia lambusado no mel, se deitado nas folhas verdes. Mas ao entrar nágua, as folhas se soltaram, e a onça percebeu o disfarce da raposa. Contudo, deixou que a raposa se fosse em paz; pega-la-ia doutra vez. E agora, que fazer?

'A raposa bateu um pé de soroeira, lambusou bem na resina, deitou-se nas folhas sêcas e foi para o poço.

A onça perguntou:

— Quem és?

Sou o bicho Folha sêca.

— Entra nágua, sai e depois bebe.

A raposa entrou, mas seu disfarce não boiou, porque a resina não se derrete nágua; saiu e depois bebeu, e assim fez sempre até chegar o tempo da chuva."

Moralidade: — "Não há situação, por mais desesperada que seja, de que homem não possa sair com energia e inteligência."

\* \* \*

Tendo a onça se fingido morta, todos os bichos ficaram agradecidos a Tupan. E fizeram festa na cova da onça. A raposa não entrou na cova e perguntou de fora: — "Ela já arrotou?"

— Não, disseram os outros bichos.

O defunto meu avô, quando morreu, arrotou três vezes.

A onça ouviu e arrotou três vezes.

A raposa ouviu, riu-se e disse: — Quem é que já viu alguém arrotar depois de morto? Fugiu e até hoje a onça não a pôde agarrar, por ser a raposa muito ladina."

Moralidade: — "Desconfia do inimigo, ainda mesmo depois de morto "

\* \* \*

Encontram-se no "O Selvagem" muitas outras lendas da raposa e da onça. Esta, por mais que fizesse, jámais levou a palma da victória. Abusou, porém, do seu poderio sôbre os outros animais. Encontram-se também as lendas do jabutí e outras.

## A onça e os cupins.

Estavam uns cupins fazendo casa no pau, em que a onça se achava presa. Pediu aos cupins que roessem o cipó e a soltassem. Os cupins disseram que sim, mas tinham muito receio que a onça os matasse. Esta respondeu que não os mataria. Confiados nessa promessa, os cupins trabalharam toda a noite e cedinho a onça estava livre. Mas, como estivesse com fome, comeu os cupins e foi ao encalço da raposa.

A raposa, porém, como se viu linhas atrás, não era tão boba como as infelizes formigas, — pobres inconcientes, que auxiliaram o inimigo inexorável, cumpriram as suas ordens, fizeram seu jôgo e, contudo isso, foram as primeiras vítimas!

Quantos homens há por aí, especialmente na política, ingênuos como os cupins? Há muitos que, inconcientemente, fazem o jôgo dos inimigos da Pátria de Deus e da Família! Serão comidos, como os cupins!...

\* \* \*

Utilíssimo é, por sem dúvida, “O Selvagem”, que mereceu versão para o francês, alemão e inglês.

Couto de Magalhães, que era sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Associação Brasileira de Aclimação, Oficial da Ordem do Cruzeiro e da Ordem da Rosa, condecorado com a medalha da guerra do Paraguai e com aquela concedida à guarnição do Forte de Coimbra e à Flotilha de Mato-Grosso nos dias 26, 27 e 28 de dezembro de 1864, escreveu ainda: — “A Revolta de Felipe dos Santos, em 1720; “Os Guianazes”; “Anchieta e as línguas tupís.”

Ao parecer de Carlos de Laet, foi Couto de Magalhães infatigável estudioso dos sertões e das línguas indígenas. Nesses estudos, despendeu o grande brasileiro muita energia e muito dinheiro, pois quasi todas as viagens, êle as fazia por sua conta.

Segundo o implacável crítico Agripino Grieco, Couto

de Magalhães” sentiu a doçuras das lendas indígenas.”

Nos livros deixados por Couto de Magalhães se têm abeberado todos os estudiosos dos nossos sertões e do nosso selvícola.

O brigadeiro Couto de Magalhães serviu ao Brasil com extraordinária dedicação e coragem. Era homem de prôa em tudo: na trincheira; debaixo da fuzilaria; nas viagens por água e por terra; de uma feita, fez transportar em cinquenta carros de bois um navio desmontado, isso através de cem léguas; e em pleno sertão, fazia êle surgir u’a oficina com toda a sua luta; era ainda catequista. Tendo estudado as línguas de várias nações indígenas, pôde fazer milagres na catequese.

Vidas como a de Couto de Magalhães devem ser tomadas para modelo por todos aqueles que amam verdadeiramente a terra do seu berço e querem servi-la com o maior proveito.

O dr. José Viera Couto de Magalhães faleceu no hotel Vista-Alegre, em Santa Teresa, no Rio Janeiro, a 15 de setembro de 1898. Trouxeram-lhe o corpo para a capital de S. Paulo, onde se acha sepultado, no cemitério da Consolação

Cultuemos a memória dêsse cientista, dêsse escritor, dêsse soldado e dêsse sertanista, que foi Couto de Magalhães, — cujos feitos devem ser transmitidos ás novas gerações, para que dêle se lembrem sempre e pelas suas magníficas obras aprendam a amar e a servir o Brazil.

---

(1) O artigo 184 da Constituição de 10 de novembro de 1937 veda entre os Estados “quaisquer reivindicações territoriais” e extingue as questões de limites entre Estados da União. Continua, portanto, Mato-Grosso com as suas terras da margem esquerda do Araguaia — como dispôs Couto de Magalhães.

# Páginas da minha Infância

Arnaldo Serra

(Para Ulysses Serra)

Quando saíamos da Varzea-Grande, rumo do Bom-sucesso, pelo estradão da Capela, passando pelo Capão do Piquí, não raras vezes éramos *ensozquilhado* nos ombros do tio Manoel, preto, alto e forte, já pela casa de seus 65 anos, afeito desde moço quasi a vida sertaneja, como estafeta ou *correio* que fôra por largos anos, do invicto General Couto de Magalhães, de quem o meu obscuro e dedicado amigo se ufanava em guardar o sobre-nome: Manoel de Magalhães.

Solteiro, tinha o seu falto rancho, barreado e coberto de palmas de uacurí, (palmeira, a mais amiga e dedicada companheira dos habitantes ribeirinhos do rio Cuiabá), um pouquinho abaixo do Poço Grande, encantador recanto onde ele cultivava pequena nesga de terra cedida pelo velho amigo Tertuliano da Silva Jorge, ex-cabo de Cavalaria, vindo para Mato-Grosso, num dos Batalhões pernambucanos, por ocasião da guerra com o, então, valoroso Paraguai.

Pobre, porém, afetuosissimo, tio Manoel fazia religioso habito em ir, anualmente, por ocasião da *môagem*, que coincide com a encantadora e dadivosa epoca das *lufadas*, ou da *piracema*, buscar a idolatrada irmã, a nossa inesquecivel Mãe Preta que nos criara desde tenra idade, quando fôramos privado, pela fatalidade, dos carinhos maternos: éra a realização de uma promessa em vida, á madrinha que nos *carregara* para o batismo na Igreja de São Gonçalo, no segundo distrito da velha capital.

Grimpado aos ombros do afetuoso amigo, que tomava sempre a dianteira da pequenina e alacre comitiva, iamoz fazendo-o nos *apeiaz*, de trecho em trecho, para apanhar mos as variegadas flôres que se desabrochavam á beira da larga estrada, ou dos tortuosos caminhos, na louçania das manhãs que precediam sempre ás madrugada das partidas.

Do improvisado mirante descortinavamos melhor a florescencia das matas e dos campos, e daí a ansia de colhermos tudo que se nos oferecia de mais belo e atraente. O'ra era a esquisita *fruta de algodão*, disposta em pequeninos cachos côm de sangue; um pé de *orvalho*, ainda a gotejar o sereno absorvido, interessante, durante a noite, prenhes de transparentes pomos; uma *fruta de lobo*, enfeitada de grinaldas roxas, ou uma penca amarelada de *quina* que, esplendida por entre as reluzentes fôlhas da esquia e altaneira arvore, que parece guardar consigo uma inata alegria terapeutica.

De uma feita, nos empolgara a vista um bellissimo carandá, distante, no principio de uma encosta, ajudando formar pequeno e alcantilado vale,

Dir-se ia um ente que nos acenava, de a quem da sua vida subjetiva, aquela isolada palmeira, na plenitude de sua existencia: alta, bem ereta (como soem ser os individuos da sua especie), ostentando o tufo verde de umas centenas de primorosos leques que o vento áquelas horas agitava vagarosamente. Ao deparar-mo-la, gritando embevecido quasi que involuntariamente, e como

que cheio de autoridade infantil:

— tio Manoel, apanha aqueles legues para mim!

O honrado e bonissimo ancião, ageitando a amiga carga, buscou com a vista ainda perfeita, a solitaria palmeira. Conhecendo, porém, a impraticabilidade da realização de tão infantil desejo, respondeu com a mais das santificadas simplicidades que lá morava o Curupira. Recolhi-me, então, dentro de mim mesmo, transido, numa religiosidade semi-santa do mais profundo silencio, sentindo o éco das venerandas palavras, tão cheias de amor e de simplicidade.

. . . . .

Que viria a ser, naquelas alturas tão ignotas para a minha idade, o extranho nome que acabava de ouvir, perguntava o coração, baixinho, como que num murmurar, candido, de prece. . .

Hoje cada, cada pé de carandá que avisto, ja por outras estradas, invias e diferentes, a luz de um outro sól, ja triste e envelhecido, desperta-me, esse mesmo éco a soluçar comigo:

Cu-ru-pi-ra

Rio de Janeiro, 3-II-1937



# Os sinos de Cuiabá

*a José de Mesquita*

*Rosario Congro*

Conhecendo, apenas, no seu isolamento primitivo, os deuses domésticos, *dei gentiles*, o homem, animado sempre da ideia religiosa, unia-se depois, para o culto coletivo de heróis epónimos, que eram os oráculos do burgo, e dos deuses nacionais.

A esse sôpro inspirador, é que a sociedade, entre os antigos, se organizou.

Conta-nos Plutarco que Licurgo, na renovação de Esparta, a primeira coisa que fez, foi construir um templo.

Era o Pritanado, ou lar comum, que precedia a fundação das cidades helênicas.

Em Roma, era o sacerdócio de Vésta.

Mas São Paulo disséra: «Deus só é Deus dos Judeus? certamente que não; é também dos gentios»

E o cristianismo, sendo a verdade universal na unidade de Deus, completou, com a destruição dos cultos locais, a transformação social iniciada sete séculos antes.

\*  
\*\*

Partindo de Araritaguába, Tietê abaixo, outro propósito não tem a arrojada monção de Pascoal Moreira, se

não a conquista do ouro, que era facinante.

E se um dia, já nas bravias terras dos Coxiponés, a fundação de uma cidade sorriu à mente do bandeirante audaz, certo não lhe foi necessário o desígnio dos deuses, que, pelo vôo dos pássaros, o Palatino a Romulo indicaram.

Nem, como a Eneias, transportando para o Lácio os deuses de Tróia, a guarda lhe coubera de divindades protetoras.

As lavras, cada vez mais promissôras, do serocabano, determinaram o aglomerado humano dos aventureiros.

E o povoado nasceu no vale, marginando o ribeiro agora quasi extinto.

Bem longe vai a época, em que os pescadores traziam as suas canôas até o logar onde sombreia a doce solitude do Jardim Ipiranga.

\*  
\* \*

A patrocinar-lhe o destino, não tardou que à meia-encosta se erguesse, com sua cobertura de pâlha, a capelinha do Senhor Bom Jesus, que frei Pacífico dos Anjos havia de sagrar, nela rezando a primeira missa.

Dia a dia, o vilarêjo aumentava de habitantes, atraídos pela fâma do metal precioso e nobre, que, de tão abundante, aflorava à terra, em granêtes.

As viélas tortuosas, que a urbanística não corrigiu ainda, como que a conservar-lhes a feição tradicional, foram os primeiros delineamentos da cidade.

Encerrado o ciclo do ouro, e não obstante seu afastamento geográfico, a *uzbs*, tornada capital da longinqua Província, teve expansão notável.

E' preciso subir a uma das suas elevações, para vêr como ela se derrama pelas colinas alternas.

Das alturas dominantes da Praínha, temo-la aos pés. O casario denso, de telhados róseos, estende-se em

anfiteatro, com o relêvo sobêrbo da Catedral, do Palácio da Instrução e das vírides palmeiras em colunatas.

Dos tôpos opostos, do Peagaú, a vista se alonga na paisagem sempre verde, pontuada de habitações.

Em frente, a massa branca do Seminário, e, sobre a penha do seu outeiro, o admirável poêma, inacabado ainda, da igreja do Bom Despacho.

Além, o Santuário do Colégio e o Observatório, de muros vermelhos; e mais ao longe, para as bandas do rio histórico, emergindo das frôndes, a torre monumental de São Gonçalo.

Disse Rui, alhúres, que o adiantamento de uma cidade, afêre-se pelos seus campanários.

Em verdade, as grandes metrópoles, vistas á distância, impressionam pelas torres e zimbórios das suas igrejas.

As cidades nascem para ser eternas.

Roma, destruída pelos gaulezes, foi reedificada pelos romanos, que se recusaram ir habitar, nas proximidades, a cidade abandonada de Veies.

Assim determinavam as suas tradições.

Cidade ancestral, é dos seus templos, entretanto, que recebe Cuiabá o halo encantador da sua ancianidade.

Não são ricos nem suntuócos, embora haja sido esta a terra do ouro, mas, venerandos, eles atestam que no decurso de dois séculos, aqui se organizou, nos são princípios da Religião Católica, uma sociedade que a pômpa dos pontificais ainda deslumbra e maravilha.

E' ao tóque dos sagrados bronzes que a bôa gente cuibana, para o labôr quotidiano acorda.

Quando alvorece, quando, por toda parte, ouve-se a clarináda dos galos e os «amassa barro» esvoaçam, cantando, pelos beirais, tangem os sinos de todas as igrejas, chamando os crêntes à oração do dia.

E como se distinguem, festivas, no espaço iluminado das matinaç, como plangitivas, nas sombras do Angelus,

«que pelo tocar do sino  
se sabe da freguezia»

as vózes sonóras de São Gonçalo, Colégio, Bom Despacho, Rosário, Passos, Bôa Morte, e, de mais alta vibração, as da vélha Sé!

Na aleluia do meio dia, então, como esparsos carilhões, enchem os céus, a um só tempo, das harmonias imperecíveis da glorificação.

Da sentimentalidade que os sinos nos infundem, do seu simbolismo, disse-o, em versos populares, a musa de alem-mar:

«Sino, coração da aldeia.  
Coração, sino da gente.»

E o éstro de Bilac, nas filigrânas destes alexandrinos impecáveis:

*Plangei, sinos! A terra ao nosso amor não basta...  
Cantai, sinos! Daqui por onde o horror se arrasta,  
Levai os nossos ais rolando em vossas vozes!  
Tangei! Torres da fé, vibraí os nossos brados!  
Dizei, sinos da terra, em clamores supremos,  
Toda a nossa tortura, aos astros de onde vimos,  
Toda a nossa esperança, aos astros aonde iremos!*

Lento como o tempo, a marcar-lhe a passagem, badala de hora em hora, o sino grande da igreja *mater*.

Em sua vigília sobre a cidade que dorme, tem um quê de magestoso e emocional que na quietude da noite se dilúí.

Bronze-velúdo, como o chamou o Príncipe dos nossos poétas, dizem que Dom Carlos d' Amour estacionava, para ouvi-lo melhor, a meditar, talvez, nos dolentes dóbres que teriam de anunciar a morte do Bispo e Santo.

Ferindo o silêncio aterrador de Piedade, onde branquêja a cruz dos túmulos erguidos, os sinos, soluçantes, lembram-nos a fragilidade dos destinos humanos.

Os sinos, quanto mais tangidos, mais sonóros.

Mas, na sua vida de sons, os sinos tambem morrem....

A recordar as convulsões políticas de outr'ora, ainda se eleva, fendido, o sino imperial da vetusta Bôa Morte.

Onde mais a pureza argentina do seu bimbalar, em hosanas ao Senhor, pela restauração da paz entre os homens?

E' o sino morto.

Nesta ambiencia de espiritualidade, longe do borborinho febricitante das Babilônias modernas, a vida é mais amêna.

Com sua historia, por vezes dolorosa, com suas lendas e tradições, Cuiabá ha de atravessar os séculos, como lídimo padrão de civilização cristã.



# O Poeta das Ilusões

Ulysses Cuiabano

Os benevolos ouvintes certamente teriam ficado envolvidos em um denso veu de graves hesitações ao lerem o titulo desta desprerenciosa cronica e pensariam: — quem será o poeta das «Ilusões»? pois si todos os poetas vivem e sonham nas misteriosas plagas das quimeras e das fantasias.

Desde os mais altos e conspicuos corifeus do metro torturado até ao mais humilde dos vates populares, desde os dedilhadores eximios da lira parnasiána até ao obscuro violeiro das rechãs sertanejas, todos esses trovadores e bardos idealizam os motivos dos seus carmes na evocação gentil de um sonho evaporado, de uma imagem evolada. Alimenta-se a poesia, portanto, de ilusões, e estas, no dizer de Medeiros e Albuquerque,

«... Chegam garbosas,  
Palpitam sonhos, desabrocham rosas  
Na esteira azul de peregrinas frotas:  
Chegam, ancoram na alma um só momento,  
Logo velas abrindo amplas, ao vento,  
Fogem p'ras longes solidões remotas».

Mas, no caso em evidencia, evoco uma das personalidades mais interessantes da nossa poesia, da literatura regional de Mato-Grosso, e chamo de «O poeta das Ilusões» a esse aedo rosariense que, dotado de um estro ardente e entusiastico, cantou as cousas da nossa terra em estrofes harmoniosas e tersas, em versos sonantes e cheios de extranhas melodias. Eu me refiro a Antonio Tolentino de Almeida, ha pouco desaparecido do cenario augusto da vida terrena, tendo deixado nesta Academia, da qual era acatado socio correspondente, um vacuo imprenchivel e saudades imperecedouras.

Em 20 de outubro de 1912, saudando o aparecimento do seu primeiro livro de versos, publicado dois anos antes mas que só naquela data me foi facultado o imensop razer de lê-lo, escrevi ao poeta estreante, então residindo em Rosario-Oeste, o soneto que neste momento repito:

## SONETO

*Ao poeta das*

*«Ilusões Doiradas»*

Flores eternamente vicejantes  
Que não se crestam ao calor do estio,  
E que resistem da invernada ao frio  
Tão frescas, perfumadas e brilhantes.

Flores primaveris, que os doudejantes  
Colibris do ideal que acaricio  
Vão beijar, escutando o murmurio  
De embalsamadas brisas sussurrantes.

Pois essas flôres, dôres derramadas,  
Alegrias em cánticos dispersos,  
Palpitações, delirios, anciedade,

Sonhos de amôr, saudades evocadas,  
O ramalhete formam dos teus versos:  
—Doiradas ilusões da mocidade.

De fáto, o mimoso livro encerra tudo que disse eu nos decassilabos agora recordados e para que seja uma prova concludente do que então afirmei, basta que se leia o significativo soneto, com que Tolentino fechou a primeira parte da sua obra em referencia e que se intitula

### ULTIMA PAGINA

Olho-te agora indiferente e frio:  
Passo por ti meu coração nem bate;;  
E' que não sente o rigido acicate  
Do teu desdem que me tornou sombrio.

Ao vento, quando passa, treme o rio,  
D'haste a florinha em duro chão se abate;  
Quando passavas, eu, humilde vate,  
Tambem tremia, pálido, erradio.

Extinto o fogo do sentir sagrado,  
Não poderás, em pranto o rosto imerso,  
Atear as chamas desse amôr passado:

Foi-se a paixão. Embora não te odeio,  
Porque a poesia que me anima o verso  
Nasceu contigo, de teus olhos veiu.

Era mais uma ilusão doirada que se desfazia...

Depois de publicado o primeiro livro, veiu Tolentino de Almeida lutando heroicamente no árido terreno das letras, versejando sempre, já colaborando nos diversos órgãos da imprensa desta Capital, já dando publicidade, em folhetos, a diversos poemets, dos quais se destaca a bela poesia «A INDIA ROSA».

Tinha em mente, porém, o poeta fazer imprimir o seu novo livro, ao qual primitivamente chamou de «ILUSÕES FANADAS» titulo este que conservou para a terceira e ultima parte da obra ultimamente divulgada sob a designação evocativa de «ROMEIROS DO IDEAL».

As «ILUSÕES FANADAS» foram dedicadas aos

seus confrades da Academia Matogrossense de Letras.

E a vontade do cantor patricio foi satisfeita, muito embora nas vespuras do desenlace fatal, que nos roubou para sempre o companheiro devotado e amigo leal.

Compulsando as paginas inspiradas dos «ROMEIROS DO IDEAL», encontro estas estrofes, que espe-  
lham com precisão o espirito melancolico de Tolentino:

### CASTELO DERROCADO

Lembrar-me agora do meu passado,  
Quanto me punge, quanto me dóe,  
Já fui ditoso, já fui amado,  
É o meu castelo, todo enfeitado,  
Vento raivoso já m' o destróe;

Come a procéla que turva o lago  
Serenos e quieto, já me turvou  
A alma, que em fundas revoltas trago  
O desengano, que todo o afago,  
Que todo o afago me arrebatou.

Eu vi outr'ora com ledos olhos  
O céo, a terra, meu casto amor;  
Na minha estrada não via abrolhos,  
O meu futuro não tinha antolhos.  
Brilhava claro, com resplendor.

Ah! sonhos lindos da minha infancia,  
Porque tão cedo de mim fugistes?  
Ai! pobres flores, que é da fragrancia?  
Que, avido, outr'ora, sorvi com ancia,  
Quando os meus dias não eram tristes?

Certo, que aos silvos do vento norte,  
Murchas tombastes no duro chão;  
Assim por mim um vento mais forte  
Passou raivoso, deixando a morte,  
Deixando a morte no coração.

Sobre os escombros do meu castelo,  
Canta a saudade tristonha e só.  
Hoje em ruínas, como foi belo;  
Ninho doirado de um puro anélo,  
Palacio imenso, desfeito em pó!

O poeta Tolentino de Almeida nasceu em 24 de Janeiro de 1876 e faleceu em 24 de Janeiro de 1938, precisamente no dia em que completava os seus 62 anos.

Nesse periodo de continuo versejar, levando-se em conta que o poeta já nasce feito, quantas ilusões sonhou: doiradas e fanadas?

O poeta responderá neste Soneto:

### DESENGANO

Na minha terra, em pronuuciado estio,  
Vão repontar os guaícurús o gado;  
Correm o monte, o pantanal, do rio  
Sondam as margens deste e d'outro lado.

Tocam depois para o curral, em fio,  
Ao som de um canto rústico e pausado...  
Mas, si perto aparece indio bravo,  
Medroso estoura e foge apressurado...

Tambem eu tive dentro em mim um bando  
De ilusões tão gentis, que alimentava  
Com meu canto de amor plangente e brando

Mas êle foge num tropel insano,  
Porque ao peito, que o cerca, assoma, brava,  
A catadura má do desengano.



temporaneos, e por essa afinidade e semelhança de temperamento, fôra dos mais afeiçoados amigos de Gaspar da Silveira Martins, a quem vaticinára, certa vez que o tribuno gaúcho esbravejava contra o imperador, escarnecendo das «librés» dos ministros, uma das pastas ministeriaes do então Império do Brasil.

Profundamente religioso, alimentava o seu espirito aquella fé sincera nos destinos catholicos de sua terra. Essa, talvez, a maior razão da liberalidade e proverbial bondade do seu coração, intangivel ás toxinas das paixões que corróem e vilipendiam as acções, quando norteados por espiritos descrentes e pyrrhonicos.

Altivo e por isso leal, fôra sempre respeitado pelos proprios adversarios da sua crença e da sua ideologia.

A Academia Mattogrossense de Letras, collocando-o entre os numes culturaes do passado de nossa terra, que scintillam entre as fulgurações tutelares da nossa intelletualidade, na galeria dos seus paranimphos, honra a nossa tradição, glorifica a memoria do filho illustre que tanto pugnou pela grandeza da terra extremecida.

E o seu retrato moral neste templo, ha de esparzir no presente e aos porvindoiros, através dos tempos, os exemplos mais sublimes de amor ás letras, ao estudo e ás cousas civicas mattogrossenses, integrando este rincão portentoso na communhão dos mais alevandos ideaes brasileiros.

---

# **Festa da Amizade:**

---

## **Discursos dos Academicos**

**Oscarino Ramos e**

**José de Mesquita**

## A oração do academico Oscarino Ramos

Minhas Senhoras,  
Meus Senhores.

De uma fôrma toda affectiva estamos, nesta officina de labor mental, commemorando a data que os povos cultos reservaram para a Festa do Trabalho.

Entre os vultos illustres desta galeria, erguemos e descerramos, desafiando a pátina do tempo, os retratos desses dois insignes mattogrossenses: D. Aquino Corrêa e José de Mesquita.

Melhor, mais digna e affectiva commemoração não poderíamos promover nesta data de repercussão universal, si não inaugurando, solennemente, neste salão, esses dois retratos: um homenagem do nosso Instituto Historico a quem elle tudo deve; outro offerta do velho artista J. Bodstein, cujos quadros, tantas vezes, expostos, aqui, tantas outras, admirados.

E' uma homenagem que prestamos a dois grandes obreiros da intellectualidade conterranea.

Porque, em verdade, trabalhador, operario não é somente aquelle que, ao relento, brita as pedras das nossas ruas, nem aquelle que se tosta ao calor das bigornas fumegantes, mas, tambem, o intellectual, o artifice da penna que Bilac, com aquella sua imaginação genial, tão bem retratou na sua Profissão de Fé.

Ora, minhas Senhoras e meus Senhores, o dia é de festa universal. Por toda parte se ouvem aclamações de-

lirantes e, ás mais das vezes, se verificam excessos lamentáveis.

Nós, entretanto, neste recesso da nossa estremecida terra, tão tranquilla e, por isso mesmo, tão feliz, nos solidarizamos com as emoções que partem de todos os quadrantes, para, nesta casa, inaugurarmos esses dois retratos, com esta cerimonia que mais falla ao coração, pois ella como que corporifica toda a nossa amizade e admiração a esses dois grandes vultos mattogrossenses.

Singela é a cerimonia, mais singela ella se torna si attentardes para a rude voz do orador. No entanto, a sua significação é immensa, pois que mostramos com esto nosso gesto que, apezar da hora que passa, em que velhos idolos tombam; em que o tropel dos triumphadores mal deixa perceber o clamor dos feridos; em que o Direito e a Justiça soffrem modificações radicaes na sua estructora secular, ainda nos restam vagares para homenagearmos aquelles que trabalham pela grandeza da nossa terra.

Na provincia das letras, eu não comprehendo a gloria de D. Aquino sem a gloria de José de Mesquita.

A differença que encontro entre elles é somente, a da idade. Tenho-os como essas aguas puras que brotam das nossas serras.

Elles provêm de uma só fonte.

O destino que, parece, procurou mudar o seu curso; mas ellas, mais alem, se unindo e, sonoramente, correndo pelo valle profundo do pensamento entre alfafaes de imagens coloridas.

Attentai, si quizerdes, para as suas obras e suas vidas.

D. Aquino, ha muito, attingiu a maior gloria que o homem de letras pode almejar no Brasil: é membro da Academia Brasileira de Letras.

Pois bem, esta mesma Academia já reconheceu o merito literario de José de Mesquita, laureando uma das

suas obras.

Ambos são membros do Instituto Historico Brasileiro.

D. Aquino, pela sua formação espiritual, é o poeta da raça.

Exalta, em accentos epicos, a grandeza da Patria e quando desce desses paramos é para cantar, em transporte filial, a doçura da vida e o esplendor da paisagem da terra do seu berço.

José de Mesquita, com a mesma maestria, fére os mesmos themas.

Desvencilhado, porém, dos rigidos canones que to-lhem o seu companheiro, movimenta-se em ambiente mais largo e vae, com o seu espirito arguto de analysta-a-través dos seus contos, das suas novellas, do seu romance—sondar o coração humano que é a nossa vida, cá fóra, com as suas tempestades e as suas bonanças, com os seus brados e os seus sussurros, com as suas agressões e as suas caricias.

Na vida publica, vêde ainda a semelhança desses dois destinos.

Um, é o ministro de Deus.

Outro, o ministro da Lei, que outra coisa não é se-não o reflexo da vontade divina. São dois sacerdocios, intimamente ligados, pela sua grandeza moral.

Dahi porque, na imprensa, são os dois incançaveis paladinos da boa causa, os dois orientadores da opinião catholica, em nosso Estado.

Quero fazendo, embora, rapidamente, o parallelo dessas duas vidas preciosas, salientar a grata opportu-nidade desta homenagem gemea, pois, sem uma, outra seria deficiente.

Vamos descerrar á publica admiração estes dois retratos.

Dou-me por feliz por ser o interprete desta mani-festação de carinho e apreço, porque, mais uma vez, rendo as minhas honenagens a essas duas maximas ex-pressões do nosso pensamento que, através de uma ve-lha e grata amisade, me habituei a admirar e a querer.

## O discurso de agradecimento do des. Mesquita

Illustres auctoridades.

Exmas. Senhoras e Senhorinhas.

Meus Senhores.

Meus amigos de Instituto e da Academia:

E' apenas uma palavra de agradecimento que vos frago neste instante. A festa nem é minha. E, entretanto, nossa, pois é do nosso Presidente, do grande animador da Cultura mattogrossense — o Arcebispo D. Aquino. Nem ha dissociar a auctoridade da pessoa, que, no caso, ambas se integram e completam, em perfeita symbiose moral, porquanto si o merecimento pessoal se realça com a aureola da auctoridade, esta, por sua vez, como que se fortalece, diante dos altos attributos da pessoa em que se encarna.

A' "festa do Arcebispo" quisestes juntar a homenagem ao vosso Presidente e orador. E' justo e não tenho por que deixar de o dizer. Collaborador, ainda que modesto, das obras que o eminente Principe da Igreja e das Letras vem realizando, houvestes por bem conjugar

estas homenagens, para que assim se destacasse o simples operario ao lado do grande e admiravel Mestre d'Obras.

Oscarino — deixae que o trate no tom de nossa intimidade mais que trintenaria — disse dos vossos sentimentos numa concisa e formosa oração, em que procurou aproximar, num paralelo, os alvos da vossa manifestação affectiva de hoje.

Foi evidentemente, justo, como juiz recto que é, ao falar de D. Aquino. Em se tratando, porém, do velho companheiro do gremio Olavo Bilac e dos cavacos adolescentes da Rua Nova, do Club Minerva e dos bancos do Collegio Sallesiano, que hoje, unido na mesma indestructivel amizade, com elle se senta numa poltrona de magistrado e de academico — Oscarino foi, evidentemente, excessivo. Julgou com o coração que é, de resto, o inspirador desta festa, a que me permittireis chamar a festa do coração e da amizade.

Outras homenagens hei recebido, iguaes a esta. Nenhuma, vol-o confesso, me commoveu tanto. Por que? Dil-o-ei em poucas palavras, Antes que se collocasse aqui, nesta minha querida Casa Barão do Melgaço, o meu retrato, fôra elle, por iniciativa generosa de amigos meus, que, ao cabo, sois vós mesmos, inaugurado no Gabinete da presidencia do Tribunal de Apellação, no Jury e na sala da redação do jornal *A Cruz*.

São justamente os tres sectores em que venho distribuindo a minha actividade publica: a Justiça, a Religião e as Letras.

Mas é preciso vêr que as instituições que aqui se abrigam, sobretudo a Academia, o nosso *Centro de Letras*, como ainda agora me apraz denominar-o, eu as vi nascer, crescer, frondejar, florir e fructecer, sob os meus olhos.

Si o meu trabalho na judicatura ou no jornalismo, na presidencia do Tribunal ou na direcção d'*A Cruz* é uma continuidade, em que procuro pôr o melhor dos meus esforços para não desmerecer dos que me antecederam,

aqui fomos os fundadores, os que lançamos a pequenina semente, os que luctamos no amanhã do terreno, nem sempre fértil, e vimos germinar e subir, na glória das ramadas viçosas e fecundas, essas duas arvores irmãs que hoje espalham sua sombra bemfazeja por todos os quadrantes da nossa terra — o Instituto e a Academia.

Podeis, por isso, imaginar com que emoção profunda, íntima, transbordante, recêbo vossa carinhosa lembrança, na qual vejo um preito que o emérito artista snr. Jorge Bodstein tributa á Academia, na pessoa do seu presidente ha 17 annos, mas quero vêr também o vosso coração falando esse idioma doce e infavel, que só o coração sabe falar.

Como isto compensa todas as feridas que a injustiça, a torpeza, a malevolencia gratuita nos abriram pelo caminho, com as suas urzes e abrolhos!

Ufano-me e entorneço-me, como Bilac, ao vêr, ao sentir, ao auscultar junto de mim a bôa alma cuyabana e quasi diria, com elle:

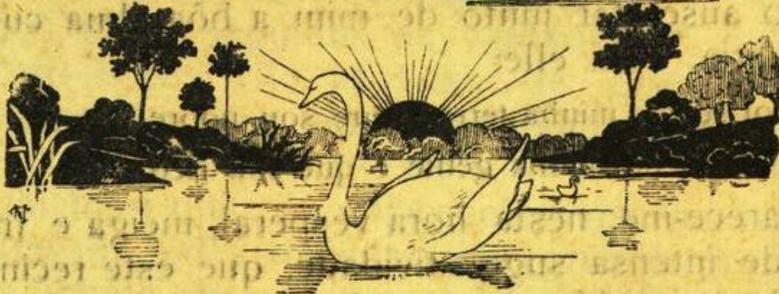
“por ser da minha terra é que sou nobre,  
por ser da minha gente é que sou rico.

E parece-me, nesta hora vespéral, meiga e tranquilla, hora de intensa suggestividade, que este recinto, cujas paredes vi subirem num clamor de esperanza e de victoria, se povôa de visões amigas, daquelles que, ao meu lado, cooperaram na fundação do *Centro — Lammartine Mendes e João Barbosa* — signatarios commigo da carta de convite para a primeira reunião; e outros ausentes, pelejadores do mesmo ideal, como Virgilio Corrêa e Cesario Prado, e outros ainda, que se ausentaram para mais longe e por mais tempo, cujo nome declino com recordação incontida — Leovigildo de Mello, José Magno e João Cunha.

Para vós, meus amigos, que aqui trouxestes

com a vossa presença a melhor prova de solidariedade affetuosa, para vós todos que concorrestes, directa ou indirectamente, para esta homenagem, só tenho e posso dar-vos, como retribuição a tanta bondade, uma prenda sem valor, mas, ainda assim, a mais valiosa que eu possuo: -- o meu coração para sempre agradecido.

Como isto compensa todas as coisas que a vida nos dá a felicidade a mais preciosa que nos dá a vida o caminho, com as suas lutas e abrochuras.



Para vós meus amigos, que aqui encontrastes  
 de Mello, José Mauro e João Cunha  
 como declino com recordação inconfundível  
 ausentaram para mais longe e por mais tempo, cujo  
 esse Cortez e Cesário Prado, e outros ainda, que se  
 nos ausentes pedeladores do mesmo ideal, como Vir-  
 gínia de Freitas, de primeira ordem, e ou-  
 Martinho Mendes e João Barbosa, signatários commu-  
 niter todos cooperaram na fundação do Centro. La-  
 vitória, se povoa de visões novas, daquelles que, ao  
 as partes vi subirem num clamor de esperança e de  
 a hora de intensa luta, que este recinto, cu-  
 o f. parece-me, nestes dias, com a sua beleza e grandiosidade.

# Uma temporada no quartel

Philogonío Corrêa

A' falta de programma e de partidos, as lutas políticas, entre nós, descambam sempre para as vinganças e para as competições pessoaes, responsaveis máximas pelos rancores e pelos excessos que vamos registando nas paginas da nossa, ainda curta, mas agitada historia.

Que não venham, entretanto, os eternos demolidores do bom nome matogrossense, attribuir a um vicio, inteiramente local, a causa dos nossos defeitos.

Taes defeitos não são exclusivamente nossos.

Elles são proprios do Brasil inteiro e accentuam-se, principalmente, nos logares estacionarios e pouco povoados, onde todos os peccados são conhecidos e todas as virtudes são postas em duvida e onde, á falta de fomento da industria e do commercio, avulta, extraordi-

namente, o numero de candidatos aos cargos do funcionalismo publico.

Por isso, ninguem leva á conta das falhas do regime ou da precariedade das leis vigentes, as crises que periodicamente ou diariamente entibiam ou revolucionam os nossos nucleos sociaes.

Os phenomenos reguladores da vida collectiva, não são tidos como consequencias de causas certas, que a sociologia investiga, para orientar.

São attribuidos á acção dos grandes individuos, surgidos, periodicamente, para conductores de homens.

Ha, no raciocinio, uma inversão do methodo empregado em busca das conclusões logicas.

Ao em vez de considerar-se os grandes individuos como legitimos productos da época em que actuam, consideram-se as epochas productos dos grandes individuos.

Assim são, entre nós, considerando-se somente a nossa vida republicana, o Cel. Generoso Ponce, o Cel. Paes de Barros, o Cel. Pedro Celestino, os Müllers, os Senadores João Villas-bôas e Vespasiano Martins, o Dr. Mario Corrêa, etc. os responsaveis por tudo o que, entre nós, se tem dado de bom ou de ruim.

O povo não é levado em conta como collaborador na formação da nossa historia.

Efeito do phenomeno da miragem que nos apresenta imagens falsas e de pernas para o ar.

D'ahi o bom passar a ser ruim e o ruim a ser bom, conforme o ambiente que domina no momento em que as paixões se agitam.

Mas o vicio não é só nosso, eu já o accentuei.

Ainda agora agitam-se S. Paulo e Rio Grande, aliás os dous estados vanguardeiros do Brasil, na faina lastimavel de demolir os exaltados de hontem ou exaltar os demolidos na vespera.

E não são exclusivamente os heroes da mal sina-da Republica Velha, indo na onda até as personalidades

austeras de Deodoro, Floriano, Prudente, Campos Salles, Rodrigues Alves, Affonso Penna, para não se falar nos ultimos governantes ainda mal vislumbrados por estarem cercados pelo fumo escuro das paixões, os atingidos pela vertigem da demolição.

A propria Republica Nova foi já contagiada por essa fome saturnina que já enguliu Juarez Tavora, João Alberto, Prestes, José Americo, Oswaldo Aranha, Seabra, Pedro Ernesto etc., ensaiando-se agora para tragar o Almirante Protogenes, os adversarios do P. R. P., em S. Paulo, e o Gal Flores da Cunha.

Nem sei porque ainda mantemos, por estas plagas remótas, a injustiça da substituição do nome benemerito de Joaquim Murтинho, pelo d'essa individualidade de duvidosa sagração, que é João Pessôa, numa das ruas d'esta capital.

Essas consagrações de momentos, verdadeiros fôgos fatuos na necrópole dos vultos de destaque, panthéons desfeitos pelos tiros certos da critica justa e imparcial, trazem sempre o cunho da instabilidade.

Ha em Cuiabá, uma rua que ostentou duvidosa os nomes das personalidades, então ainda vivas, de Generoso Ponce e Antonio Paes de Barros.

Subia o Partido Republicano e, dias depois, lia-se na placa: — Rua Cel Generoso Ponce; vinha para o poder o Partido Constitucional e esse nome era substituido pelo do Cel. Antonio Paes.

A gangorra só deixou de funcionar depois que foram ambos substituidos pela benemerencia, alicerçada com bases de concreto extra-partidario, de Candido Mariano da Silva Rondon.

E os mais interessantes são os nomes surgidos á tona com o mar revolto das revoluções, d'esses de quem Nabuco diz que sem elles não podem ser feitas as revoluções e, com elles, não se póde administrar.

Será por isso, de certo, que o Dr. Getulio Vargas teve necessidade de substituir tanta gente quando che-

gou a hora de administrar.

Mas eu disse que o mal vinha da falta de partidos e de programmas, entre nós substituidos pela culto dos individuos; isso é uma verdade e mais se accentua nestes ultimos tempos.

Nem temos mais o que já tivemos.

Já em 1822 dizia, na Assembléa o Deputado Alencar: — “Sr. Presidente, é verdade innegavel que de certo tempo para cá o Brasil parece dividido em dous partidos. Todos desejam a independencia, porém uns seguem idéas democraticas e outros aristocraticas.” E’ o esboço dos partidos Caramurú e Nacionalista,

Depois d’esses vieram o Liberal e o Conservador, portadores de idéas contidas nos seus proprios nomes.

D’aquelle era orgam o “Reverbéro Constitucional Fluminense.” de Joaquim Gonçalves Ledo, tendo este como porta-voz, na imprensa, “O Tamoyo,” mais tarde de feição jacobina.

A penna de Evaristo da Veiga preparou a formação de aggremações mais definidas.

Embora, as vezes, com denominações diversas, nas provincias, os partido liberal e conservador, articulados por todo o Brasil, viveram e administraram, sempre fieis aos seus programmas, um a combater o excesso do poder pessoal do imperador, a escravidão e a intolerancia religiosa; e o outro a pretender conservar o que já existia.

Depois de 1870, já regularmente organizado, tendo o “Republica” como seu orgam da imprensa e os seus representantes no parlamento, surgiu tambem, como concorrente para a direcção dos destinos do Brasil, o Partido Republicano:

Este tambem pregava o mesmo programna em todas as provincias, abastardando-se, entretanto, com o advento do regime que defendia.

Na republica, Francisco Glicerio e Pinheiro Machado, ainda conservaram por algum tempo, as chefias de

partidos de ambito nacional.

Depois d'elles vieram a decadencia e as aggremações regionaes sem articulação e sem coordenação de idéas.

Valeram, d'ahi por diante, não os programmas mas as ambições pessoaes.

As opposições passaram a ser pontos de escalas de futuros adhesistas; e os governantes, distribuidores de favores e de violencias, os chefes eventuaes dentro das circumscrições que administravam.

D'ahi as formações das olygarchias estaduaes, felizmente desfeitas pela revolução de 1930, á qual devemos tambem algumas uteis reformas constitucionaes na ordem social.

De partidos, entretanto, pouco ou mesmo nada. Igual ou peor do que antes.

A batuta do Dictador, depois Presidente, passou a regular a musica para a dança.

Aquelle que não quer attendel-a perde o compasso e é posto fóra da orchestra.

Individuos e nada mais. Dão bons resultados quando ellés são bons.

Desde que o não sejam, vêm presenteando a Mato-Grosso com as nossas revoluções armadas e com os excessos dos assassinatos do Tte. Maméde, do Cel. Antonio Paes, da Bahia do Garcez, de S. Manoel, do Diamantino e do Taquarussú e tambem com o attentado contra os Senadores Villasbôas e Vespasiano Martino na celebre noite de 22 de Dezembro de 1936.

Com esse attentado foram, senadores feridos e deputados estaduaes ameaçados, dar com os costados no 16º. B. C., sendo a narrativa de alguns episodios da nossa temporada no quartel, o objectivo principal desta palestra.

Assaltada. logo depois das 22 horas de 22 de Dezembro do anno findo, a residencia dos Senadores Villabôas e Vespasiano Martins, foram, logo depois, ou-

vidas numerosas detonações.

Na casa em frente, de propriedade do Prof. Eucharario de Figueiredo estavam, desde a manhã de 22, hospedados diversos deputados recém-chegados para uma convocada reunião extraordinária da Assembléa.

Eu, vizinho da casa do Eucharario, encontrava-me em pijama, conversando com os collegas installados ali ao meu lado.

Os Senadores atravessaram a rua e vieram animar a palestra.

Mais ou menos ás 22 1/2 horas, retiraram-se, deixando o Dr. Horta a protestar com vehemencia diante da proposta, feita por alguém, do se admittir uma cozinheira e uma copeira.

Com elle ali, não admittiria bandalheiras. E veio para a varanda onde se poz a lêr, para que eu ouvisse, um artigo seu publicado em periodico de Aquidauana.

Estava a leitura em meio quando foram ouvidos os primeiros tiros, seguidos de verdadeiras descargas provinças do Becco Alto, ao lado, de onde tambem se ouviam repetidos vivas dados por grande numero de vozes.

Percebi logo que as adjacencias das nossas residencias estavam todas tomadas, por grandes grupos armados, no intuito de evitar qualquer auxilio aos Senares visados.

Inutil e arriscada seria, pois, a nossa sahida, desarmados como nos encontravamos.

A essa altura notei que alguns companheiros já experimentavam o alto muro que divide a casa com a vizinha dos fundos, no intuito de escalal-o.

Cerrei as portas e as janellas que dão para a rua, reservando para mim o escondirijo nos porões muito meus conhecidos.

A escalada ao muro era impossivel e de nada va-

leram os pulos dados por individuos muito gordos, para tental-a.

E assim ficamos, minutos eternos, até a chegada da força federal, vinda da guarda da Delegacia Fiscal, commanda pelo sargento Braulio.

Nesse momento tambem chegava o Inspector Heraclito Braga a avisar-nos de que os Senadores estavam feridos.

Atravessamos a rua, ainda com os vivas a ecoarem na travessa proxima, e os medicos presentes, Drs. Fragelli e Horta, attenderam aos primeiros curativos dos Senadores.

Nessa occasião chega, providencialmente, o Major Manoel Candido Fernandes, do 16: B. C., que promove o nosso immediato transporte para o seu batalhão, mandando convidar igualmente, para o providencial asylo, os demais deputados alliancistas domiciliados em Cuiabá.

Aqui começa a nossa temporada no quartel, assumpto principal d'esta palestra.

Installados no resto da noite de 22 e durante o dia seguinte no Casino dos Officiaes, o Tet. Cel. Magalhães Barata não viu bem, pela nossa garantia segundo affirmou elle, a nossa permanencia naquelle compartimento, mudando-nos para o alojamento da 2ª companhia, salão amplo e arejado, meio humido numa das extremidades, que confinava com o banheiro do quartel.

A humidade progressiva, augmentada pelo maior numero dos banhos, provcou, alguns dias depois, o desmoronamento de um enorme blóco da grossa parede de taipa divisora entre os banheiros e o alojamento, quasi attingindo a cama em que jasia, curtindo dôres horribes em noites inteiramente em claro, o Senador Vespasiano.

Durante toda a nossa estadia no 16º B. C. o batalhão permaneceu de promptidão, circumstancia essa que

muito amenizou a nossa estadia pelo exame, mais demorado, da vida das praças na caserna.

O soldado é uma criança grande, prompto para trocar até nos momentos dos maiores apuros e trabalhos.

Levavam o tempo a preparar peças e trótes aos companheiros, a cantar toadas de cururú e a repetir aos recrutas, mesmo nas horas de fólga, as instruções da ordenança.

Até nas desculpas das suas pequenas faltas assemelham-se aos collegiaes.

Desapertam-se sempre para a esquerda, innocentando-se.

As suas palestras intimas e ingenuas são encantadoras.

Num grupo ouvi: — “Já estou enjoado d’esta revolução.

— Porque?

— Porque ando p’ra baixo e p’ra cima de carabina e ainda não cheirou pipóca nem encherguei inimigo.

A um outro perguntei: “Tem gostado da vida do quartel? Não gosto e nem desgosto. porque estou aqui por obrigação. — Onde é você? — De uma fazenda no municipio de Poconé.

— E tem saudades de casa? — Nem falle...

Se eu tivesse um avião para ir em casa todos os domingos... E soltou um grande suspiro.

O primeiro toque da corneta que o recruta aprende é o de rancho-avançar.

Ao morrer das ultimas notas do tóque, ouve-se de todos os lados: — “Olha o K. O”!!

K. O’, zala, boia, ella, são os diversos nomes que têm sido dados, no quartél, para o conteúdo das marmittas.

Depois de poucos dias no 16º, estavam todos nós com alcunhas. O Dr. Estevão era peixe espada, o Dr. Hôrta, chum-chum; Joaquim Cezario era bagre, João Ce-

lestino, arraia; Ulisses Serra era corimbatá; Ranulpho Corrêa, pacú-peva; Dr. Caio, piava; Dr. João Leite, pintado; Dr. Fragelli, jahú; Julio Müller, dourado.

Eu era pacú; com o que fiquei satisfeito, por ser este um peixe eminentemente cuiabano.

A vida da 2ª companhia transformára-se em um aquario.

A' falta de serviço e para distracção das nossas muitas apprehensões, lia-se, jogava-se e, sobretudo, comia-se e dormiamos.

Dr. Horta revoltava-se contra a excessiva fome do Dr. Fragelli, nada propria de um intellectual.

Melancias, melões, doces, curáos, bolos, cabritos, talharinas, coalhadas, tudo o que podia lembrar ás familias e aos amigos dos reclusos, era engulido diariamente.

A fama era do Dr. Fragelli, mas eu não via quem fosse capaz de atirar-lhe a primeira pedra.

Caio Corrêa beliscava tudo, mas de tudo um pouco; até os cigarros, que elle consumia em quantidade. mas sempre pedidos aos amigos, porque jurára não comprar cigarros para não ter vicios, elle os atirava fóra logo depois das primeiras fumaças.

— Este não cóme retrássã, ponderava o Deputado Josino Viégas.

Dr. Estevão soffria muito. Doente e acostumado ao conforto do seular, muito methodico, habituado a dormir cêdo e a madrugar, custava a supportar a nossa mania de lêr, comêr e jogar, até muito tarde, conservando, em demasia, a luz electrica.

Deitava-se cêdo, descia até aos olhos um *casquette caqui*, que usava, e fazia força para dormir.

Dr. Horta imitava-o logo, deitando-se tambem. Franzino e pequeno punha a cabeça sobre o travesseiro enquanto que os pés mal passavam do meio do leito.

Essa circumstancia não escapou ao espirito sempre brincalhão de Joaquim Cezario. Com a sua véve habitual traduziu logo: — Isso é plano d'esses dous; a capan-

gada do Dr. Mario entra aqui; faz o serviço e retira-se proclamando: — matamos todos os que estavam dormindo no quartel; só não esfaqueamos ao soldado de casquette que estava de guarda ao dormitório dos deputados e a uma boneca que estava em cima de uma das camas.

Um dia constou no quartel que Tte. Cel. Barata disséra ao Chico Jorge (este Chico chama-se Arthur) no Esplanada: — “Isto aqui é a repetição do que fizeram com o meu irmão no Pará; mas esses deputados estão enganados.

Se o Mario quizer eu levo, no meu carro que não é fiscalizado, a pessoa que elle incumbir de atirar bombas no salão dos deputados e não escapará um só; ou então é só metter cianureto no arroz, que é um prato do qual todos se servem, e está acabada a festa.

D’ahi por diante ninguem mais serviu-se de arroz, ou mandava vir a comida de sua casa

As cartas anonymas feitas para amedrontar-nos, amudavam-se. Joaquim Cezario chegou a receber tres, com papel e letras de machinas bem conhecidas.

Ao receber o terceiro disse: — “Essa gente pensa que eu tenho medo; é porque desconhecem a minha bravura na celebre retirada do Coxim, que deixou a perder de vista as retiradas da Laguna e dos 10000.

Com a chegada do Cel. Lobato foram tomadas providencias para o funcionamento da Assembléa.

O Commandante da Guarnição de Cuiabá procurou-nos na véspera, á tarde, do dia marcado para a abertura dos trabalhos e disse: — “Eu escolhi um itinerario que os conduza, com segurança, até a Assembléa; vou dizer-lhes qual é elle, mas desejo que guardem silencio sobre o mesmo.

— Então não diga, nem a nós, Coronel falei-lhe eu; nós temos absoluta confiança nas suas providencias.

Elle sorriu e não disse. No dia seguinte fomos sur-

prehendidos com um longo trajecto pelo Mundéo e Areão, todo guarnecido, evitando assim os pontos mais perigosos.

Garantidos pelas novas providencias do Cel. Lobato sahimos todos do quartel,

Elle mesmo, entretanto, nos havia dito que ninguem podia impedir que, em nossas casas, tivéssemos tres creados ao em vez de um e que usássemos de nossas armas em nossa defesa.

Grupamo-nos então em dous sectores; um á rua Pedro Celestino e outros á rua do Meio. Para elles mandavamos as armas que possuíamos, em casa.

Uma das taes armas, transportada da minha residencia, pelo José do Norte, foi denunciada e o portador preso e interrogado. Referiu, no seu depoimento, que conduzira a arma da minha casa para o sector do Norte.

Fui convidado para depor, sobre o caso, pelo Commandante do 18º B. C., incumbido do inquerito.

Fil-o, dando as razões das providencias que tomavamos e acabei exhibindo a arma transportada. Era uma manulincer, muito velha, toda enferrujada e que nem era de calibre proprio para receber cartuchos de arma Mauser.

Pelos conhecimentos que demonstrei fui, no mesmo dia, nomeado, em boletim, chefe do material bellico.

Esses boletins eram diarios, informativos e distribuidores do serviço de sentinellas e estavam, no sector Norte, o da rua de Cima, ao qual eu pertencia entregues, á competencia technica do sub-Commandante Dep. Ranulpho Corrêa, já celebre em assumptos militares, pela organização da guarda noturna de Campo-Grande, com a qual sempre nos ameaçava.

A bravura do sub-Commandante foi posta a prova num dia em que, estando no banheiro, d'elle não podia sahir por ter-se postado á porta um cachorinho manso e faminto.

Elle acreditava que o cão, latindo de fome como

estava, fosse um furioso ou damnado e gritava de dentro: “toquem este cachorro d’aqui para que eu possa sahir: “O cão ali se encontrava porque o banheiro era vizinho da cosinha.

Felizmente, para nós, o medo não andava só do nosso lado.

Lá pelo Palacio as cousas não eram melhores.

Guardas e voluntarios revesavam-se numerosos e os garimpeiros suspeitos davam dôres de cabeça.

A nomeação do Interventor só foi conhecida ali, pouco antes da hora em que voava sobre a cidade o hydro-avião em que viajava o nomeado.

Houve pruridos de valentia. Devia-se resistir, impedindo a pósse do substituto do Governador, opinou alguem.

Waldomiro Corrêa, ponderou, com calma, a deficiencia dos recursos para a resistencia, o exiguo preparo da pouca gente de que dispunham, o armamento todo des-calibrado e a insufficiencia da munição para metralhadora e para fuzil mauser.

Mas os gargantas insistiam.

— Pois bem, diz Waldomiro; resistamos então; vamos distribuir o pessoal com que contamos pelas salas e pelos fundos. Os que se sentirem dispóstos, dêem os seus nomes nesta lista. E poz papel a disposição dos presentes.

Foi um salve-se quem puder.

João Saliés, dos mais enthusiamados, sahiu com o chapéo trocado e só na Praça da Republica apercebeu-se do seu engano.

Agricola, de commum tão feroz e destruidor, perguntou a conhecida Senhora: — Dona Nóca, a Senhora conhece Capm. Ary? é bom?

E assim passamos a ultima temporada da nossa vida politica.

Ao lembrar factos tão lamentaveis e compromettedo-

res do nosso progresso e dos nossos créditos, eu quero apresentar a V. Exci<sup>a</sup>, Sr. Interventor, em cuja homenagem a Academia Mato-grossense de Letras realizou esta recepção, a hypothéca da nossa confiança e do nosso amor a esta terra que não é só nossa, que é também de V. Exci<sup>a</sup>, por ser a melhor reserva do nossos querido Brasil.

O nosso povo é bom e não deve ser julgado pelos excessos dos nossos dias de agitação.

Os empreiteiros do crime são sempre importados, até do do estrangeiro. Fazemos lembrar Ponta-Grossa que, salubre como é, emprestou um defunto para inaugurar o seu cemiterio.

V, Exci<sup>a</sup> mesmo é testemunha da calma que desfructamos, successora dos dias de borrasca.

Queira pois orientar-nos para a reconstrução ordenada da nossa vida normal, para que possamos retomar, confiantes e resolutos, a estrada larga de progresso, a caminho do futuro que nos está reservado pelos extraordinarios recursos naturaes da nossa terra sem par.



---

(Trabalho lido na "hora literaria" de 3 de maio de 1937, offerecida ao Interventor Ary Pires por ocasião da sua visita á Academia.)

# A instrução publica em Matto-Grosso

Franklim Cassiano  
(Ex-Director Geral da Instrução)

A historia da educação publica em Matto-Grosso, tem a marcar-lhe o cyclo aurêo do seu desenvolvimeto, o periodo que decorre da reforma processada em 1910, no Governo do saudoso matto-grossense, senador Pedro Celestino Corrêa da Costa, até aos nossos dias.

Até então a instrução publica marchava ronceiramente, pontilhada, aqui e alli, de medidas no sentido de melhora-la, mas quasi sempre pouco efficazes em consequencia dos empecilhos de todogenero que lhe emperavam o desenvolvimeto.

Os archivos são de um silencio aterrador com relação ao assumpto, na phase da nossa vida colonial, o que faz crer que nada havia digno de menção em materia de ensino.

Já na phase de transição vamos encontrar o depoimento de Luiz d. Alencourt, Sargento Mór, encarregado pelo Imperador de "Analisar a Condição da Provincia" mencionando a existencia de uma escola publica, uma es-

cola de primeiras letras, uma aula de grammatica latina, uma cadeira de phylosophia racional e moral, vaga, trez escolas particulares, em Matto-Grosso e uma aula de Grammatica latina, em Diamantino.

Era este o estado do ensino na Provincia quando o acto Additional transferiu-lhe o encargo de legislar sobre o assumpto.

Apesar da situação em que se encontrava, em resultado da violenta commoção politica por-que passára, tratou logo a Provincia da criação de "duas cadeiras de primeiras letras em Cuyabá, gratificando os professores que tiverem mais de cincoenta alumnos, a razão de 4\$000 por alumno excedente" e attribuiu ás Camaras a fiscalização do ensino nos municipios.

Essas medidas, porem, vinham encontrar serias difficuldades na sua execução pela falta de pessôas capazes para o desempenho do cargo de professor.

A primeiro regulamentação do ensino surge com a lei nº 8, de 5 de Maio de 1837.

Ficou então a instrucção primaria constituída de dois grãos — o primeiro cujo programma se resumia em aprender "a ler e escrever, pratica das quatro operações arithmeticas e principios religiosos e o segundo, accrescido de arithmetica até proporções, grammatica da lingua nacional e noções geraes de deveres religioso se moraes.

Esta organização se manteve por largo espaço de tempo.

Nenhuma orientação de carater pedagogico, se observa nesse regulamento, e as modificações que se fizeram abrangendo o programma anterior, posteriormente, nenhuma vantagem trouxeram ao ensino, antes lhe cercearam o desenvolvimento, pois o Regulamento redigido por Augusto Leverger, em 1854, supprimiu as escolas do segundo grão.

As escolas entregues a pessôas incapazes, sem a habilitação necessaria, eram de pouca efficiencia o que le-

vou De Lamare a conceituar: “O magisterio continuará entre nós, salvas poucas excepções, o apanagio dos individuos que se reconhecem incapazes de ganhar a vida de outros modos.”

O horario para o funcionamento das escolas era das 8 ás 11 horas e das 2 ás 5 horas da tarde e o periodo de ferias era de 15 de Dezembro a seis de Janeiro.

A condição deploravel do ensino obrigava aos paes mais abastados a procurarem fóra da Provincia, a instrucção necessaria aos filhos.

Ensino secundario não havia.

Foi então que para sanar essa falha, por esforços dos bispo D. José, com a finalidade de preparar aquelles que se destinassem á carreira ecclesiastica, abriu se o Seminario Episcopal.

O Governo da Provincia, pela lei de 4 de Julho de 1873, reformou o ensino e servindo-se d'este Estabelecimento, creou as cadeiras de Arithmetica, Algebra e Geometria, Geographia e Historia, adjunctas ao mesmo Seminario, de qual seriam desligadas tão logo podesse ser creado na capital um Lyceu.

Por este novo Regulamento que se denominou “Regulamento organico de Instrucção Publica da Provincia de Matto Grosso” ficou o ensino publico dividido em duas categorias: primario e secundario.

As escolas primarias receberam tambem a sua classificação em categorias — sendo da 1.<sup>a</sup> Categoria as escolas da capital, de 2.<sup>a</sup> as de cidades e villas e de 3.<sup>a</sup> as das freguezias e povoados.

Determinava a criação de escolas nocturnas para o sexo masculino e no programma do ensino já eram estatuidos trabalhos de agulha para o sexo feminino.

Os professores tinham como auxiliares de ensino os monitores de classe.

O preenchimento dos cargos no magisterio era pre-

cedido de exame de habilitação para os candidatos que não fossem graduados por estabelecimentos scientificos ou que não tivessem exames das materias sobre o que se exigia a prova.

As escolas cuja frequencia excedesse de 75 alumnos, tinham direito a uma adjuncta.

A direcção do ensino competia ao Inspector Geral das aulas que tinha como auxiliares os inspectores parochiaes e o Conselho Litterario.

A este Conselho era conferida a attribuição, entre outras, de exame dos melhores methodos e systemas praticos de ensino.

Pela primeira vez preocupava o espirito dos administradores a questão pedagogica em materia de ensino.

Embora essa referencia a methodo de ensino, pela organização dada ao Conselho Litterario, composto de quatro membros nomeados pelo Governo, geralmente pessoas de destaque social, mas sem especialização alguma sobre o assumpto, vê-se logo que tal dispositivo adquiria um valor todo formalistico, de nenhuma consequencia pratica.

Mas o problema da educação parece chamar attenção do Governo pois, logo após, a lei de 9 de Julho de 1874, auctorisou o Presidente a crear o curso normal destinado ao preparo de professores para instrucção primaria.

Foram desligadas do Seminario as cadeiras creadas pelas reforma do anno anterior, e se aggregaram mais as cadeiras de Grammatica da Lingua Latina e de pedagogia e Methodos.

Entra finalmente para o programma do ensino, pela primeira vez, como bem conceitua Virgilio Corrêa Filho, o ensino da disciplina basica para a formação dos mestres.

Com a fundação do Lyceu Cuyabano, ficou extin-

ta a Escola Normal, havendo sido annexada ao programma do Lyceu a cadeira de Pedagogia.

Foram diplomados pela Escola Normal 26 alumnos, nos seus sete annos de existencia, sendo que somente quatro dos diplomados se dedicaram ao magisterio.

Em 1880 possuia a provincia para uma população de 65.321 pessoas, excluidos os escravos, em numero de 6.110 os quaes não tinham direito aos beneficios da instrucção, 29 escolas publicas e 12 particulares, com um total de 1577 alumnos matriculados.

Pelo simples confronto eutre os numeros acima se verifica que apenas 13 o/o das nossas creanças em idade escolar frequentavam a escola e que nos viria dar faltamente um coefficiente de 87 o/o de analphabetos.

No periodo republicano que logo se iniciava, melhorada embora a situação pelas medidas tomadas pelos administradores que se seguiram, augmentando o numero dos estabelecimentos de ensino e modificando a sua organização, mesmo assim continuava precaria a nossa instrucção, por falta de professores especializados.

Alteradas por diversas disposições ulteriores no sentido de dar lhe maior efficiencia, essas alterações, entretanto, por não obedecerem a um plano preconcebido de reforma, não trouxeram as vantagens que della esperavam seus autores.

Esse estado de cousas continua até que surge a reforma de 1910.

Compreendendo finalmente o Governo que nenhuma reforma de ensino proderia dar os desejados fructos sem que fossem previamente preparados os seus executores, contractou em S. Paulo um grupo de professores do qual fizeram partes os saudosos educadores Leowigildo de Mello e Gustavo Kulhmann.

Essa reforma do ensino, que se procedeu de inicio, na Capital irradiando-se depois por outros municipios do Estado, constituiu o germen do movimento que de

então para cá, vem desenvolvendo e elevando cada vez mais o ensino em Matto Grosso.

Em 1927, procedeu-se nova reforma do ensino do Estado.

Esta reforma que respeitou em sua estrutura geral o Regulamento de 1910, vem produzindo os seus resultados, cada vez mais animadores.

De accôrdo com o estatuido nesse Regulamento, o ensino, quanto a natureza do curso, se divide em primario e secundario sendo ministrado, em ambos os grãos, em estabelecimentos publicos podendo tambem ser ministrado em estabelecimentos particulares, sujeitos á fiscalização, nos termos do Decreto nº. 283, de 4 de Julho de 1933.

O ensino primario é obrigatorio a todas as creanças de 7 a 12 annos que residirem até trez kilometros da escola publica.

- a) escolas ruraes;
- b) escolas urbanas;
- c) escolas nocturnas;
- c) escolas reunidas;
- e) grupos escolares;

Ha ainda annexos ás Escolas Normaes, Cursos Complementares destinados a estabelecer, do ponto de vista dos methodos dos programmas e do regime das aulas, a transição entre o ensino primario e secundarios.

O preenchimento definitivo das cadeiras do ensino primario segundo a lei nº. 689, de 25 de Julho de 1914, só póde ser feito por professores normalistas diplomados.

O preenchimento das cadeiras do ensino rural e districtal se faz, por concurso de documentos e a selecção é conseguida pelo coefficiente das medias alcançadas pelo candidato no curso normal.

O das escolas urbanas é feito por professores que tenham dois annos no minimo, de exercicio em escolas urba-

nas.

O preenchimento das vagas na capital é regulado pelo Decreto nº 157, de 2 de Abril de 1932, entrando além das condições exigidas para o preenchimento de cargos nas escolas urbanas, a média da capacidade profissional, que é avaliada pela porcentagem de promoção feita pelo professor nos dois ultimos annos de exercicio.

A direcção geral do ensino compete á Directoria Geral da Instrucção Publica que tem como órgãos auxiliares, os Inspectores geraes e districtaes e os directores dos estabelecimentos escolares.

Estabeleceu-se a inspecção medico escolar e creou-se a Inspectoria regional de ensino e varias outras medidas foram adoptadas de grande alcance para o desenvolvimento escolar, taes como, a criação de Caixas Escolares, rescenceamento escolar, registro e fiscalisação de escolas particulares, o escoterismo e associações pre-escolares, etc.

O Estado conta hoje com 427 estabelecimentos escolares, incluido nesse numero 12 Grupos Escolares, 10 Escolas Reunidas, muito dos quaes funcionando em dois turnos.

Possue além desses estabelecimento do ensino primario, mais os de ensino secundario, taes como gymnasios, escolas normaes, cursos commerciaes, etc, todos sob directa fiscalisação do Governo do Estado, por intermedio de seus órgãos de administração

O ensino superior e ministrado na Faculdade de Direito de Matto Grosso, com séde em Cuyabá e na Faculdade de Odontologia, com séde em Campo Grande.

A matricula nos diversos estabelecimento de ensino primario nos ultimos cinco annos, foi a seguinte:

(Matricula effectiva)

Em 1931

15.745

» 1932	14. 192
» 1933	17. 947
» 1934	20. 454
» 1935	23. 723

Nem mesmo perido a despeza foi de:

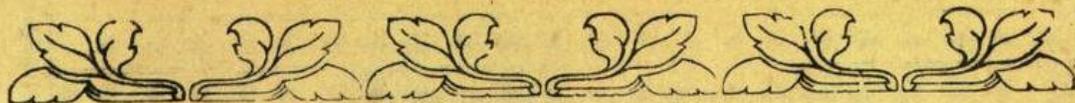
Em 1931	1. 887: 980\$000
» 1932	1. 6 6 792\$000
» 1933	1. 846 892\$000
» 1934	2. 074: 800\$000
» 1935	1. 937: 340\$000

O Governo do illustre e operoso Dr. Mario Corrêa, tem incrementado a dissiminação do ensino primario, ja tendo sido creadas mais de cincoenta escolas no seu primeiro anno de administração, incluídos nesse numero as creadas pelos municipios.

Ainda ha pouco sancionou o governo do Estado a resolução da Assembléa creando o Curso Complementar, destinado ao preparo dos candidatos a matricula nos cursos superiores.

Matto Grosso, vae pois silenciosamente, completamente esquecido do poder central, educando a sua infancia e contribuindo grandemente para a diminuição da porcentagem de analfabetismo no territorio brasileiro.

(Novembro 1936)



# CIDADES MARINHAS

*D. Martins de Oliveira*

*Haverá cidades dispersas em pleno mar,  
Como as grandes metrópoles da terra firme.  
E terão arranha-céus e arranha-infernos submarinos,  
E elas mudarão de países e oceanos,  
Formidáveis transatlânticos de populações intercontinentais.*

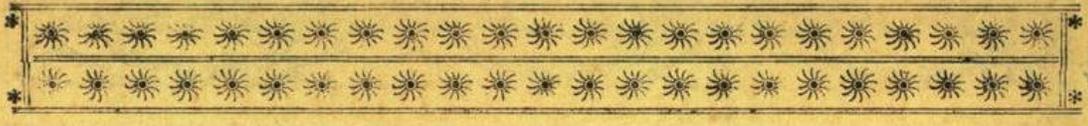
*Nêsse tempo os poetas viverão nos mesmos êxtases  
E eu habitarei o mundo com a centelha que busco,  
Para viver nas torres da imensa cidade marinha,  
Na minha casa coberta de madrepóras, intês e algas.  
E cantarei as tempestades dos mares domados,  
E os ruídos das possantes usinas hidráulicas,  
E as notícias do mundo inteiro registradas em suas máquinas,  
E os novos anseios dos homens e as raças das mulheres que amarei.*

*Eu cantarei minha infância vadia de nadador, pescador e escafandrista.*

*Os jardins floridos, iluminados e moveis;  
Os aquários onde morarão batráquios, peixes e cetáceos;  
Culturas equoreas balouçando nas ondas como ilhas estranhas;  
E as piscinas, onde os banhistas nus se amam sem pejos inúteis;  
E as festas "vенеzianas" em mares manchados de tapetes, holofotes e corais,*

*E de embarcações bizarras que vôm, navegam e submergem.*

*Eu cantarei as tragédias dessas outras criaturas,  
E os suaves romances que me tocarem o nobre coração,  
Nascido no mar como uma concha.*



**D**  
**E** Lobivar  
**S** Matos  
**T**  
**I**  
**N**  
**O**  
**S**



Um dia, foi por acaso,  
Desviei meu olhar do céu e te encontrei.

Um dia, foi por descuido,  
Desviei meu olhar de terra e te perdi:

# No fim do caminho

J. A. Costa

*Ella me disse um dia: Estou cansada:  
Não posso caminhar mais para a frente.  
Partimos ao surgir da madrugada,  
E é tarde, tomba o sol já no occidente.*

*Será que ainda está longe o fim da estrada?  
O vento da velhice açoita a gente.  
Envolve a terra a bruma da noitada,  
Congelando-me as carnes, de repente.*

*Quando partimos, cheios de esplendores,  
Cantava a cotovia dos amores.  
Dentro o vergel da nossa juventude.*

*E agora que nos resta, então, fazer:  
Pensar em Deus, deixar anoitecer,  
Té que fechem a porta do ataúde...*

# SENDA

*Nureo Contreiras*

(a Franklin Cassiano)

*Não perguntes porque me encontro agora  
sem ânimo, sem côr e sem razão.  
Se tú soubesses da desolação  
que me tortura, sempre, de hora em hora...*

*Não penses que meu sonho se estertora  
na vertigem da mágua, de roldão.  
O mêdo de morrer sem extrema-unção  
põe negrume de pixe em minha aurora!*

*Não penses que a tristeza que me invade  
provêm da banalissima saudade  
de uns labios de mulher sem coração.*

*Não perguntes porque minha alma frême.  
Eu sou no mar da vida a náu sem lême,  
sem bússola, sem luz, sem salvação!*

Bahia — 37

# A roseira tem virtude

J. Bonifacio de Albuquerque

\*

Com a noite, lentamente,  
Vem o puro e doce orvalho,  
Quer da roseira agazalho  
E propõe-lhe assim contente:  
«Queres trocar meu frescôr  
«Pelo teu sublime odôr?»

Tão repleta de alegria,  
A planta se manistéta;  
Então ao orvalho contesta  
Com tal graça e galhardia  
Quero server teu frescôr  
Em tróca do meu odôr. —

De manhã, o sol nascendo,  
Despeja um jôrro de luz  
Que na ramagem reluz  
E á roseira, vai dizendo:  
«Meu calor quero te dar  
«E teu arôma tragar.»

A roseira satisfeita  
Da propósta que o sol faz,  
Com o qual, bem se compraz  
E replica então que acceita.  
Si teu calor vens me dar,  
Meu olor, pódes tragar. —

Vem o colibri mimoso,  
Pergunta á bella roseira:  
«Permittas, planta faceira,  
Qu'eu vá n'am ramo viçoso,  
«Sobre o perfume adejar  
«E tuas rosas beijar?»

A roseira alegremente  
Ja responde ao colibri,  
Garbosa cheia de si:  
Sendo o pedido innocente,  
Pódes portanto adejar  
E minhas flores beijar.—

\*

Uma abelha, entre os odôres,  
Interpella assim zumbindo:  
«Tu deixas, arbusto lindo,  
«Eu penetrar entre as flôres,  
«Para que póssa tão bem,  
«Sugar o nectar que tem?»

Com a mesma gentileza  
Com que o insécto a supplica,  
A roseira lhe replica:  
Com tal geito e subtileza,  
Sugues quanto te convêm  
Do nectar que as rosas tem.—

\*

Chegando a brisa vaidosa  
Entrepára n'esse ambiente  
E cochicha sorridente:  
«Consentes que em cada rosa  
Eu vá libar doce odôr  
«E fruir seu bom sabor??!»

Contesta sempre a roseira,  
Com igual solicitude  
Áquillo que a brisa allude:  
— Oh! brisa meiga, fagueira!  
— Das minhas flôres, o odôr  
— Pódes provar o sabôr.

\*

Chega também a donzelia,  
Querendo amar a toiléte,  
Traz na mão seu canivete  
E diz com phraze singela  
«Um botão quero cortar,  
«Para melhor me enfeitar.»

A roseira com carinhos,  
Responde á jóvem formosa:  
— Sejas pois, mui cautelosa,  
— Com o botão entre espinhos...  
— Pódes com geito o cortar,  
— Si o queres a te enfeitar.

Vem depois, a passos lentos,  
Uma velhota alquebrada  
E diz em phrase pausada:  
«Antes que venham os ventos,  
«Umas flôres vou levar  
«Para meu nicho adornar.»

Sempre a roseira florida  
Só responde, de bom-grado  
— Ao teu intento sagrado  
— Concórdo velha querida  
— Que as flôres devas levar,  
— Para teu ninho odornar.—

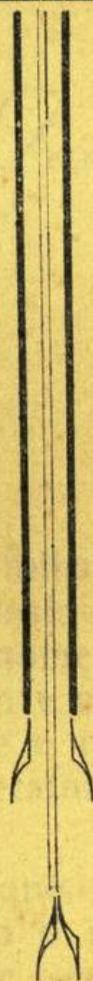
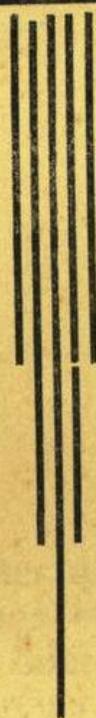
\*

Vem por fim, a ventania,  
Com seu poder arrogante,  
Com seu rumor blasonante,  
Sacoleja a ranaria!  
Flôres e folhas levou  
Com a fúria que passou!...

Com ares de zombeteira,  
D'outras fôlhas revestida,  
Novamente florecida,  
Bradou depois a roseira:  
— Por um triz, não me levou,  
— O tufão que aqui passou!... —

\*

Páginas  
dos Mestres



# Classicos Brasileiros

*Laudelino Freire*

E' mister que nos tolha a visão densa nevoa, ou nos tenhamos em mui desfavoravel conta, para ignorarmos, como succede, os nomes dos escriptores que, no falar e escrever, genuino e natural, manteem, correctos e puros, a vernaculidade e nobreza da linguagem, como continuadores da literatura, donde ella tira as suas raizes.

Não ha povo culto que, no acervo das suas riquezas intellectuaes, não aponte o grupo eleito dos grandes modelos em os quaes se venha accumulando a autoridade da lingua.

Certo não podemos ainda envaidecer nos com um sem conto de classicos, como se gloria de os ter a litteratura lusitana, cheia de tradições e assaz entrada no tempo.

Em tudo ha que observar a condição resolutive desse factor. Surgimos num seculo que era um periodo aureo das letras portuguezas.

Balbuçiamos apenas as primeiras quando ao apogêu do brilho litterario houvera já a metropole chegado com Luiz de Camões, Gil Vicente, Sá de Miranda, Antonio Ferreira, João de Barros, Damião de Góes, Fernão Mendes, Duarte Nunes, Heitor Pinto, João de Lucena, Amador Arráiz e outros. Esse esplendor manteve-o Portugal até o seculo XVII, no qual, como diz João Ribeiro, chegou á perfeição a polidez da fórma e da lingua portugueza, e sem duvida nelle floreceram os os maiores classicos e os mais completos prosadores de todos os tempos da lingua: Frei Luiz de Souza, Antonio Vieira, Manoel Bernardes e F. Manoel de Mello.”

Quando ao mais alto gráo alçavam estes seiscentistas o idioma, surgiam, logo no limiar e decurso do seculo de setecentos, os primeiros vernaculistas brasileiros: Vicente do Salvador conclue, em 1627, a primeira Historia do Brazil; em 1633 Antonio Vieira, que aqui se criára e instruiu, inicia a vida gloriosa do pulpito com o sermão da “Quarta Dominga da Quaresma,” na Igreja da Conceição da Praia da Bahia, o primeiro que pregou, na cidade, o autor, antes de ser sacerdote; em 1641 publica Diogo Gomes Carneiro a Oração apodixica aos cismaticos da Patria, e em trabalhos successivos, revela-se traductor insigne do latim, do toscano e do hespanhol; em 1658, começa o padre Antonio de Sá, emulo de Vieira, a publicação de seus notaveis sermões; entre os annos de 1677 e 1694 são dados a publicidade os sermões e praticas religiosas de Eusebio de Mattos; em 1682 era publicada a Histotia

do Predestinado Peregrino, do padre Alexandre de Gusmão, á qual se seguiram A arte de criar bem os filhos, em 1685; Sermão na Cathedral da Bahia, em 1686, as meditações, em 1689, além de outras obras.

Succederam a estes primeiros vernaculistas, já no Seculo XVII, Manoel Botelho de Oliveira, com a Musica do Parnaso, em 1705; Francisco de Souza, em 1710, com o Orsêote conquistado; em 1728, Nemo Marques com o Peregrino da America; o inspirado Rocha Pita, em 1730, com a Historia da America Portugueza; em 1752, Mathias Aires, com as Reflexões sobre a vaidade dos homens; e Jaboatão, com o Novo Orbe Sraphico, em 1761.

Não se espreguiçara o engenho brasileiro, á espera que o incitassem novos estímulos. Era-lhe já bastante a longa estratificação. Com o viço das grandes forças, emergira a intelligencia no Brazil e pusérase á altura de gloriosos destinos. Nessa epoca no seio da colonia, poder-se-hia dizer com Latino Coelho: " Os novos rebentos da arvore da civilisação vencem em vigor e em formosura aquelles que nas mesmas vergontear se mirraram... Nos fins do Seculo XVIII e nos primeiros deceunios do Seculo XIX -- diga-mo-lo sem vaidade nacional -- a maioria dos nossos talentos mais formosos haviam tido o seu berço no Brazil."

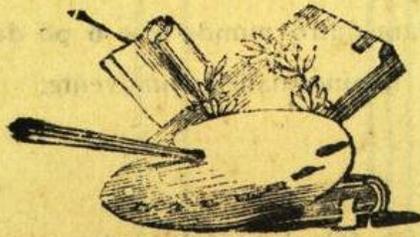
Ao mesmo tempo que decaía a literatura portugueza e empallidecia o fulgor do fausto que attingira, as nossas letras avantajavam as da metropole. Exuberava o brilho da pleiade mineira: Santa Rita Durão, Claudio, Basilio da Gama, Gonzaga e os Alvarengas; vicejavam Souza Caldas, Moraes Silva, José Francisco Leal, os Andradas, e, quereis saber até onde subia a florescencia intellectual da colonia? Ouvide a Latino: " Brasileiro Hypolito da Costa, patriarca dos jornalistas de Portugal e Brazil. Brasileiro e que podemos appellidar na ordem chronológica o primeiro economista portu-

guês, o bispo de Elvas, D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho. Brasileiro o eminente geometra e professor, antigo Secretario desta Academia, Francisco Villela Barbosa, marquês de Paranaguá, um dos mais illustres cooperadores na fundação do imperio africano. Brasileiro Manoel Joaquim Nogueira da Gama, lente da academia demarinha, depois marquês de Baependy, e notavel estadista que divulgara em Portugal, vertendo-as em portuguez, algumas obras classicas de hydraulica e applicar aa chimica moderna a importantes problemas da vida industrial. Mas era sobretudo nas sciencias sociaes, que as glorias nacionaes deviam principalmente aos que tinham nascido em terras americanas. "Passa Latino a enumerar os nomes de Vicente Coelho, Conceição Velloso, Alexandre Rodrigues, Feijó, Araujo Camara, Mello Franco, Eliz da Silveira e José Bonifacio, "homens que em Portugal reflectiam o seu luzimento, a sua gloria. Cultivavam as letras patrias. Ensinavam nas escolas, honravam as academias, resplandeciam no exercito, nas dignidades ecclesiasticas. nos officios da magistratura."

Entra e transcorre igualmente opulento de vigor o sculo XIX. Na primeira metade o grupo maranhense -- Lisboa, Sotero e Odorico, mantem o julgor dos Andradas e as glorias da eloquencia de Monte Alverne, Januario Barbosa, Romulo de Seixas. Unem-se áquelle grupo Porto Alegre, Lopes Gama, Joaquim Caetano da Silva, Velho da Silva, a quem se seguem, alem de outros, Gonçalves Dias, Pinto de Campos, Varnhagem, Páranapiacaba, Bispo do Pará e Octaviano.

E assim viemos, até que, para o copioso e Castiço da linguagem de Castilho, Herculano, Camillo, Latino, Garrett, Rebelo da Silva Silveira da Motta Pinheiro Chagas, Anthero de Quental, Thomaz Ribeiro, João de Deus... a linguagem soberba, rica de formas tambem brilhante e castiça, de Ruy, Monte Alverne, Odorico, Porto Ale-

gre, Lisbôa, G. Dias, Octaviano, Carneiro Ribeiro, Machado de Assis, Pacheco Junior, Francisco de Castro, para só referir alguns dentre os que já desapareceram, sendo intensa a cultura linguistica, que conta bons representantes por dezenas de nomes, entre os quaes muitos ha dignos de notar, alem dos actuaes paladinos que com o seu saber, testificam á lingua o amor que lhe professam nas paginas da Revista da Lingua Portugueza.



# Sol das Almas

Martins Fontes

A' ultima luz que doira as terras calmas,  
A' ultima luz de amor que beija o poente,  
Se dá, no meu país, poeticamente,  
A denominação de Sol das Almas!

Na montanha, a palmeira, de repente,  
brilha! O misterio lhe incandesce as palmas!  
Para outro mundo leve o pó das Salmas  
A luminosidade commovente.

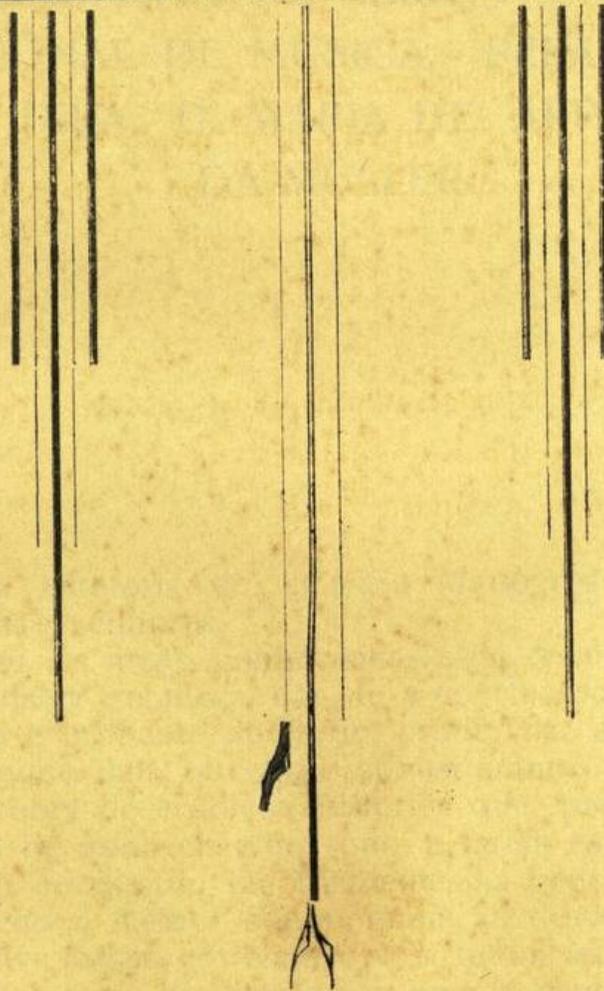
Vai morrer e ainda fulge! Ainda! Ainda!  
Como um sorriso, finda a claridade,  
Como um soluço, a claridade finda!

Adeus! Adeus! E' o fim da mocidade!  
Nunca mais! Nunca mais! E era tão linda!  
Qual o teu nome, Luz do Azul? — Saudade.



Páginas

FEMININAS



# Fundação de Cuiabá

## CONFERENCIA

PRONUNCIADA A 8 DE ABRIL, NO «INSTITUTO  
NACIONAL DE MUSICA,» PELA EXMA.  
SNRA. D. MARIA DE ARRUDA  
MÜLLER

Ilustrada Diretoria do «Centro Mattogrossense»:  
Senhoras e senhores.

Quizeram os meus conterraneos aqui residentes, numa requintada e fidalga gentileza, dar-me a oportunidade de vir perante este seleta e brilhante auditorio, pronunciar algumas, palavras alusivas á grande data que hoje comemoramos.

Não fiz obra de erudição historica que, para tanto, me falta o cabedal de conhecimentos que a tarefa exigiria e me falecem os dotes de espirito tão frequentes na gente de minha terra.

Conhecedora, melhor que ninguem, da desvalia do meu contingente, não tive forças, entretanto, para renunciar á sensação, desconhecida para mim, de falar num grande centro, perante figuras as mais representativas da cultura do meu Estado e embaixadores — os mais autorizados — dessa potencia construtora e di-

namica que é a imprensa.

Aqui se polarizam valores incontestáveis da gente matogrossense, não só no domínio da burocracia, a cujos cimos a competência e o trabalho os elevam, mas também na esfera do pensamento, onde se exalçam no trato da ciência e das artes.

Todavia, neste discurso não procurei senão coordenar, com simplicidade — simplicidade de que é o paradigma a nossa gente — fastos da história matogrossense que se espraiam, em caudais de glória, por toda a história guerreira do Brasil. E se fui simples para não fugir as tradições que respeito, espero me escuteis com benigna complacência para não vos furtardes também á prática de uma das nossas máximas virtudes. Simples eu, falando-vos com a alma; complascentes vós, escutando-me com o coração.

O apêgo ao conforto e ás comodidades da vida moderna não nos permite avaliar, sequer, o que de heroísmo, coragem e audácia constituíram as arrancadas titânicas para o interior dos guedelhudos e hirsutos piratinicanos, na gloriosa éra das “entradas”.

Sertão bruto, inquietante, feroz. Sob a cúpula da mataria, no dorso dos rios escuros e profundos, que de ciladas esperavam o atrevido bandeirante !?

Era preciso pensar em tudo: dos utensílios de caça aos armamentos de guerra; dos farneis copiosos á pólvora e ao chumbo das escôpetas e dos resistentes artefatos de couro crú, ás almarias possantes que não fraquejassem ao peso das provisões. Antes de tudo, porém, cumpria seleccionar expedicionários que não desfalecem, escolher guias práticos e compôr de retalhos incertos, os roteiros aproximados.

A que iam esses indomitos aventureiros? A principio, como escasseassem braços para a lavoura, já desenvolvida em S. Paulo, a captura dos índios era o seu objetivo principal. Nos primórdios do século XVII, as descobertas de minas de ouro e prata em Cataguás e Sabará, desnortearam-lhes a ambição primitiva, dividindo-lhes, ao mesmo tempo, as preferências. Os emboabas, assenhorearam-se, porém, das suas descobertas e entre refréguas tremendas deixam-lhes os troféus, internando-se pelo sertão do Ocidente.

Esse Oeste maravilhoso, que hoje é a méta das aspirações nacionalistas, foi a intrepidez bandeirante que desbravou e ofereceu ao Brasil.

Não fôra o arrojo desmedido daqueles pertinazes perseguidores da ilusão do ouro, o tratado de Tordesilhas ter-se-ia firmado, prevalecendo a argúcia de Melgarejo, ante a apatia da

Côrte Portugueza, embora lá um ou outro, como Raposo Tavares e seus corajosos apaniguados, gritassem energicamente aos espanhóis já apossados do Sul de Mato-Grosso: "Viemos expulsar-vos de toda esta região que é nossa e não do Rei de Espanha".

Em 1650, outro Rapôso, á frente de paulistas, perlustrou o altiplano colossal de Amambaí e foi ter aos Andes, voltando a S. Paulo pelo Amazonas, já desfigurado, encanecido e tão diferente de si mesmo que a propria familia o desconheceu.

Campos Bicudo, Pires de Campos, Moreira Cabral, os Antunes Maciel, os irmãos Leme, Miguel Sutil, Dias Falcão, Sá de Aruda, Barbosa Lopes, Martins e Pires de Almeida, Leite de Barros, eis a longa côrte de progênie paulistana, que presidiu o alvorecer da longinqua «terra dos Xaraés» e escreveu com o seu martírio a impressionante epopéa bandeirante.

A caça ao indio já não era clausula imperiosa, por isso mesmo a vida nomade se resumiu a pequena expedições em busca do ouro ou sortidas ao encalço dos inimigos.

A 8 de Abril de 1719, foi assinado o termo da descoberta, das jazidas auríferas do Coxipó onde ronceavam os Coxiponés e, da aclamação de Pascoal Moreira Cabral, para guarda-mór das minas, isso depois de organizados os nucleos regionais de estabelecimento, creados com a chegada da poderosa bandeira de Antunes Maciel.

Dizem cronistas contemporâneos que, um ano antes, Antonio Pires de Campos, primeiro provedor do "Arraial Velho", no atual aterrado do Banaijal, proximo á boca do Tarigara, havia subido o Cuiabá até a barra do Coxipó, arrazando aí a grande aldeia dos Coxiponés.

Como quer que seja, o que hoje festejamos, não é a gloria imarcescível dos que desvirginaram a selva de Mato-Grosso mas, a fundação estavel do primeiro e definitivo organismo social que assentou naquelas dilatadas e longinquas paragens de O-éste.

Os desbravadores se aperceberam, desde logo, que o nativo não era um bronco. Ao contrario, manifestava flagrantes sinais de lucidês e argucia, de heroismo e amor á gléba. Resistia, arregimentado, ao invasor, e quando este se supunha seguro da conquista, já vinha a brusca arremetida do gentio sobrestar-lhe o passo. Não raro, o descanso noturno das caravanas se interrompia sob as misteriosas chuvas de flexas mandadas por Tupan.

Conta Virgilio Corrêa Filho, nas suas "Notas á Margem" que "Moreira Cabral e seus logares-tenentes de igual nobreza, avezados a levar de vencida aldeias e aldeias selvagens, alí provaram o primeiro revés".

Três anos mais tarde, quando as roçadas, florescidas e maduras, tinham provido por duas vezes os celeiros dos sertanistas, o sorocabano Miguel Sutil deparou, com sorte rara — diz-nos Barbosa e Sá — “a maior mancha de ouro que se tem achado no Brasil”.

A’ meia encosta do morro onde hoje branqueia a Igreja de N. Senhora do Rosário, por entre a mata que margina o gracioso correjo da Prainha, nas grotas e pequenas praias de areia fina, o ouro faiscava, atraindo com fascinação intensa...

Essas minas, extraordinariamente ricas, abriram de repente a historia de Mato-Grosso. E a historia de Mato-Grosso é a Historia do Brasil, assim como — curiosa coincidência — o seu aspecto fisico, sua configuração geografica, sua dilatação ao norte no sentido dos meridianos, guarda fielmente os contornos da Patria.

Os seus problemas são também os do Brasil.

Pergunta Generoso Ponce Filho em discurso pronunciado na posse da Diretoria deste Centro, em 15 de Agosto de 1931: “Povoamento, vias de comunicação, instrução — sobretudo a instrução profissional e técnica, transportes, amparo á lavoura e á pecuaria, credito rural e agricola — qual destes problemas de Mato-Grosso não é ao mesmo tempo problema visceralmente brasileiro?”

A historia de povo, quasi que gira em torno dos seus episodios militares, das batalhas que feriu, das tragedias que viveu. Foi a luta que caldeou o carater e a coragem do matogrossense. A vida politica do grande Estado, reflete, a cada passo, essa incontrastavel verdade. Mesmo, porém, nos momentos agudos, em que vêm á tona as explosões intimas, provocadas por agitadores, sempre de curiosa psicologia — pode-se vislumbrar a alma heroica do nosso povo, os sentimentos nobres e a prodiga bondade que lhe florescem no coração.

A altivês e o amôr á liberdade, geraram, muita vês, ansias de reivindicação, com epilogs guerreiros e tragicos, mas tudo por bem da ordem e da autonomia da terra abençoada que nos viu nascer. Esses assomos de brio são motivo de justificado orgulho, indices da vitalidade de um povo capaz de elevar-se aos mais altos destinos. O nativismo, arraigado e cêgo, deu origem a cenas que alguns historiadores taxam de selvageria abominavel. No fundo, não foram mais que explosões das rivalidades raciais, fomentadas pelos acontecimentos que se desenrolavam na Côrte Portuguesa e que deram motivo á abdicação de Pedro I.

Afinal, a “rusga” como ficou denominada a noite, tristemente memoravel de 30 de Maio de 1834, foi a ampliação granguí-

nolesca da “noite das garrafadas” da “sabinada” e do “quebra gamela.”

Tal a interpretação que se lhe dêem, pôde ter sido um imperativo da época ou o prodromo sangrento de uma fase de construção. Foi aquele mesmo sentimento inato e instintivo que, nos primórdios da vida de Mato-Grosso, fez o indomito “paiaguá” e o guerreiro “guaicurú” enfrentarem por varias vezes a cobiça bandeirante, indo-lhe ao encontro, para destruir as suas monções nos pantanais dantescos do Paraguai.

Nessas lutas em que a ferocidade defensiva do indio não era maior que a crueza consciente e egoistica dos conquistadores, não podemos deixar de reconhecer o direito santo que assistia aos verdadeiros donos da terra americana, defendendo o que lhes pertencia e que não podiam reivindicar dentro da lei, estribados no *uti possidetis*, como mais tarde o genio de Gusmão e de Feijó iriam arguir contra a avidez castelhana...

Fronteira imensa e aberta, Mato-Grosso foi o grande palco onde o Brasil viveu as épicas façanhas da maior guerra americana — a campanha lopezguaia — de 1864 a 1870.

As paginas rutilantes de Dourados e de Coimbra, a retomada de Corumbá, as escaramuças que a martirisada coluna retirante da Laguna sustentou em territorio matogrossense impediram que o sólo brasileiro fosse tranquilamente talado pelas hostes fanatisadas de Solano Lopez, até que a esquadra brasileira, bloqueando Humaitá, forçou o ditador a concentrar no seu reduto os inumeros batalhões que incendiavam as macéguas do sul.

Cheia de lances emocionantes e de episodios que edificam, assim é, senhores, a historia dessa terra imensa e maravilhosamente progressiva do País, desajudada, esquecida, preparando, quasi sozinha, uma civilização que nos orgulha.

Hoje, Mato-Grosso cresceu e se povôou. Não é mais a méra expressão geografica de outróra. Tem relevo nas estatísticas, instrue com carinho e eficiencia os seus filhos e aproxima, com estradas serviveis, os seus nucleos de população. Seus rebanhos imensos comecam a receber a crusa de sangues preciosos, e não fôra a escassez de braço com que lida, já seria o grande celeiro da Nação.

Suas cidades principais, como a Capital, Campo Grande e Corumbá, têm vida cultural apreciavel e assimilam, com amôr, as práticas da civilização.

Mais do que os centros de intensa vida social, os de sensível escassez de relações, conduzem á arte, naturalmente. Em Mato-Grosso, tão grande, mas vazio, tão afastado do bulicio das grandes metropoles, onde a vida se dissipa em prazeres, os enge-

nhos literarios, artisticos e scientificos se requintam, revelando grandes surpresas ao Brasil.

Cuiabá, por ser, talvez, a mais insulada das cidades centrais, tem primazia incontestavel nesse setor das atividades. Dizem, por pilheria, talvês, que o cuiabano é inteligente, pela abundancia de fosfato com que o pacú, seu principal alimento lhe tonifica o cerebro.

Ora, inteligente, porque come pacú; brioso na paz, porque suporta o desconforto do oéste; heroico na guerra, porque impediu que o estrangeiro lhe dominasse as terras abençoadas; cioso da liberdade, como o gentio, tenaz, como o bandeirante — é o cuiabano um conglomerado de virtudes inegualaveis.

Por isso, a terra matogrossense promete guardar, por muito tempo, ainda, a seiva de brasilidade que nos caracteriza e distingue.

A civilização marcha no sentido do poente. Segue o roteiro eterno do Sol, conduzida — quem sabe? — pelas influencias teluricas, qualquer coisa assim como força magnetica guiando o surto de todos os empreendimentos.

Felizmente, para nós, soôu a hora da redenção.

Servindo-me da frase feliz do General Rondon, direi que brevemente, "Cuiabá terá um lugar ao sol". Graças a politica de trabalho em bôa hora inaugurada no País, o Estado mais ocidental do Brasil será emfim olhado com carinho.

Técnicos de grandes capacidades e pertinacia estão, neste momento, estudando traçados rodo-ferroviarios que nos contemplarão satisfatoriamente. Nesses planos de conjunto, Cuiabá será cruzada por duas estradas de ferro, pois em lugar de planos unilaterais de interesses segmentarios, o Brasil tem em mira o desenvolvimento harmonico do seu todo.

A "cidade verde", reclinada sobre o rumoroso Cuiabá, que os Coxiponés, Guatós e Aripoconés cruzaram em piágas leves, sob o docél umbroso e fragrantes dos ingazeiros e dos sarans, vae ter de novo, em sentido inverso, a eclosão das éras bandeirantes. Para lá ha de volver o ouro, transformado em moédas e em obras duradouras, na mesma proporção em que de lá saiu em pepitas e barras".

---

# D ô R

GLORINHA NOVIS

Quando me cerca essa ilusão do mundo  
E a vida me sorri, qual leda aurora,  
Sinto de ti, ó Dôr, medo profundo:  
Tua simples idéa me apavora.

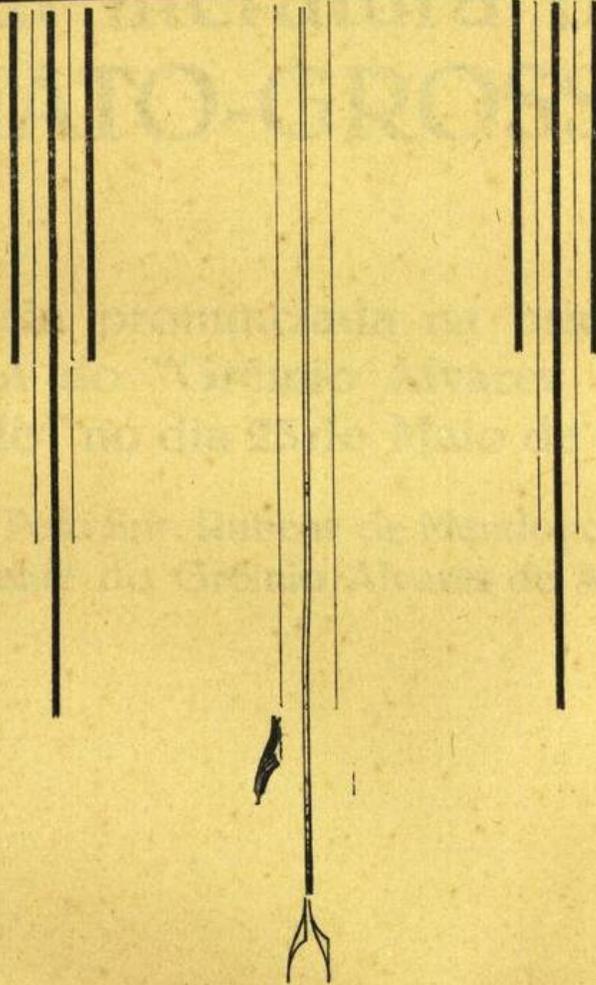
Mas quando, a sós, essa ilusão me deixa  
E o meu viver se torna um cáos imenso,  
Eu chamo injusto ao que de ti se queixa  
E te abeneção ó Dôr, quando em ti penso.

E te bendigo, sim, porque és sincera,  
Nossa alma, ao te sentir, se regenera,  
Reconhecendo os proprios erros seus...

E ensinando-me os vis a desprezar,  
Ensinas-me a esquecer e a perdoar  
E me aproximias muito mais de Deus!

Páginas

Dos Novos



# Aspéctos da literatura de MATO-GROSSO

Conferência pronunciada na primeira Hora  
Literária do "Grêmio Alvares de Aze-  
vedo" no dia 23 de Maio de 1937.

Pelo Snr. Rubens de Mendonça  
Presidente do Grêmio Alvares de Azevedo.



Aspectos  
da literatura de  
MATO-GROSSO

Exmo. Snr. Cap. Interventor Federal.

Exmo. Snr. Presidente da Academia Matogrossense de Letras.

Exmo. Snr. Presidente de Honra do Grêmio Alva-  
res de Azevedo.

Meus Senhores:

**F**OI o Historiador Klaband, que assim definiu a literatura de um povo: "A literatura de cada povo é ao mesmo tempo nacional e internacional. Nacional, no sentido de que assenta no idioma, no que de mais seu povo pode criar, e neste sentido ela sempre será e deverá ser nacional. Internacional, porque recebe as concorrentes espirituais, que lhe chegam de outros povos, as retém, as utiliza para si e as passa a-diante".

Com o título de “Epitome da historia literaria de Mato-Grosso”, deu-nos o Snr. José de Mesquita, no primeiro numero da “Revista da Academia Matogrossense de Letras”, a mais perfeita pintura panoramica da nossa vida mental.

Entretanto, há quem desmereça e oculte, por ignorancia, ou por malicia, o acêrvo da nossa intelectualidade.

Escreveu Ronald de Carvalho, na Historia da Literatura Brasileira, que: “Um povo sem literatura seria, naturalmente, um povo mudo, sem tradições e sem passado, fadado a desaparecer como réles planta rasteira nascida para ser pisada”. Mas um povo, como este, que pussui uma historia cheia de heroismo, uma tradição, gloriosa, é tambem um povo com uma literatura vigorosa e brilhante.

A afirmativa de que em Mato-Grosso não se cultúam as letras, importa no desconhecimento dos nossos poetas, D. Aquino Corrêa, José de Mesquita e Lamar-tine Mendes, trindade maravilhosa de parnasianos que tanto orgulha a nossa terra.

D. Aquino, orador e poeta cheio de vigor, o seu verbo facundo é como no dizer de Arnaldo Serra: “O orador Mirabeau da santa crença”...

Outro é o cantor da “Terra do Berço”, excelso parnasiano que tão bem evoca as nossas “Cousas de Antanho”.

“Tenho uma alma de rude primitivo

Cheia de nostalgia do passado

E no presente a contragosto vivo

Como um pobre exilado”.

Disse algures Buffon que o estilo é o homem, e nestes versos transparece toda a alma do poeta, e o seu acentuado culto ao passado, que o fez historiador de merito e o primeiro linhagista entre nós. Assim o vemos dizer:

## A alma das velhas casas

No silencio do pósmeridic grave e ardente  
entrei a velha casa onde vivêra outr'ora,  
quando, ainda alma em flôr e corpo adolescente,  
era luz, era ardor, era sonho, era aurora.

A sala ampla e deserta, a varanda silente,  
echoam do meu passo ao ruido e, frio agora,  
o quarto onde dormia é lugubre e dolente  
e o terreiro ermo e nú de rosas não se enflora.

É sêco o algibe. Chora uma rola num galho.  
Abro o velho portão. Galgo a esteril, maninha  
gleba de morro mal vestida de cascalho...

E desses que — ai de mim! outr'ora aqui viveram  
resta, pairando no ar, a alma triste e sosinha  
das velhas casas cujos donos já morreram!

Como poeta, José de Mesquita publicou os maravilhosos livros "Poesias", "Terra do Berço" e "Da Epopéa Mattogrossense"; como historiador publica ainda pelo jornal "A Cruz" os interessantes estudos que se

intitulam “Gente e Cousas de Antanho”.

O contista já nos deu “A Cavalhada” e “Espelho de Almas”, ambos á maneira encantadora que lembra a suavidade de Machado de Assis Agripino Grieco, em “Vivos e Mortos”, disse de Castro Alves, “que as suas poesias parecem seres vivos”. Vejamos agora como esse dizer se ajusta á “A Garça”, de José de Mesquita.

Pantanal. Agua e céus. Solidão silenciosa.  
Num remigio, a cortar as aguadas serenas,  
vai a garça a vôar na tarde côr de rosa,  
e da agua escura á tona a asa lhe aflora apenas.

Passa e no limo abjecto e na vaza asquerosa  
não se lhe mancha o alvor e a candidez das pennas,  
pois no vôo subtil deslisa, donairoza,  
sobre as aguas de lodo e de impureza plenas.

Alma de poeta, sê qual a garça voando  
sobre o vil atascal e sobre a lama impura,  
olhos postos no azul, no ether sereno e brando...

Conserva teu ideal, tua illusão querida,  
e não turves jamais das asas a brancura  
no sordido paul das torpezas da vida...

Após a leitura destes versos sentimos o dizer de Coelho Neto: “Por ela o meu sangue, toda minh'alma

para resguardá-la: é o meu amor, é o meu idolo, é o meu ideal - a Fôrma”.

Ou a voz de Olavo Bilac, na sua “Profissão de Fé”.

“Torce, aprimora, alteia, lima  
A phrase; e enfim,  
No verso de ouro engasta a rima  
Com um rubim”.

Agora, Lamartine Mendes completa a trindade brilhante dos nossos parnasianos.

Ha pouco, numa “Antologia de Poetas Paulistas”, lá deparei Lamartine Mendes, entre Guilherme de Almeida e Paulo Setubal. O facto nos orgulha, porque o seu berço foi esta Cidade Verde.

A “Volta das Canoas”, soneto de sua lavra, é um quadro diamantinense, berço dos seus maiores e a pintura é viva e nós todos a sentimos:

## A Volta das Canoas.

Quando a tarde se esvai, dourando a matta,  
E na embaúba, ás margens das lagaos  
Gemem as rolas, descem as canoas,  
Da agua enrugando o espelho que as retrata.

Vêm da pesca. Um remeiro a voz desata,  
E canta; e as ondas quebram-se nas prôas.  
E pelas ondas tremulas e bôas  
Ha reflexos de purpura e de prata.

E os madeiros, em fila, ao vento frio,  
Vão boiando, boiando, lentamente,  
Debruçados, tristonhos sobre o rio..

Passam; e a noite cai, pura e silente...  
Passam... e depois fica o fugidio  
Manto de espuma aberto na corrente.

Evocarei um outro poeta, este já da nossa sauda-  
de porque caminheiro da derradeira viagem - Leonidas de  
Mattos, cujos versos lembram a harmonia e a delicadeza  
de Alvares de Azevedo e Antonio Nobre pela "simplicida-  
de quasi biblica, comovendo sempre pela doçura melan-  
colica e estranha que neles transparece".

É uma joia o soneto que vou lêr:

## S ó

Triste nasci. Amargos dissabores  
Enegreceram minha mocidade.  
Da sorte vou soffrendo seus ardores  
Nesta vida de tédio e iniquidade.

Fui feliz algum tempo. Tive amores.  
Sonhei gloria e sonhei felicidade!  
Hoje passo chorando as minhas dores  
Na lyra soluçante da saudade...

Sem fé, sem esperança, abandonado,  
Para sempre do gozo desterrado,  
Tendo no peito a máguia indefinida!

Como Ashaverus, mystico, lendario,  
Vou segundo, tristonho e solitario,  
A caminho do Golgotha da vida!...

Leconte de Lisle, no seu discurso pronunciado sobre Victor Hugo, na Academia Franceza, disse com razão: "Victor Hugo é antes de tudo e sobretudo um grande e sublime poeta. Soube mudar a substancia de tudo em substancia poetica, o que constitue a condição expressa e primeira da arte, unico meio de escapar ao didactismo rimado, negação absoluta de toda a poesia".

Poeta, e de alta inspiração foi Leonidas de Mattos, e os seus versos — "Do Occaso e do Silencio" — bem poderiam figurar entre os de Guimarães Passos ou Antonio Nobre

Leonidas, como Guimarães Passos, não se filiava a escola nenhuma. Fazia versos e rimava-os com a facilidade natural de um passaro que canta como o "Rouxinol", do conto de Oscar Wilde.

Sua alma era poesia, e como a agua limpida de um regato que corre era a harmonia dos seus versos.

Ouvi, senhores, estes versos admiraveis;

## "Do Occaso e do Silencio"

Nas horas derradeiras  
do Sol morrer, o Occaso, evocativo,

parece uma paisagem symbolista...

É violeta... é sangue... é ouro vivo...

Tem a côr da Saudade e da Amethysta

das plangentes olheiras...

Longe, em ruínas, a torre secular,

isolada entre as arvores, levanta

o seu perfil, em scismas dolorosas...

Olha á distancia, espia

a vêr que crente vem para rezar

a oração derradeira ao fim do dia...

Despetalam-se rosas...

Uma cigarra ao longe canta...

Cai sobre a terra saudade roxa...

Um silencio de seda!

E a luz vae a fugir... é frouxa... é frouxa...

debatendo-se aos troncos da alameda...

O' silencio da tarde que me exhortas!...

O' Silencio..,

... amigo das igrejas mortas...  
das alcovas esquecidas,  
onde a Saudade vae ouvir chorando  
os beijos que morreram soluçando,  
as palavras perdidas,  
que caladas morreram no silencio...

Amo-te, Hora, em que o Angelus dolente,  
na luz crepuscular,

Chora saudades brancas pelo Ar!...

O' mysticismo azul do Pôr do Sol!...

O' Pedraria viva do Arreboll!...

O' Quadro Symbolista do Poente!...

Havia algo de afinidade entre as vidas de Leonidas e Guimarães Passos.

Luis Murat, prefaciando um livro de Guimarães Passos, escreveu: "Contam os biografos de Schiller que no momento preciso em que o grande poeta ia ser enterado, chovia copiosamente. De baixo de grossas nuvens carregavam o fenetro sagrado. Quando porém, depuzeram o caixão na cova, as nuvens se abriram repentinamente, a lua apareceu e um doce raio aclarou a tumba do poeta".

E assim tambem, um raio da nossa saudade vai aclarar a tumba de Leonidas de Matos, o antigo baluarte do "Grêmio Alvares de Azevedo".

Depois, ainda outros parnasianos tomam assento na constelação da Rima — Alyrio de Figueiredo e U-

lysses Cuiabano, cantores primorosos e artistas de labores adamantinos.

Leonidas de Mattos e Oscarino Ramos, foram os poetas que de modo acentuado mais influenciaram o meu espirito.

Oscarino é simbolista, tal como Mario Pederneiras, cujo ritmo brilha como facetas de diamante. Vejamol-o cantar...

## Saudade

Pelo céu passam passaros tardios...

A noite vem!

Para sentil-a assim, eu subo

A este mirante, solitario triste.

(Oh! esta dor de ver uma tarde morrer!)

Noite e ao longe clareia...

Clareia... clareia...

Como uma grande Flor de Angustia,

Redonda e grande, a lua sobe

(Pobre romantica desencantada

Que ha tantas noites procura

Os bohemios trovadores!)

E, sob a noite clara, a cidade aparece

Quieta, sepulchral.

Dormem

As velhas palmeiras

A torre da Sé

Ninguem.

Só tu, lua, como uma grande lampada,

Acompanhas-me nesta vigilia

De tormentos profundos

De onde nasce, cresce, e me sucumbe

Esta grande Saudade

De alguém.

Quando, vae pouco tempo, andei pelo norte do país, em uma livraria de Aracajú adquiri um volume com o titulo "A arte de ser breve". Ainda que breve, me permitirão que alinhe mais nomes — Franklin Casiano, Tolentino de Almeida, José Raul Vilá e Pedro Trouy. Não podendo ser olvidados, outros nomes como Eurycles Motta, o vigoroso representante da geração que ora surge.

É de sua lavra o soneto que passo e lêr, onde se percebe grande influencia de Cruz e Souza.

## Ridi Pagliaccio

Em doidas gargalhadas de cristal  
no picadeiro o clown entreabre a bôca,  
no histerismo da ideia vã e louca  
de esquecer a amargura de seu mal.

Ri, Palhaço infeliz, dessa infernal  
febre que te definha pouco a pouco,  
mergulha tua dôr nessa voz rouca,  
nos aplausos da turba vil, boçal...

Não me ilude esse riso alvar que ostentas  
pois, ris com lagrimas no triste olhar,  
soluços nas risadas mortas, lentas,

clown na pista da vida e da ilusão  
sou e rio com ansia de chorar...

— Ride Palhaço do meu coração!!!

Parodiando Bilac, no prefácio dos "Bandeirantes" de Baptista Cepellos, poderíamos dizer: "Eurycles é um legítimo e excelente poeta, a quem tenho o orgulho de saudar em primeira mão".

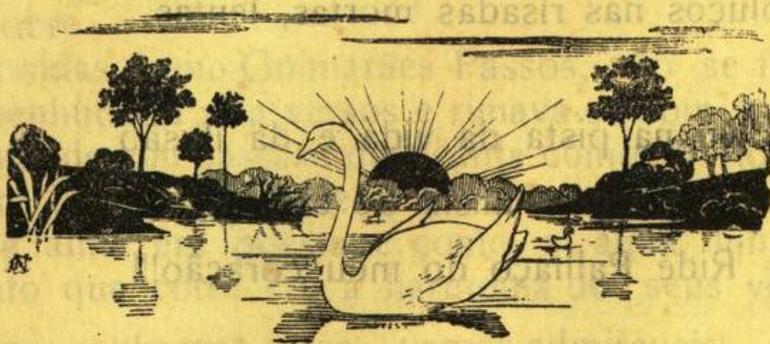
Portanto, senhores, Mato-Grosso possui nem só

poetas, mas igualmente prosadores cheios de vida e de vigor, tem uma literatura bastante farta que vem desde o romantismo de José Tomás de Almeida Serra, até as mais recentes correntes modernistas.

E assim a nossa terra querida não é somente farta em ouro e diamantes; é também farta em pensadores.

Hoje me permitam encerrar aqui esta obscura palestra, tão benevolmente ouvida por auditorio assim seletto. Porém, não silenciarei a cultura matogrossense em outros ramos e variados aspectos. Após a Divina Arte, em outra oportunidade direi dos seus demais pensadores.

Senhores, termino com os meus agradecimentos.



Portanto, senhores, Mato-Grosso, possui não só  
 zandar em primeira mão.  
 legítimo e excelente poeta, a quem tenho o orgulho de  
 de Batista Cepellos, poderíamos dizer: "Eurycles é um  
 Parodiando Bilac, no pretácio dos "Bandeirantes"

# Cartas abertas

João Baptista M. Mello

I

*Caro amigo Rubens de Mendonça.*

Fez bem v. ao me aconselhar a leitura do "Antologia" de Da Costa e Silva.

Não sou poeta, meu amigo, e é muito raro eu ler um livro de poesias, verso por verso; por isso sei que sou incompetente para criticar qualquer obra da linguagem cadenciada e rimada, principalmente quando o seu autor é do quilate do consagrado Da Costa e Silva.

Mas, confesso-lhe, devorei devéras, com bastante e carinhosa atenção, desde o primeiro até o último, os versos do poeta piauíense encerrados no seu "Antologia", procurando buscar-lhe a alma, porque, meu amigo, eu sou dos tais que acreditam que se conhece o íntimo do escritor pelas suas obras.

Ao terminar a leitura do bom livro que v. me em-

prestou, ainda parecia que estava lendo

Saudade! Olhar de minha mãe rezando,  
E o pranto lento deslizando em fio...  
Saudade! Amôr da minha terra... O rio  
Cantigas de águas claras soluçando.

Do meu pensamento, acho que jámais fugirão êses versos magníficos. Versos que contém uma expressão incomparável; versos que me deleitaram como nunca outros; versos que enlevam mesmo os que á poesia não dão valor.

Cégo, tateio em vão, num caminho indeciso...  
Que é feito dêsse amor que tanto me entristece,  
Que nasceu de um olhar, germinou num sorriso,  
Que viveu num segrêdo e morreu numa prece?

Que versos! Perfeitos, não?  
Da parte "Zodíaco — 1917", ainda guardo bem aquêles versos, cheirando á queimada, que expressam com eloquência uma dessas tragédias da mata virgem.

O brazeiro violento  
Crepita, a arder, sem intervalos,  
Como para agravar o sofrimento  
Da floresta que, em íntimos abalos,  
Tenta em vão traduzir o seu tormento  
Em estrondos, estrepitos e estralos.

Depois vem "Pandora — 1919".

Sou, talvez, o mais triste ser humano  
Que vive sob o céu ou sôbre o solo,  
Porque possúo o espírito de Apolo  
Na feia catadura de Vulcano.

É “Ego...” e assim principia, para o “...Sum” assim terminar:

A natureza, que os seus dons reparte,  
Porque feio me fez, deu-me a vertigem  
De lutar e vencer em toda a parte.

Depois vem a parte “Verônica”, que qualifiquei de mais que admirável.

Como é expressivo Da Costa ao cantar (As horas)

As horas cismam no ar parado:

-- Passado

As horas bailam no ar fremente:

- Presente

As horas sonham no ar obscuro

- - Futuro.

E atenciosamente, meu amigo, fui lendo todos os versos do grande poeta. O “Antologia” é ótimo; deleita quem o lêr. Apreciei-o muito.

O que perturba e intimida  
O meu espírito forte  
Não é a certeza da morte  
Mas a incerteza da vida.

Assim, com uma quadra, Da Costa e Silva termina o seu livro, um dos melhores de poesias que até

hoje lí. Por isso que lhe escrevo no início destas linhas, ter v. feito bem ao me aconselhar a leitura do agradável “Antologia”.

Terminando, não posso deixar de lembrar os maraviosos versos que cantam o caminhar eterno do judeu errante.

Caminha sempre! E, onde a parar te afoites,  
Tôrvas, sinistras, lúgubres, aziágas,  
Desabarão do céu chuvas de pragas,  
Quarenta dias e quarenta noites.

Da Costa é admirável. Seus versos maravilhosos.



# Poema á "Cuiabá"

João Hamilton

Porque te escondes entre o vale dos morros que te circundam?..  
Do pico deies-te vejo ancioso:  
E abaixo de mim, aos teus pés,  
Vejo casas e ranchos adormecidos...  
Fito-te embriagado pela tua brisa aromática  
E vejo-te embriagada pela tua quietude e indiferença...  
Enérvo-me diante dos teus morros enfileirados:  
E o teu imenso rio, ao longe, saciando-te a Sede,  
Rumureja,... rumureja,...  
Entoando a canção natural da Sua vida...

Dos pincares, dos morros, cheio de aflição,  
Contemplo-te quanto és imenso e bela;  
Contemplo os teus dotes naturais;  
A alegria do teu povo honesto,  
E sinto-me alegre em te possuir.

Ó cidade querida e amada minha!...  
Quanto te fito,  
Meus olhos trans formam-se numa paisagem natural,  
Cheia de Sua vida  
As tuas torres esguias, pálidas e longas  
Guardam-te o espirito alegre do teu povo religioso e grato...

Enfim, ó cidade verde e querida!...  
Quando lanço o meu olhar triste  
Sobre a tua Fisionomia sorridente e alegre,  
Sinto o meu coração sorrir igual as tuas flores...  
Quando banho a tua face  
Com o meu olhar ancioso e delirante,  
Sinto-me mesquinho e fraco para ser teu filho...  
Porisso contemplo-te, para haurir a vida do teu povo forte...  
Porisso, adóro-te porquê não quero sêr o homem fraco  
de amanhã...

# Paisagem carioca

Caraciolo de Oliveira

Ia a lua redonda bem lá no alto,  
circundada de estrelas a brilhar,  
Fitando indiferente o mar cobalto,  
Onde as aguas se viam espumar...

E a branca espuma, no beijar a areia,  
Cantava hinos de alegria e amor,  
Enquanto, no alto, a lua toda alheia  
Clareava a noite e dava-lhe esplendor.

Braços abertos, lá no Corcovado,  
tendo a seus pés uma cidade inteira,  
O Cristo Redentor iluminado,

Olhava esse conjunto de beleza,  
Esse fulgor da noite brasileira,  
Obra prima das mãos da Natureza!

Rio, 12 — 4 - 38

# Poema Carióca

*Guy de Mesquita*

Você, morena carióca,  
é um poemeto delicado  
que o destino caprichosamente  
escreveu para a minha vida;  
uma palavra... todo meu presente,  
um verso apenas... todo meu passado.

Sem você,  
a vida é simples e vã  
sem ritmo, sem luz, sem nada,  
tudo sombras de sonhos que passaram...  
e com você,  
que diferença extrema...  
como é sublime amar e ser amado,  
na exaltação de um sonho deslumbrante.

Morena Carióca,  
você traduz linha por linha  
a inspiração suprema destes versos...  
versos... retalhos de sorrisos  
sacrifícios... lágrimas anônimas...  
Sublime apoteose de Felicidade...

# Minha terra

Nadir Ludolf

Cuiabá, bem querida, que saudade,  
eu sinto aqui tão distante de ti!  
E's um sonho que na realidade  
gosei e, infelizmente, hoje perdi.

Apesar de ora achar-me bem distante,  
a minha alma ansiosa ainda te vê,  
não se aparta de ti nem um instante  
e em sonhos mui formosa te revê.

Bem quisera ahi estar, linda cidade,  
para matar minha cruel saudade  
de tudo quanto abrigas no teu seio;

dos teus prados em flôr, tão verdejantes,  
dos teus rios que correm soluçantes,  
de tudo o que possues e que ora anseio!

Bello Horizonte, 21-1-37

# Letras matogrossenses

por Didíó de Figueiredo

— José de Mesquita —

**A**DMIRADOR de José de Mesquita, não foi entretanto essa admiração que me levou a abrir com o seu nome a Galeria dos nomes ilustres das Letras Matogrossenses. Qualquer outro, no meu lugar, estudando os nossos valores, não deixaria de fazê-lo. Presidente da Academia Matogrossense de Letras, da qual foi um dos fundadores, José de Mesquita tem sido o verdadeiro orientador da nossa literatura. Digno imitador de Machado de Assis, tem-se servido desse posto para acolher e coordenar os lidimos valores das nossas letras

Cronista, a sua crónica é um mostruario de arte, belêsas e perfeições.

Poeta, a sua poesia tem a levêsa de um morrer de tarde, de cicio de cigarra, ou do murmurio suave de uma fonte rolando por entre seixos...

Espontanea a sua poesia, o seu romance e a sua prosa gosam os favores dessa espontaneidade e assim foi que, quando representava em 1936 a Academia Mattogrossense de Letras no Congresso das Academias, terminou uma conferencia sôbre as Letras Mattogrossenses, com o poema em prosa do anoitecer da cidade maravilhosa. A cidade engrinalda-se em luz:

“Puz-me a pensar que a minha janela solitaria no alto daquele terceiro andar da Gloria, era, por sua vêz, tambem, um ponto de luz naquele ritmo soberbo de luminosidades. Despercebido, pequenino, sem maiores irradiações, não deixava de concorrer com a sua clari- dadesinha para aquele concerto magico de lucilações em que a metropole unica ergue para o céu a sua sublime préce nocturna. Eu não tinha o direito de extinguir aque- le fóco, que, posto insignificante, fazia parte do conjunto admiravel. E ali me quedei, absorto até tardias horas, quando já o trepidante tumulto da beira-mar começava a esmaecer suavemente na surdina da madrugada e os rosiclères matinaes, do outro lado da barra, tingiam de leve a fimbria dourada dos horizontes...” Era a alma de poeta que, numa sinfonia luminosa, ia preocupar-se com a nota mais obscura, uma pobre lampada electrica...

Conta-se que numa noite, em um teatro, levava-se uma peça em que representava o imortal Novelli. Interpre- tava ele o papel de mendigo, mas, distraido, vestido já dos seus farrapos, passou para essa roupa o seu relógio e sua corrente de ouro que lhe ficou a aparecer no co- lete da roupa. A plateia estava repleta. A peça ia em meio. Em dado momento o ator exclamou patetico: — Meu Deus... morro de fome!... Do alto das galerias, uma vós sumida sugeriu; -- Coloca no prego a sua corrente

regionais.

Prindipe dos romancistas matogrossenses, possuindo livros cujos nomes transpuzeram as fronteiras do nosso estado e lhe valeram o ser acolhido como membro correspondente em quasi todas as academias dos estados, José de Mesquita é bem o embaixador de cultura matogrossense.

Jornalista, diretor do jornal de maior tiragem dentro do Estado, foi, é e será sempre paladino da boa imprensa:

Dai-lhe tudo... E' preciso evitar que no abismo do mais atros e cruel e negro cataclismo a Imprensa má nos possa, inconsciente, imergir.

E' notavel essa bondade natural desse jornalista, tão rara essa qualidade no jornalismo que para exalta-la peço o testemunho ds saudoso Laet: «A tirania da imprensa não se detem ante o limiar de lar domestico». E mais adiante: «Qualquer que tenha tido a infelicidade incorrer na desafeição de um tirano da imprensa, póde ser ferido no mais intimo do coração, chasqueado, vilipendiado, esbofetado pela mão invisivel, incorrigivel do jornalismo».

E é talvez por isso e por ser difficil separar o trigo que nasceu num campo de jôio, que Umberto de Campos diz que «O jornalista é no exercito dos homens de letras, o soldado mais difficil de promover ou premiar».

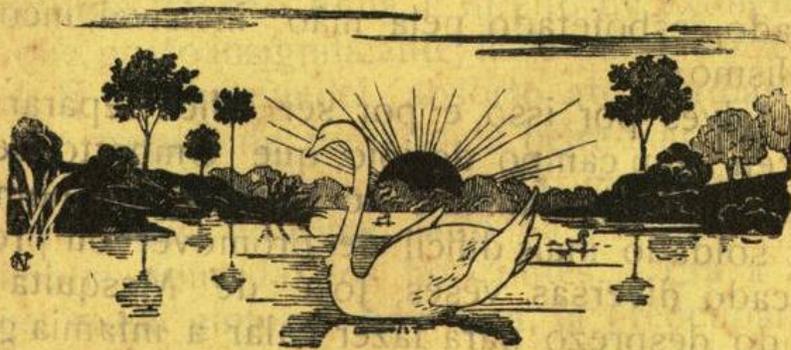
Atacado diversas vêses, José de Mesquita soube valer-se do desprezo para fazer calar a infamia gratuita, sem manchar nunca a sua pena nem as paginas do seu jornal com a tinta da vingança.

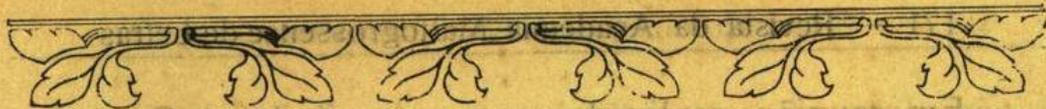
«Conteur» admiravel, o seu livro «Espelho d'Almas» teve a honra de levantar o prêmio no concurso da Academia Brasileira de Letras.

Critico, a sua critica elevada é antes um subsidio para a historia literaria matogrossense e não arma segura e de manejo facil para os ataques pessoais e satisfação de velhos odios...

de ouro!... Uma tempestade de risos ameaçou interromper o espetáculo, mas o ator, embora surpreso, continuou imperturbável: — Se ao menos esta corrente fosse de ouro... Que pena, meu Deus, ser ela uma simples imitação...

Se José de Mesquita, num dos exotismos tão familiares a Gabriel D' Annunzio, se disfarçasse também de mendigo e também exclamasse: Meu Deus... morro de fome!... não faltaria quem lhe aconselhasse a pôr no prego a sua imaginação de ouro... E o diabo é que ele não poderia retrucar a esta sugestão, porque todo mundo já sabe que ela é mesmo de ouro e ouro de 18 quilates...





## II Congresso das academias de letras

### A PROXIMA REUNIÃO NO RIO — AS THESES E O REGULAMENTO

Como tem sido noticiado, realizar-se ha no proximo anno, de 21 de Junho a 2 de Julho, o II Congresso das Academias de Letras, destinado especialmente a commemorar o centenario de nascimento de Machado de Assis. Convocado pela Federação das Academias de Letras do Brasil, designou este instituto a Comissão Executiva do Congresso que ficou assim composta: Desembargador Alfredo de Assis, presidente; M. Nogueira da Silva, secretario geral, Adauto Camara, thesoureiro; e vogaes Desembargador Carlos Xavier e Raul de Azevedo.

Em reunião, realizada na semana finda, a Comissão Executiva approvou a redação final do Regulamento do Congresso, a que está annexo o programa das theses, bem como discutiu o Regimento da Comissão Executiva, apresentado pelo secretario geral, approvando-o em seguida. Nessa mesma reunião a Comissão deu tambem o seu assentimento ás Instrucções para a reunião do Congresso, igualmente formuladas pelo secretario geral.

A Comissão Executiva deliberou tambem a respeito da direcção de honra do Congresso, que é realizada sob o patrocínio do Sr. Presidente da Republica, Dr. Getulio Vargas; Prefeito do Districto Federal, Dr. Henrique de Toledo Dodsworth; Ministro da Educação e Saude Publica, Dr. Gustavo Capanema; Ministro do Interior e Justiça, Dr. Francisco Campos; Ministro das Relações Exteriores, Dr. Oswaldo Aranha; Vice-Presidentes: Presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil, Coronel Souza Docca; Presidente da Academia Carocca de Letras, Dr. Affonso Costa; Presidente da Academia Nacional de Medicina, Dr. Aloysio de Castro; Presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Dr. Herbert Moses; Secretario da Educação e Cultura do Districto Federal, Dr. Paulo de Assis Ribeiro; Presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Dr. Manoel Cicero; Presidente da Sociedade Brasileira de Autores Theatraes; e Director do Departamento de Propaganda e diffusão Cultural, Dr. Lourival Fontes.

É este o regulamento do Congresso:

“Regulamento do Congresso. — Art. 1º — O Segundo Congresso das Academias de Letras e de Intellectuaes é uma organização nacional de character essencialmente literario. Funcionará nesta capital de 27 de Junho a 2 de Julho de 1939 e constituir-se ha de delegados daquellas Academias e de intellectuaes patricios.

§ 1º — O congresso tem por objectivo: a) tratar de assumptos á vida literaria brasileira, inclusive do am-

paro material do homem de letras e da protecção de sua obra; e b) commemorar a passagem do centenario de nascimento de Machado de Assis.

§ 2º — Nas sessões que o Congresso promoverá serão prohibidas formalmente discussões e explanações sobre religião, politica ou assumpto de ordem governamental.

§ 3º — O Congresso, cuja duração será de dez (10) dias no maximo, realizará cinco (5) sessões plenas, a saber: de installação, tres ordinarias para discussão e approvação de theses, e de encerramento.

4º — O Congresso será dividido nas secções constantes do programma annexo.

§ 5º — São membros do Congresso: a) um representante de cada Academia de Letras do paiz; representantes dos Governos da União, dos Estados e dos Municipios; c) jornalistas; d) membros de sociedades de cultura literaria, organizadas sem o carater de academias de letras; e) homens de letras.

6º — O Congresso terá tantas commissões designadas pela Mesa, quantas forem as suas secções. Compôr-se ha cada uma de cinco membros, que elegerão entre si presidente, secretario e relatores.

Art. 2º — A Commissão Executiva do Congresso compõe-se de presidente, secretario geral, thesoureiro e dois vogaes, cabendo-lhe todos os trabalhos preparatorios do Congresso, propaganda, sua realização e providencias necessarias a execução do mesmo.

§ 1º — A Commissão dirigirá os irabalhos da installação do Congresso, pracedendo immediatamente á eleição da respectiva Mesa, com excepção dos membros de honra, a qual será composta de presidente, vice-presidente, secretario geral, 1º secretario e 2º secretario.

§ 2º — Terminada a reunião do Congresso, a Commissão retomará suas funções para effectuar a publicação dos respectivos *Clunacs*.

Art. 3º — As sessões plenas ordinarias do Congres-

so não poderão durar mais de tres horas. Cabe ao relator de theses falar quinze (15) minutos sobre o seu parecer, não sendo permittido ao congressista manifestar-se mais de uma vez sobre o mesmo assumpto, para o que disporá de vinte (20) minutos.

Parapho unico — O relator de these terá o direito, a seu juizo e para encaminhar a votação, de falar em replica, não devendo exceder a cinco (5) minutos sua oração.

Art. 4º — As sessões das commissões poderão ser assistidas por qualquer congressista, a quem o presidente respectivo concederá a palavra se pedida para falar por dez (10) minutos sobre a these em estudos.

Parapho unico — O autor e o relator da these terão, um outro, se o entenderem, quinze (15) minutos para a defesa dos trabalhos que houverem apresentado.

Art. 5º — Nos intervallos das sessões plenas do Congresso haverá conferencias e palestras, cujos themas são de livre escolha dos congressistas, respeitado o disposto do parapho 2º do artigos 1º deste regulamento.

Art. 6º — Os membros do Congresso deverão inscrever-se como taes no “Boletim de Adhesão”, pagando a taxa que será fixada pela Comissão Executiva.

§ 1º — Exceptua-se o representante official de Academia de Letras, ou de sociedade que lhe possa ser equiparada, quando convidada a mesma a se fazer representar pela Comissão Executiva do Congresso.

§ 2º — Os governos da União, Estados e Municipios, poderão indicar delegados seus ao Congresso, mediante a contribuição da taxa respectiva.

Art. 7º — Caberá á Federação das Academias de Letras do Brasil patrocinar, junto aos Poderes Publicos, executivo ou legislativo, a solução das conclusões approvadas pelo Congresso bem como designar opportunamente o local e a epoca da reunião do Terceiro «Congresso das Academias de Letras e de Intelletuaes».

O programma das theses, de conformidade com o

proposto pela Federação das Academias de Letras, consta dos seguintes assumptos.

1ª Sessão; Historia e critica literaria — 1 — Balanço critico-historico dos generos literarios no Brasil: a) critica, erudição e historica literaria; b) ensaismo e moralismo; c) eloquencia e jornalismo d) epistolographia e memorialismo; e) ficcionismo (conto, novella, romance); f) poesia; g) regionalismo; h) theatro. 2 — Balanço critico-historico de correntes, escolas ou movimentos marcantes na evolução literaria do Brasil, das suas filiações ou origens, as derradeiras expressões: a) classicismo; b) romantismo; c) indianismo; d) condoreirismo; e) naturalismo; f) parnasianismo g) symbolismo; h) modernismo. 3 — Influencias estrangeiras na literatura brasileira. 4 — Folklore. Historia e evolução dos seus estudos no Brasil.

2ª Sessão: Linguagem. — 1 — Simplificação orthographica. — 2 — Prosodia da lingua nacional. 3 — Geographia linguistica. 4 — Contribuição das linguas africanas. 5 — Linguas indigenas. 6 — O problema do esperanto. 7 — Da influencia da radiodiffusão.

3ª Sessão: Machado de Assis — Vida e obra de Machado de Assis (commemoração do seu centenário).

4ª Sessão: Direitos autoraes. — 1 — Autores. 2 — Editores. 3 — Obras.

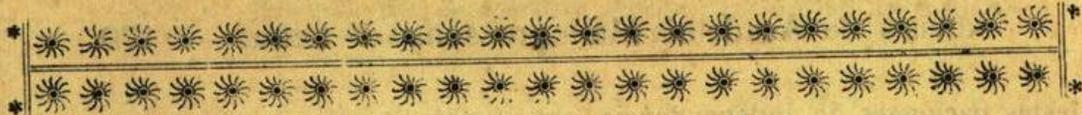
5ª Sessão: Problemas economicos e literosociaes. — 1 — Alphabetização das massas proletarias. 2 — Problemas literarios. 3 — Traducções. 4 — Livro Nacional.

6ª Sessão: Questões culturaes. — 1 — Cultura européa e sua influencia no Brasil. 2 — Intercambio cultural americano. 3 — O problema do theatro no Brasil. 4 — O "Radio" como elemento da diffusão cultural.

7ª Sessão: Bibliographia — 1 — Repositorios e estatisticas bibliographicas populares 4 — Emprestimos de livros a domicilio.



**ACTAS DA ACADEMIA MATOGROS-  
SENSE DE LETRAS**



## Acta da sessão solenne de instalação official e posse da primeira directoria da Academia Mattogrossense de Letras

Aos sete dias do mez de Setembro do anno de mil novecentos trinta e dois, pelas dez horas da manhã, na casa Barão de Melgaço, "reunidos os academicos D. Francisco de Aquino Corrêa, presidente de honra da Academia Mattogrossense de Letras, Desembargador José Barnabé de Mesquita, Doutor Leonidas de Matos, representado pelo Excelentissimo Ser. hor Desembargador Laurentino Chaves, Desembargadores Oscarino Ramos e Octavio Cunha, Professores Philogonio de Paula Corrêa, Francisco Ferreira Mendes, Isaac Póvoas, Franklin Cassiano da Silva, Nilo Povoas e José Raul Vila; presentes tambem altas autoridades excellentissimas familias e cavalheiros, occupou a presidencia da Sessão o Exm. ° e Reem. ° Senr., D. Francisco de Aquino Corrêa presidente de honra da Academia, tomando igualmente assento á mesa que presidi a Sessão o Exmo Snr. Dr. Laurentino Chaves, Secretario Geral do Estado; o Exmo. Senr. Desembargador José de Mesquita, presidente da Academia, e os Senrs. Professores Philogonio Corrêa e Francisco Mendes, respectivamente primeiro e segundo secretarios da Academia.

Ao abrir a Sessão disse o Presidete de honra, D. Aquino Corrêa: "Multiplamente festiva é a data em que nos reunimos, apesar da atmosphera de luto e apreensões, em que actualmente vive e se agita a alma da nacionalidade. Nem se faz mister evocarmos para comprova-lo as grandes

festas nacionaes de Independencia, que todos os annos, lado a lado, pelo Paiz, sacodem as fibras mais intimas do nosso patriotismo, despertando, ao mesmo tempo, por toda parte, esperanças e iniciativas de progresso e grandeza para a Patria. Aqui mesmo, no pequenino ambito deste cenaculo de letras, nos deparam e sobejam motivos do mais sadio jubilo e dos mais benemeridos estimulos. Foi num dia como o de hoje, bem o sabeis, que, ha onze annos, se installou o Centro Mattogrossense de Letras, aggremação de cultores da lingua, que é certo, elemento dos mais poderosos para a unidade, a força e a gloria das raças. — Acontecimento foi esse, pois, que tanto mais avulta, quanto mais sobre elle passa, o tempo, e ficará, por sem duvida, á maneira de marco inconfundivel no roteiro ascensional e luminoso da intellectualidade conterranea. através de dois seculos. — Assim é que de anno em anno, se lhe commemorou aqui a data auniversaria, com os mais lindos festivaes, em que as letras e as artes se davam as mãos, honrando a civilização da nossa gente e despertando, ao mesmo passo, o senso esthetico das novas gerações. — Hoje, entretanto, esta ephemeride, ja historica na literatura indigena, enflora-se de novas galas, ao marcar o ascensão honrosa do Centro ao grau e dignidade de Academia. Era tempo e éra justo que se lhe coroassem, por esta forma, esses onze annos de lucta, que ja representam grande época na existencia das nossas sociedade literarias, equiparando assim o nosso Estado a outros da federação, cujas associações academicas, nem todas podem exhibir fóros mais legitimos *que* os nossos, ao gozo desta regalia. E comquanto seja esse um titulo, que o Centro se confere a si mesmo, prova a consciencia colectiva do proprio vigor e desenvolvimento, como tambem, e sobre tudo, o alto conceito em que é tido e havido na sociedade, perante a qual hoje se apresenta, elevado em Academia. — É, pois, natural que ao abrir a hodierna Sessão eu me congratule com todos os presentes, com os novos academicos, mas, especialmente, com o seu digno presidente, o illustre Desembargador Mesquita, a quem se deve quasi toda a gloria destes dias, em que a sua dourada chrisallida rompe no vôo da borboleta de mil cores, por quanto nelle tódos réconhecemos a alma das nossas organisações literarias, o seu cerebro e o seu coração órgão pensante e motor da sua actividade.

Acima de tudo porem, é-me grato, nesta hora afflictiva para Matto Grosso, nosso caro torrão natal, congratular-me com elle por esta nova época brilhante e promissora, que se lhe abre nos fastos literarios, fazer os mais ardentes votos a Deus, para que a novel Academia, ao mesmo tempo que desempenha a tua alta missão de cultura intellectual, seja tambem um lator sympathico de união, de congrassamento e de cordialidade entre os filhos dos grande Estado, concorrendo assim efficazmente para tornar sempre mais nobre e forte o querido povo da nossa terra. — Está aberta a Sessão. Em seguida foi lida pelo segundo secretario Francisco Mendes, a acta da trans formação do "Centro" em "Academia" e da eleição da sua primeira directoria, declarando, logo após, o presidente de honra installada a Academia e empossada a sua primeira directoria. — Fallaram acerca do magno evento, o Presidente da Academia, Desembargador José de Mesquita, o primeiro secretario Professor Philognio Corrêa e o academico Desembargador Octavio Cunha, que, depois de congratular-se com o seus confrades, leu uma bella pagina literaria "O sertão e o mar," recitando um soneto do Presidente da Academia. — Nada mais havendo a tratar-se, o Senhor Presidente levantou a Sessão. — Em tempo: Tomou tambem assento a mesa que dirigio os trabalhos da installação da Academia, o Senhor Professor, Franklim Cassiano da Silva, Tesoureiro da Academia. (aa) José de Mesquita, Oscarino Ramos, Franklim Cassiano da Silva, Octavio Cunha Philognio de Paula Corrêa, Nilo Póvoa, Francisco Mendes e Isaac Póvoas. —

## Acta da primeira Sessão ordinaria, da Academia Mattogrossense de Letras. —

Aos vinte e dois dias do mez de Outubro do anno de mil novecentos e trinta e dois, reuniram-se em Sessão ordinaria da Academia Mattogrossense de Letras os Senhores academicos, José de Mesquita, Oscarino Ramos-Franklin Cassiano da Silva, Octavio Cunha, Philogonio Corrêa, Nilo Póvoas, Isaac Póvoas e Francisco Mendes. — Assumindo a presidencia o academico José de Mesquita, declarou aberta a Sessão. — Lida e aprovada a acta da Sessão de installação e posse da primeira directoria, no expediente foram lidos officios dos Senhores Doutores Interventor Federal, Arcebispo Metropolitano, Dezembargadores Secretario Geral, e Procurador Geral do Estado, Doutor Juiz Federal, Agentes Consulares, da Allemanha, e da Italia, Bacharel Prefeito Municipal, Advogado Chefe de Policia, Directores da Instrução Publica e da Escola Normal, da Secretaria da Presidencia, da Bibliotheca e Archivo Publicos, do Thesouro do Estado, da Saude Publica, da Escola Aprendizes Artifices, dos Commandantes do 16º Batalhões de Caçadores e da Força Publica, e do primeiro B. C. da mesma, Delegado Fiscal, Consultor Juridico da Fazenda Nacional, Gerente do Banco do Brasil, Inspector Agricola Federal, Promotor da Justiça da Capital, Secretario do Instituto M. G. de Contabilidade e Presidente da Succursal do Circulo dos Operarios da União — agradecendo a communicação da installação e posse da sua primeira directoria e um officio do socio correspondente Gaspar Guimarães, communicando a sua posse na Presidencia do Superior Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas. — Pelo Senhor Presidente, foi lido o minucioso relatorio da ultima phase da "Centro Matto-Grossense de Letras," correspondente ao anno de 1931,-1932. — O senhor Thesoureiro apresentou em mesa o balancete do ultimo exercicio, acompanhado dos respectivos documentos, que lhe foram apresentados pelo procurador, Senhor Bevedicto A. London, sendo encaminhados, por despacho da presidencia, á Commissão de Finanças. Na parte deliberativa, foram tomadas varias providencias e resoluções attinentes á organisação da novél sociedade, tendo o presidente nomeado, uma commissão para elaborar o ante-projecto dos Estatutos, composta dos academicos Philogonio Corrêa, Nilo Póvoas e Franklin Cassiano. — Resolveu-se, ainda, que a Revista passe a publicar-se com a denominação de "Academia, digo, denominação de "Revista da Academia Mattogrossense de Letras"; que os vencimentos do Zelador sejam elevados de 25\$ (vinte e cinco mil reis) a 40\$000 mensaes; que a proxima hora literaria se realize no mez de Novembro; que a "Academia" se fizesse representar por uma Commissão, na chegada do seu vice-presidente, academico Palmyro Pimenta, ficando a mesma constituida dos academicos Oscarino Ramos, Isaac Póvoas e Francisco Mendes. — Sob proposta do academico Nilo Póvoas, unanimemente acolhida, foi resolvido que, nas actas e publicações officiaes da "Academia", sejam abolidos titulos e postos, mencionando-se os membros da Corporação pela simples denominação de "Academicos". — Nada mais havendo a tratar-se, o Senhor presidente levantou a Sessão as 21 1/2 horas. — (aa) José de Mesquita, Philogonio de Paula Corrêa, Isaac Póvoas e Francisco A. Ferreira Mendes. —

## Acta da segunda Sessão ordinaria da Academia Mattogrossense de Letras. —

Aos quatro dias do mez Fevereiro do anno de mil novecentos e trinta e tres, reuniram-se em Sessão ordinaria da Academia Mattogrossense de Letras os Senhores Academicos José de Mesquita, Philogonio Corrêa, Isaac Póvoas e Francisco Mendes. — Assumindo a presidencia o academico José de Mesquita declarou aberta a Sessão, sendo em seguida lida e approvada a acta da Sessão anterior. — No expediente foram lidos officios do Instituto Geographico e Historico da Bahia, Sociedade Capistrano de Abreu, do Instituto Historico Geographico do Pará, do Instituto Historico Geographico Brasileiro, da Sociedade Beneficiente da Santa Casa, desta Capital, agradecendo a communicacão do installacão da Academia; do Centro de Letras do Paraná, do Instituto Riograndense de Letras, do Gemio Literario "Castro Alves de Irára (Bahia), do "Centro Mattogrossense" do Rio, do Club Concordia, "de Trez Lagôas, da Associaçã Commercial Cuiabá, e do "Commercio Esport Club", desta cidade, communicando a posse de suas directorias; dos Senhores Doutor João Ponce de Arruda, Capitão Eudoro Corrêa, Doutor Benjamim Duarte Monteiro e Coronel Alexandre Addôr, communicando as suas posses nos cargos de Prefeito Municipal, Commandante da Guarnição Federal, Promotor Publico e Director da Bibliotheca; do Instituto Historico do Espirito Santo, da Livraria do Congresso Washington e do Senhor Ary Martins, de Porto Alegre, pedindo remessa de publicacões. — Na ordem do dia, foram approvadas as contas do exercicio de 1931 — 1932, de accôrdo com o parecer da respectiva commissão e marcado o dia dezoove de Fevereiro, para inauguraçã do retrato do P. Ernesto C. Barreto, no Galeria dos Patronos. Pelo Senhor Presidente foi adiada a discussão dos Estatutos, por falta do *quorum* necessario. — A Sessão foi encerrada as 21 1/ horas. (1ª) José de Mesquita, João Cunha, Isaac Póvoas, Palmyro Pimenta e Francisco Mendes. —

## Acta da terceira Sessão ordinaria, da Academia Mattogrossense de Letras. —

Aos vinte um (21) dias do mez de Março, do anno de mil novecentos e trinta e tres, às vinte horas, em sua séde Social, "Casa Barão de Melgaço", effectuou-se a terceira (3ª) Sessão ordinaria da Academia Mattogrossense de Letras, com a presenca dos Academicos José de Mesquita, João Cunha, Palmiro Pimenta, Isac Póvoas e Francisco Mendes, tendo-se feito representar os Academicos Dom Aquino Corrêa e Octavio Cunha. — No expe-

diente, foram lidos officios da Academia Mineira de Letras, communicando a posse da sua nova Directoria, do Gremio Literario "Castro Alves", de Irará (Bahia), agradecendo a remessa de publicações, da Sucursal do Centro Operario da União, convidando para a posse de sua mesa, e accusados o recebimento do Relatório de Inspector do ensino municipal de Corumbá; e de varios livros offercidos á Bibliotheca, pelo Senhor Rubens de Mendonça. — Passando-se á ordem do dia procedeu-se a primeira discussão do Ante-projecto dos Estatutos, offercido pela commissão elaboradora composta dos academicos Nilo Póvoas, Philogonio Corrêa e Franklin Cassiano, o qual, com pequenas modificações, foi approvedo. — O Presidente deu conta á Casa das providencias que vêm sendo tomadas pela Mesa, conjunctamente com a Directoria do Instituto Historico, para a construcção do Sa'ão de Conferencias, na Séde "Social," contando com promessa do Senhor Interventor Federal de levar a effeito esse grande melhoramento. Comunicou igualmente que deverá entrar para o prélo, em breves dias o primeiro numero da "Revista," para a qual solicitou a collaboração dos academicos presentes. — E nada mais havendo a tratar-se o Senhor presidente levantou a sessão ás 21 horas. — (Assignados) José de Mesquita, Franklim Cassiano da Silva, Palmiro Pimenta, Octavio Cunha, Philogonio de Paula Corrêa, Isaac Póvoas e Francisco Mendes. —

## Acta da quarta Sessão ordinaria da Academia Mattogrossense de Letras. —

Aos (29) vinte e nove dias do mez de Março do anno de mil novecentos e trinta e trez, ás 20 horas, em sua Séde Social "Casa Barão de Melgaço," effectuou-se a quarta Sessão ordinaria, da Academia Mattogrossense de Letras, com a presença dos Academicos José de Mesquita, Palmiro Pimenta, Philogonio Corrêa, Octavio Cunha, Franklim Cassiano, Isac Póvoas e Francisco Mendes. — Lida e approveda a acta da Sessão anterior, foi dado conta do expediente, constando de um officio do Senhor C. Rinke, communicando a sua posse no cargo de Inspector de Luz e Agua, e da oferta de vinte um (21) volumes de obras diversas para a Bibliotheca, feita pela Exm<sup>a</sup>. Senhora Professora Azelia M. de M. Mello. — Na ordem do dia, procedeu-se a discussão, artigo por artigo, do projecto dos Estatutos, ao qual foram apresentadas varias emendas, sendo afinal, approvedo, ficando dependendo da terceira e ultima discussão. E, nada mais havendo a tratar-se, o Senhor Presidente encerrou a Sessão as vinte uma horas (21) Assignados) José de Mesquita, Octavio Cunha, Isacpovoas, Oscarino Ramos, Palmiro Pimenta, Francisco Mendes, Philogonio de Paula Corrêa.

## Acta da quinta Sessão ordinaria da Academia Mattogrossense de Letras. —

Aos vinte e dois (22) dias do mez de Abril do anno de mil novecentos e trinta e trez, ás 19 (dezenove) horas, em sua sede social "Casa Barão

de Melgaço," effectuou-se a quinta Sessão ordinaria da Academia Matto Grossense de Letras, a ella comparecendo os Senhores Academicos José de Mesquita, presidente, Philogonio Corrêa, Palmiro Pimenta, Octavio Cunha, Oscarino Ramos, Isac Póvoas e Francisco Mendes. — Lida e aprovada a acta da Sessão anterior, foram no expediente, lidos um officio do Capitão Eudoro Corrêa, Commandante do 16 B. C., apresentando as despedidas daquela unidade do Exercito que seguia para o Sul do Estado, e outro do Instituto Historico de São Paulo, communicando a posse de sua nova directoria. Foi tambem accusada a offerta de varias obras para a Bibliotheca, feita pelos Senhores Capitão Martinho da Costa Teixeira e Rubens de Mendonça. — Na ordem do dia, foi votada, sem alteração, a redacção dos Estatutos, tendo o Senhor presidente declarado que a Mesa iria promover a publicação, dos mesmos, no órgão official do Estado, para a devida inscripção da Academia como pessoa juridica. — Foi marcada para o dia quatorze de Maio, a realização de uma "hora literaria", para nesse dia inaugurar-se, na Galeria dos Patronos, o retrato de "Couto de Magalhães," da cadeira nº 4, de que é occupante o academico José de Mesquita, presidente da Academia Mattogrossense de Letras. — E, nada mais havendo a tratar-se, o Senhor presidente encerrou a Sessão ás (20) vinte horas. — (Assignados) José de Mesquita, Palmiro Pimenta, Octavio Cunha, Oscarino Ramos, Philogonio de Paula Corrêa, Francisco Mendes. —

## Acta da sexta Sessão ordinaria da Academia Mattogrossense de Letras. —

Aos (20) vinte dias do mez de Julho do anno de mil e novecentos e trinta e trez, as vinte horas, em sua sede Social "Casa Barão de Melgaço," effectuou-se a Sexta Sessão ordinaria da Academia Mattogrossense de Letras, a ella comparecendo os Academicos José Mesquita, Palmiro Pimenta, Octavio Cunha, Oscarino Ramos, Philogonio Corrêa e Francisco Mendes. Após a leitura e approvação da Acta da ultima Sessão, passou-se ao expediente que constou do seguinte: Carta da Exma. viuva João Cunha, agradecendo as hamenagens prestadas ao seu esposo; Communicações de posse, firmadas pelo Doutor Benjamim Duarte Monteiro, director da Typographia Official; senhorinha Hebe Corrêa de Almeida, presidente da A. de Normalistas; Frederico A. Müller, presidente da mesa provisoria, e Doutor Lamartine Mendes, presidente eleito do "Centro matogrossense" de São Paulo; Edmundo de Mello Lima, secretario da Associação Potiguar de Estudantes; Benedicto O. Pinto, da Loja "Acacia Cuyabana;" Nilo Tavares, secretario da Bibliotheca Pedro 2º; J. Perdigão Nogueira, secretario do Centro Educacional Russano; officios dos Senhores Mario Wanden Bosch, Secretario da Centro Mattogrossense de São Paulo, dando sciencia de haver sido nomeado Delegado desse Centro em Cuyabá, o Senhor Newton F. Cabral; do Doutor Oscar C. Pina, pedindo, como Bibliothecario do mesmo Centro, remessa dos trabalhos dos Academicos; e do Senhor M. A. Teixeira de Freitas, director geral da Secção de Estatistica do M. de Educação remettendo fórmulas para serem prehendidas. — O Academico Oscarino Ramos, proferio comovida oração propondo um voto de pezar pelo infausto passamento do Academico João Cunha, e tendo sido unanimemente approvada a proposta, o Senhor presidente votou, acampanhado pelos presentes, no sentido de se transcreveram na acta — as palavras do Academico Oscarino Ramos, que se seguem: "Senhor Presidente. —

os e trinta e trez, em sua sede social "Casa Barão de Melgaço" (dezoito) horas, ás 20

Precisamente no dia treze do mez passado — data gnerreira nos fastos mattogrossenses — o nosso Estado enluctava-se vendo desaparecer da fileira dos propugnadores da sua grandesa, a figura inconfundivel do seu dilecto filho, João Cunha. Da irreparabilidade dessa perda para o patrimonio moral, publico e cultural da nossa terra, ja o disse a imprensa — a vocalisação, por excellencia, do sentimento collectivo — e, diante ao tumulo ainda aberto, proclamaram as palavras justas, sentidas e sinceras de V. Exia, e dois outros Confrades. Pouco me resta dizer, portanto, hoje, que pela primeira vez, nos reunimos depois daquelle luctuoso acontecimento, acerca da personalidade do saudoso morto. Socio fundador da nossa Academia, unica deixou de prestigia-la com a sua cultura, com a sua presença, com a sua perseverança no desempenho do Cargo de membro da Comissão de Finanças. — Deixa entre nós, seus companheiros e Amigos, no seu seio da Sociedade Cuyabana, quiçã mattogrossense, a lembrança de uma delicada Crea-tura que se fez estimar, não pelo fascinio do poder e do ouro, mas, pela sua incommensuravel bondade e modestia. — Dahi a difficuldade de se procurar na obra do extincto os vertices proeminentes. Mas, ella ahí está, esparsa como pollen, boiando na athmosphera translucida, a procura de outras arvores para fecundar, florir e fructificar. — E' com profunda magua, Senhor presidente, que eu vejo, ao nosso lado, deserta, a cadeira que o rosso querido consocio occupava. — Por isso, eu peço a Vossa excellencia que consulte aos meus illustres confrades si concordam que, na acta da nossa reunião de hoje, se consigue um voto de profundo pesar, pelo passamento do do nosso inesquecivel companheiro. — O presidente deu conta á casa de ja ter sido feito registro da "Academia" como personalidade juridica, e bem assim de achar-se quasi prompto o primeiro numero da Revista. — Foi nomeado para substituir o academico João Cunha, na commissão de Finanças, o academico Allyrio de Figueiredo, e designado o dia vinte de Agosto para se effectuar uma "hora literaria". — O academico Philogonio Corrêa, fez a leitura de um interessante e opportuno trabalho da sua lavra acerca do momentoso assumpto da divisão territorial do Paiz, trabalho que causou aos presentes, a mais grata impressão. E, nada mais havendo a tratar-se, o Senhor presidente encarrrou a Sessão ás (21) vinte e uma horas (Assignados) J. de Mesquita, Nilo Póvoas, Oscarino Ramos, Octavio Cunha e Francisco Mendes.

